



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ
CAMPUS UBAJARA

PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO - PPC
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA

UBAJARA, 2018



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ
CAMPUS UBAJARA

REITOR

VIRGÍLIO AUGUSTO SALES ARARIPE

PRÓ-REITOR DE ENSINO

REUBER SARAIVA DE SANTIAGO

PRÓ - REITORA DE EXTENSÃO

ZANDRA MARIA RIBEIRO MENDES DUMARESQ

PRÓ - REITOR DE PESQUISA E INOVAÇÃO

JOSÉ WALLY MENDONÇA MENEZES

DIRETOR GERAL

ULISSES COSTA DE VASCONCELOS

DIRETOR DE ENSINO

MARIO DE OLIVEIRA REBOUÇAS NETO

DIRETOR DE ADMINISTRAÇÃO

MARCO HENRIQUE DE BRITO MUDO

COORDENADOR DE PESQUISA E EXTENSÃO

THAMILY MAGALHÃES DIAS

EQUIPE RESPONSÁVEL PELA ELABORAÇÃO DO PROJETO DO CURSO

COLEGIADOS DO CURSO TECNOLÓGICO EM AGROINDÚSTRIA (PORTARIA Nº 133/GAB-UBA/DG-UBA/UBAJARA, DE 05 DE DEZEMBRO DE 2018).

DRA. CLÁUDIA PATRÍCIA MOURÃO LIMA FONTES- 40 h – DE

DOCENTE ÁREA TÉCNICA-PRESIDENTE

MS. TARCÍSIO JOSÉ DOMINGOS COUTINHO - 40 h – DE

DOCENTE ÁREA BÁSICA – MEMBRO TITULAR

CINTHYA SUELY MIRANDA SARAIVA DE CARVALHO

PEDAGOGA – TITULAR

DR. MARIO DE OLIVEIRA REBOUÇAS NETO - 40 h – DE

DOCENTE ÁREA TÉCNICA – MEMBRO TITULAR

DRA. ÉRICA MILÔ DE FREITAS FELIPE ROCHA - 40 h – DE

DOCENTE ÁREA TÉCNICA – MEMBRO TITULAR

DRA ANTONIA GISLAINE BRITO MARQUES ALBUQUERQUE - 40 h - DE

DOCENTE ÁREA TÉCNICA – MEMBRO TITULAR

KACIO LIMA EVANGELISTA

DOCENTE ÁREA BÁSICA – MEMBRO SUPLENTE

MS JULLIETE RAULINO ALCÂNTARA - 40 h – DE

DOCENTE ÁREA TÉCNICA – MEMBRO SUPLENTE

ANDERSON DOUGLAS FREITAS PREDOSA

DOCENTE ÁREA BÁSICA – MEMBRO SUPLENTE

LUIZ CARLOS MELO GOMES

TÉCNICO EM ASSUNTOS EDUCACIONAIS – MEMBRO SUPLENTE

ARTUR SOUSA DA SILVA

DISCENTE TITULAR

FRANCISCO RÔMULO CARDOSO DE SOUSA

DISCENTE TITULAR

MARIA GRACIELE RODRIGUES DIAS

DISCENTE SUPLENTE

ANA BEATRIZ SILVA RODRIGUES

DISCENTE SUPLENTE

NÚCLEOS DOCENTES ESTRUTURANTE DO CURSO TECNOLÓGICO EM AGROINDÚSTRIA (PORTARIA nº 131/GAB-UBA/DG-UBA/UBAJARA, DE 08 DE novembro de 2018).

DRA ANA VALQUÍRIA VASCONCELOS DA FONSECA BRANDÃO - 40 h - DE

DOCENTE ÁREA TÉCNICA - PRESIDENTE

DRA CLÁUDIA PATRÍCIA MOURÃO LIMA FONTES - 40 h - DE

DOCENTE ÁREA TÉCNICA - COORDENADOR DO CURSO

DRA ANTONIA GISLAINE BRITO MARQUES ALBUQUERQUE - 40 h - DE

DOCENTE ÁREA TÉCNICA

MS JULLIETE RAULINO ALCÂNTARA - 40 h - DE

DOCENTE ÁREA TÉCNICA

DR MARIO DE OLIVEIRA REBOUÇAS NETO - 40 h - DE

DOCENTE ÁREA TÉCNICA

MS EUGÊNIA VALE DE PAULA - 40 h - DE

DOCENTE ÁREA TÉCNICA

DRA ÉRICA MILÔ DE FREITAS FELIPE ROCHA - 40 h - DE

DOCENTE ÁREA TÉCNICA

MS TARCÍSIO JOSÉ DOMINGOS COUTINHO - 40 h - DE

DOCENTE ÁREA COMUM

KACIO DE LIMA EVANGELISTA - 40 h - DE

DOCENTE ÁREA COMUM

SUMÁRIO

1. DADOS DO CURSO	7
2 HISTÓRICO DE ELABORAÇÃO E ATUALIZAÇÃO DO CURSO	8
2.1 APRESENTAÇÃO	8
2.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO	10
3 JUSTIFICATIVA PARA A CRIAÇÃO DO CURSO	14
4 FUNDAMENTAÇÃO LEGAL	15
5 OBJETIVOS DO CURSO	17
6 FORMAS DE INGRESSO	18
7 ÁREAS DE ATUAÇÃO	18
8 PERFIL ESPERADO DO FUTURO PROFISSIONAL	19
9 METODOLOGIA	20
10 ESTRUTURA CURRICULAR	21
10.1 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR	21
10.2 MATRIZ CURRICULAR	26
11 FLUXOGRAMA CURRICULAR	32
12 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM	32
13 ESTÁGIO	34
20 CORPO DOCENTE	46
20.2 Regime de Trabalho do Coordenador do Curso	51
20.2.1 Plano de ação do coordenador de curso	51
21 CORPO TÉCNICO ADMINISTRATIVO	52
22 INFRAESTRUTURA	53
22.1 BIBLIOTECA	53
22.2 INFRAESTRUTURA FÍSICA E RECURSOS MATERIAIS	54
22.2.1 DISTRIBUIÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO EXISTENTE PARA O CURSO	54
22.2.2. OUTROS RECURSOS MATERIAIS	55
22.3 INFRAESTRUTURA DE LABORATÓRIOS DE INFORMÁTICA CONECTADO À INTERNET	56
22.4 LABORATÓRIOS ESPECÍFICOS À ÁREA DO CURSO	57

1. DADOS DO CURSO

- Identificação da Instituição de Ensino

Nome: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - <i>Campus Ubajara</i>		
CNPJ: 10.744.098/0001-45		
Endereço: Rua Luís Cunha, s/n, Ubajara, Ceará, CEP: 62350-000		
Cidade: Ubajara	UF: CE	Fone: (88) 3634-9600 / 9603
E-mail: gabinete.ubajara@ifce.edu.br	Página institucional na internet: http://ifce.edu.br/ubajara	

- Informações gerais do curso

Denominação	Tecnologia em Agroindústria
Titulação conferida	Tecnólogo em Agroindústria
Nível	() Médio (x) Superior
Modalidade	(x) Presencial () A distância
Duração	Mínimo (7) semestres e máximo (10) semestres
Periodicidade	(x) Semestral () Anual
Formas de ingresso	(x) Sisu () vestibular (x) transferência (x) diplomado
Número de vagas anuais	70
Turno de funcionamento	() matutino () vespertino () noturno (X) integral () não se aplica
Ano e semestre do início do funcionamento	2016.1
Carga horária dos	2400

Componentes curriculares (disciplinas)	
Carga horária do estágio	300
Carga horária das Atividades complementares	120
Carga horária do Trabalho de Conclusão do Curso	Não se aplica
Carga horária total	2820
Sistema de carga horária	01 crédito = 20h
Duração da hora-aula	60 min

2 HISTÓRICO DE ELABORAÇÃO E ATUALIZAÇÃO DO CURSO

2.1 APRESENTAÇÃO

O presente documento se constitui do Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Agroindústria, na modalidade presencial, referente à área de estudo de produção alimentícia do Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia.

Este projeto pedagógico de curso se propõe a definir as diretrizes pedagógicas para a organização e funcionamento do referido curso, baseado nos princípios norteadores da modalidade da educação profissional e tecnológica brasileira, explicitados na LDB nº 9.394/96 e atualizada pela Lei nº 11.741/08, bem como, nas resoluções e decretos que normatizam a Educação Profissional Tecnológica de Graduação. Atendendo, assim, o perfil do profissional estipulado pelo MEC no Catálogo Nacional dos Cursos Superiores de Tecnologia em 2016.

Adotando esta estrutura pedagógica e administrativa que será apresentada neste documento e contando com servidores comprometidos com os princípios do tripé ensino, pesquisa e extensão, o *Campus* de Ubajara procura formar profissionais qualificados não somente para o mundo do trabalho, mas também cidadãos aptos para a vida social e política, além de contribuir para o desenvolvimento dos diferentes arranjos produtivos da Serra da Ibiapaba.

O Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Agroindústria trata-se do documento norteador das ações que permeiam o curso. O objetivo do PPC é definir diretrizes, princípios e concepções didático-pedagógicas para a organização e o funcionamento do respectivo curso, conforme legislação vigente.

Este Projeto de Curso foi inicialmente pensado pela Comissão de Elaboração do Projeto do Curso Superior de Tecnologia em Agroindústria do IFCE - *Campus Ubajara*, formada por 7 (sete) docentes, sendo eles: Amanda Mazza Cruz de Oliveira, Antônio Evamir Cavalcante Sousa, Carlos Eliardo Barros Cavalcante, Maria Jacqueline do Nascimento Mendonça, Masu Capistrano Camurça Portela, Otília Mônica Alves Borges Oliveira e Patrícia Campos Mesquita, conforme Portaria 10/GDG de 12 de fevereiro de 2015.

Além destes, lista-se a seguir os docentes e técnicos administrativos colaboradores com a criação deste Projeto de Curso: Agamenon Carneiro da Silva, Carlos Henrique Sales Martins, Érika Taciana Santana Ribeiro, José Eranildo Teles do Nascimento, José Rodrigues do Nascimento Neto, Marco Henrique de Brito Mudo, Mirla Dayanny Pinto Farias, Renato da Cunha Gomes, Ulisses Costa de Vasconcelos, Wellington Viana de Sousa, Cinthya Suely Miranda Saraiva de Carvalho, Katiana Macedo Cavalcante de Paula e Fernanda Holanda Borges.

Em 2018, o Projeto do Curso foi atualizado pela equipe composta pelo Núcleo Docente Estruturante - NDE do curso de Agroindústria, segundo Portaria Nº 45/GDG, 09 DE ABRIL DE 2018.

A agroindústria é o conjunto de atividades relacionadas à transformação de matérias-primas provenientes da agricultura, pecuária, aquicultura ou silvicultura. O grau de transformação varia amplamente em função dos objetivos das empresas agroindustriais. Para cada uma dessas matérias-primas, a agroindústria é um segmento da cadeia que vai desde o fornecimento de insumos agrícolas até o consumidor.

O Curso Superior de Tecnologia em Agroindústria do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Ceará – *Campus Ubajara* tem o objetivo de preparar, formar e qualificar profissionais com competências para desempenhar atividades voltadas para o planejamento, elaboração, gerenciamento e manutenção dos processos relacionados ao beneficiamento, industrialização e conservação de alimentos na perspectiva de viabilidade econômica e preservação ambiental, nas mais

diversas áreas do setor alimentício: laticínios, carnes, grãos, cereais, bebidas, frutas e hortaliças. O profissional auxilia e atua também na elaboração, aplicação e avaliação de programas preventivos de higienização e sanitização da produção agroindustrial, sempre objetivando a diminuição do impacto ambiental dos processos utilizados nas mais diversas agroindústrias, além de ser capaz de acompanhar os programas de manutenção de equipamentos na agroindústria, implementar e gerenciar sistemas de controle de qualidade.

A atuação do Tecnólogo em Agroindústria está vinculada também a empresas de beneficiamento de produtos de origem animal e vegetal, colaborando em estudos de implantação e desenvolvimento de projetos economicamente viáveis, ocupando-se, ainda, da gestão de atividades referentes ao emprego adequado de equipamentos agroindustriais, em pesquisa e desenvolvimento de tecnologias alternativas para aproveitamento de produtos e subprodutos agropecuários, sempre contemplando o aspecto ambiental.

Sendo assim, este documento apresenta as conjecturas teóricas, metodológicas e didático-pedagógicas estruturantes da proposta do curso.

2.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), uma instituição de educação superior, básica e profissional, pluricurricular e multicampi, especializada na oferta de educação profissional e tecnológica, nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos com a prática pedagógica. Com sua reitoria sediada em Fortaleza, o IFCE foi criado nos termos da Lei. N^o 11.892, de 29 de dezembro de 2008, mediante a integração do Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará com as Escolas Agrotécnicas Federais de Crato e de Iguatu, vinculado ao Ministério da Educação, surgindo como uma autarquia de regime especial de base educacional humanístico técnico-científica.

Para efeito da incidência das disposições que regem a regulação, avaliação e supervisão da instituição e dos cursos de educação superior, o IFCE é equiparado às universidades federais.

Possui a missão de produzir, disseminar e aplicar os conhecimentos científicos e tecnológicos na busca de participar integralmente da formação do cidadão, tornando-a mais completa, visando sua total inserção social, política, cultural e ética.

Tem a visão de tornar-se padrão de excelência no ensino, pesquisa e extensão na área de Ciência e Tecnologia. Nas suas atividades, o IFCE valoriza o compromisso ético com responsabilidade social, o respeito, a transparência, a excelência e a determinação em suas ações, em consonância com os preceitos básicos de cidadania e humanismo, com liberdade de expressão, com os sentimentos de solidariedade, com a cultura da inovação, com ideias fixas na sustentabilidade ambiental.

A Serra da Ibiapaba, também conhecida como Serra Grande, é uma região atraente em riquezas naturais que já foi habitada por diversas etnias indígenas. Habitada inicialmente por índios tabajaras e tapuias, teve sua natureza retratada em livros como Iracema, de José de Alencar.

A Região da Ibiapaba é uma das microrregiões do Ceará pertencente à mesorregião do Noroeste Cearense (IPECE, 2017). Possui uma área total de 5.071,142 km² e está dividida em oito municípios: Carnaubal, Croatá, Guaraciaba do Norte, Ibiapina, São Benedito, Tianguá, Viçosa do Ceará e Ubajara (IPECE, 2017). Localiza-se a noroeste do Estado do Ceará, estando situada a cerca de 330 km da capital, Fortaleza, via BR-222 e CE-187. Possui altitude de 847,5 m acima do nível do mar, chegando em determinados locais a ultrapassar os 900 m (SANTOS; NASCIMENTO, 2016), e temperatura média de 24° C, podendo chegar a 17° C no período noturno (CEARÁ/SDLR, 2016a).

A serra da Ibiapaba se destaca como uma grande fornecedora de gêneros que envolvem a agricultura, uma vez que se destaca pela produção de café, feijão, milho, mandioca, banana, abacate e hortaliças em geral, devido à excelente situação orográfica e oferta de água que acontece durante todo o ano (BRASIL/CPMR, 1998). Exemplo de grande oferta de água, pode-se relatar o açude Jaburu, localizado no município de Ubajara, que abastece toda a microrregião da Ibiapaba (SANTOS; NASCIMENTO, 2017).

A região da Ibiapaba é também grande produtora de cana-de-açúcar, possuindo vários engenhos para a produção de seus derivados, como por exemplo, cachaça, rapadura, mel, puxa, alfenim, entre outros (CEARÁ, 2016).

Em relação à pecuária, na serra da Ibiapaba concentra os maiores rebanhos de equinos, asininos, muares e ovinos no município de Ipu, suínos em Viçosa do Ceará e produção avícola nos municípios de Tianguá e Ubajara (BRASIL/ICMBio, 2018). O clima e a diversidade da flora da região possibilitam alto potencial de exploração da produção de mel de abelha ainda não explorado pela região e que muitas vezes é aproveitado pelos produtores do Piauí.

Historicamente, produtos processados são atrativos aos turistas que aportam na região, uma vez que, por exemplo, na cidade mais antiga da serra, Viçosa do Ceará, apresenta grande apelo turístico pela culinária local que engloba os doces, geleias, bebidas (licores e aguardente) e biscoitos de polvilho, popularmente chamados de peta, mostrando a grande influência das agroindústrias de alimentos na região. Em Tianguá, destacam-se as agroindústrias de processamento, como por exemplo vestuário, alimentos e bebidas, assim como em Ubajara e São Benedito que possuem agroindústrias relacionadas à produção de sucos, ração e alimentos (BRASIL/ICMBio, 2018).

Além disso, os municípios de Tianguá, Ubajara, São Benedito e Guaraciaba do Norte, se destacam pelo arranjo produtivo de flores, onde se pode encontrar 12 unidades produtivas, onde 03 unidades são geridas por produtores locais de pequeno porte, 08 por grandes empresas e 01 é gerenciada por uma associação do projeto Caminhos de Israel da SEAGRI, com volume de produção de 470.000 hastes / mês, sendo 80% rosas (CEARÁ/SDLR, 2016b). O clima da região permite que a produção seja voltada para flores de clima temperado, principalmente rosas, onde através dos incentivos do Governo do Estado do Ceará, foram atraídos investidores, como por exemplo, a empresa Cearosa no ano 2000 e Reijers em 2002, que por sua vez foi a primeira a exportar rosas (CEARÁ/SDLR, 2016b).

Diante do exposto, o *campus* de Ubajara, localizado no município de Ubajara (Figura 1), situado na Região Norte do Estado do Ceará, na microrregião da Ibiapaba, iniciou suas atividades em 2012 como *Campus* avançado, vinculado ao *Campus* de Sobral. Ofertou inicialmente o curso técnico em alimentos (área da produção

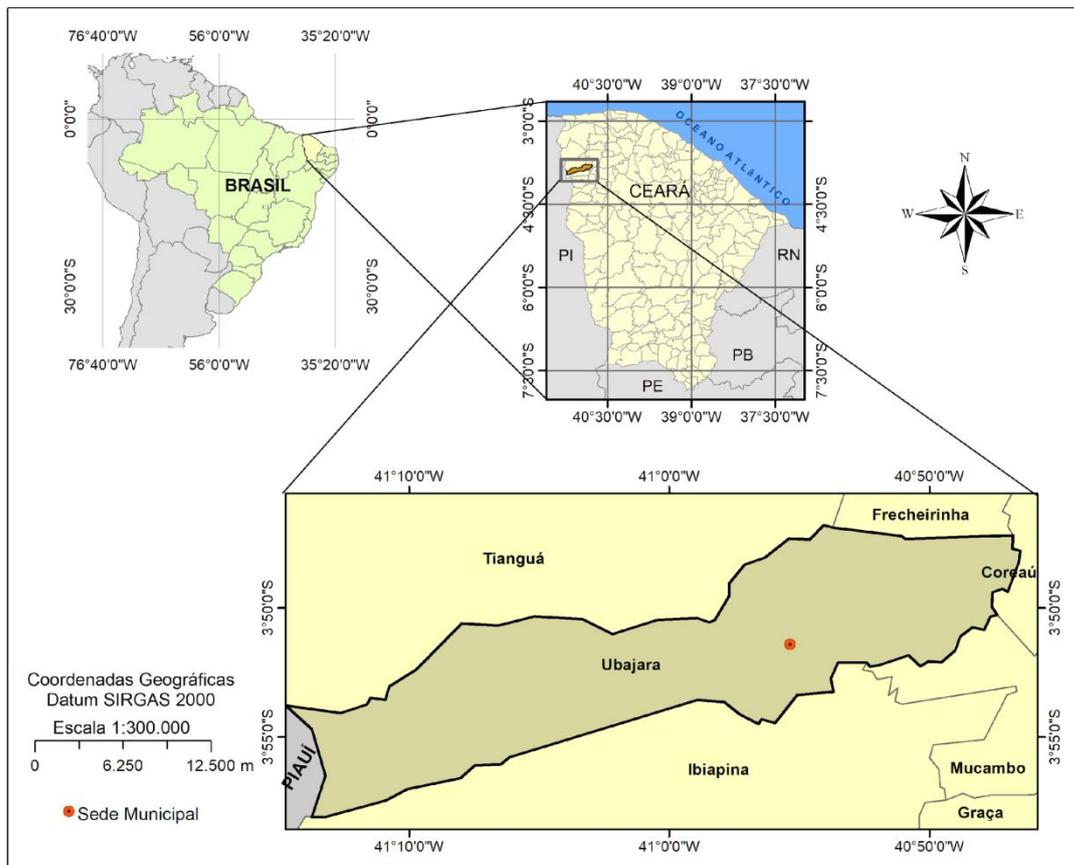
alimentícia) objetivando a melhoria, o desenvolvimento da região e oportunizando para a comunidade local um curso nesta área de atuação.

No ano de 2013 o *campus* avançado conquistou sua autonomia e passou a figurar como *campus* independente, conquista esta possibilitada pela gradativa estruturação física, aumento do número de servidores e realizações feitas por cada um destes em suas respectivas áreas e setores de atuação.

Considerando a característica dos Institutos Federais de Educação de se ofertar cursos sempre sintonizados com as realidades e necessidades regionais, a escolha de todos os cursos que são ofertados foi precedida de audiências públicas, com o intuito de identificar as necessidades da sociedade local, elevar o desenvolvimento dos arranjos produtivos e disponibilizar educação profissional e tecnológica de qualidade aos jovens da região da Ibiapaba. Atualmente o *campus* de Ubajara oferta os seguintes cursos: Técnico em Alimentos, Tecnologia em Agroindústria, Licenciatura em Química e Tecnologia em Gastronomia.

Oferta ainda em todos os seus cursos uma educação pautada nos princípios da excelência, da cidadania, do humanismo, da inovação, do empreendedorismo, da liberdade de expressão e da socialização do saber através do conhecimento desenvolvido de forma interdisciplinar.

Figura 1- Localização do município de Ubajara



Com isso, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia em seu *campus* Ubajara busca aproveitar as riquezas supracitadas da região através do Curso Superior de Tecnologia em Agroindústria, com o intuito de formar profissionais de excelência na área de beneficiamento de produtos oriundos da cadeia produtiva de alimentos e com isso auxiliar no desenvolvimento da região.

3 JUSTIFICATIVA PARA A CRIAÇÃO DO CURSO

Atualmente no Brasil existem, segundo dados do INEP (2016), 19 cursos de graduação em Agroindústria, nas modalidades bacharelado e tecnológico. Dentre os cursos de Graduação em Agroindústria, existe a predominância na oferta dos cursos de tecnologia em detrimento aos de bacharelado. Somente 09 cursos de graduação

em Agroindústria estão situados na região nordeste, inexistindo tal curso no estado do Ceará.

A escolha do curso deu-se por meio de audiência pública ocorrida no dia 31 de outubro de 2012, na qual foi reconhecida pela comunidade, autoridades e instituições a importância da implantação do curso de Agroindústria para o desenvolvimento regional. A partir da resolução nº 10, de 04 de março de 2016 foi aprovada a criação do curso superior em Tecnologia em Agroindústria do *Campus Ubajara*.

Este curso é pertencente ao eixo tecnológico de Produção Alimentícia, compreendendo tecnologias relacionadas ao beneficiamento e industrialização de alimentos e bebidas, além de abranger ações de planejamento, operação, implantação e gerenciamento, dentre outras concernentes ao eixo. Essa é uma oportunidade de formação de profissionais que vão atuar em empresas de beneficiamento de produtos de origem animal e vegetal, existentes na região.

Vale salientar que o referido curso está inserido em uma região que possui 146.516 habitantes da zona rural, com 393 famílias assentadas, 21.475 de estabelecimentos da agricultura familiar e 62.875 colaboradores ocupados na agricultura familiar (BRASIL, 2010; BRASIL, 2014). Paralelo a esses dados, a região da Ibiapaba é um grande fornecedor de matérias-primas para as indústrias de alimentos, bem como para centrais de abastecimento e para o setor atacadista.

Dessa forma, destaca-se a necessidade da capacitação e incentivo dos moradores da região para as técnicas que envolvam a produção, beneficiamento e gestão dos recursos.

Assim o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Campus Ubajara, vem através deste apresentar o projeto pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Agroindústria.

4 FUNDAMENTAÇÃO LEGAL

O Curso Superior de Tecnologia em Agroindústria atende ao disposto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) Lei nº 9.394/1996, na Resolução CNE/CP nº 3, de 18 de dezembro de 2002, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a organização e o funcionamento dos cursos superiores de

tecnologia e na Resolução CNE/CES nº 2, de 18 de junho de 2007, que dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial.

Fundamenta-se ainda nas seguintes normas:

- a) Lei nº 9.536/1997, que regulamenta o parágrafo único do art. 49 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996;
- b) Resolução CNE/CP nº 02/2012, que trata da Educação Ambiental;
- c) Lei nº 10.098/2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências;
- d) Decreto nº 5.626/2005, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS);
- e) Resolução CNE/CP nº 1/2004, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana;
- f) Lei nº 10.861/2004, que institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES);
- g) Lei nº 11.788/2008, que dispõe sobre estágios;
- h) Lei nº 11.892/2008, que cria os Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia;
- i) Lei nº 12.764/2012, que Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista;
- j) Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação;
- k) Decreto nº 5.154/2004, que regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional;
- l) Decreto nº 5.296/2004, que regulamenta as leis que trata da educação inclusiva;
- m) Decreto nº 9.235/2017, dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação das instituições de educação superior e dos cursos superiores de graduação e de pós-graduação no sistema federal de ensino;
- n) Portaria Normativa MEC nº 40/2007, que institui o e-MEC, sistema eletrônico de fluxo de trabalho e gerenciamento de informações aos processos de regulação, avaliação e supervisão da educação superior no sistema federal de educação e o cadastro e-MEC de Instituições e Cursos Superiores e consolida disposições sobre

indicadores de qualidade, banco de avaliadores (BASIS) e Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) e outras disposições;

o) Resolução CNE/CP nº 08/2012, que trata da Educação em Direitos Humanos;

p) Resolução CONAES nº 1/2010, que normatiza o núcleo docente estruturante e dá outras providências;

q) Portaria nº 413, de 11 de maio de 2016, que aprova em extrato o Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia;

r) Decreto nº 4.281/2002, que institui as Políticas de Educação Ambiental;

s) Regulamento da Organização Didática do Instituto Federal do Ceará, aprovada pela Resolução CONSUP nº 35, de 22 de junho de 2015.

Através das questões acima descritas, nossa Instituição busca promover uma formação acadêmica voltada para o desenvolvimento de valores, ações de respeito e compromisso ético, seja com o próprio estudante ou com toda a comunidade.

5 OBJETIVOS DO CURSO

- Objetivo geral:

O Curso Superior de Tecnologia em Agroindústria do *Campus* Ubajara tem por objetivo, formar profissionais com conhecimento sólido em tecnologia, planejamento, gestão, supervisão e execução de atividades voltadas para a produção animal e vegetal, para os processos agroindustriais, para a qualidade e segurança de produtos e para as atividades do mercado.

- Objetivos específicos:

- ✓ Conhecer o funcionamento das cadeias de produção agroalimentar;
- ✓ Planejar, executar, gerenciar e supervisionar processos agroindustriais;
- ✓ Promover o desenvolvimento sustentável da região, abrangendo os compromissos sociais e ambientais;
- ✓ Desenvolver competências para atuar em consultorias e assessorias à processos agroindustriais;
- ✓ Construir e aprimorar informações sobre o processamento e a conservação dos diversos grupos de alimentos;
- ✓ Empreender dentro da cadeia de produção;

- ✓ Promover a realização de pesquisas na área de agroindústria para desenvolvimento tecnológico e inovação, visando a melhoria da qualidade e garantindo a segurança alimentar;
- ✓ Construir conceitos sobre os principais agentes de alteração dos produtos alimentícios;
- ✓ Despertar o espírito empreendedor do futuro profissional, por meio do estímulo a percepção de oportunidades de negócios;
- ✓ Atuar com profissionalismo e ética, de forma criativa em ambientes agroindustriais;
- ✓ Compreender e posicionar-se enquanto cidadão-profissional no contexto de uma sociedade estruturalmente complexa, de classes, com diversidades culturais, econômicas e sociais.

6 FORMAS DE INGRESSO

O curso de Tecnologia em Agroindústria é destinado para quem concluiu o Ensino Médio ou curso equivalente. O ingresso será feito conforme instituído pelo Regulamento da Organização Didática – ROD do IFCE, em seu artigo art. 45, no qual define o ingresso por meio do Sistema de Seleção Unificada (SISU); processos seletivos regulares ou Edital Público. Pode ocorrer também a admissão por processos seletivos específicos para diplomados ou transferidos internos/ externos. O curso prevê o ingresso semestral de 35 alunos no horário vespertino.

As demais prerrogativas sobre formas de acesso são orientadas conforme dispõe o artigo 46, do ROD, no qual se refere a ocupação de vagas no IFCE, os quais deverão ser normatizados por meio de editais públicos que contenham os critérios de seleção, o número de vagas para cada curso e o nível de ensino.

7 ÁREAS DE ATUAÇÃO

As possibilidades de atuação são diversificadas, uma vez que esse profissional trabalha no gerenciamento do processo produtivo e do beneficiamento de produtos de origem vegetal ou animal. Assim, um Tecnólogo em Agroindústria deve atuar em cooperativas e associações, empresas de armazenamento e distribuição de

produtos agroindustriais, bem como em empresas de planejamento e desenvolvimento de projetos. Além disso, podendo estar presente em atividades de pesquisas de campo, fazendas produtoras, no desenvolvimento de projetos, nas indústrias e/ou empresas de produção e beneficiamento de produtos alimentares e não alimentares, laboratórios de análises de produtos agroindustriais, órgãos de inspeção sanitária de âmbito municipal, estadual e federal, prestar assessoria e consultoria, instituições de pesquisa científica e tecnológica, institutos de centros de pesquisa, instituições de ensino mediante formação requerida pela legislação vigente e empreender em todo setor agroindustrial.

8 PERFIL ESPERADO DO FUTURO PROFISSIONAL

O Tecnólogo em Agroindústria formado no IFCE – *Campus Ubajara*, é o profissional com formação multidisciplinar e apto a planejar, implantar, executar, avaliar e controlar a qualidade das etapas do processo relacionada ao beneficiamento, industrialização e conservação de produtos agroindustriais, contemplando a obtenção, o processamento e a comercialização de matérias-primas de diversas origens, insumos e produtos finais. Este profissional atuará em empresas de beneficiamento de produtos de origem animal e vegetal, colaborando em estudos de implantação e desenvolvimento de projetos economicamente viáveis, ocupando-se, ainda, da gestão de atividades referentes ao emprego adequado de equipamentos agroindustriais, em pesquisa e desenvolvimento de tecnologias alternativas para aproveitamento de produtos e subprodutos agropecuários, sempre contemplando o aspecto ambiental.

Assim, o Tecnólogo apresentará competências e habilidades para:

- Planejar, implementar, acompanhar e gerenciar os processos de produção agroindustrial e industrialização de produtos agroindustriais;
- Supervisionar as várias fases dos processos de industrialização e desenvolvimento de produtos agroindustriais;
- Realizar controle de qualidade na cadeia de produção de alimentos;
- Analisar produtos agroindustriais;
- Desenvolver, implantar e gerenciar a logística da produção, estocagem, embalagem e agregação de valor, otimizando os processos agroindustriais;

- Gerenciar programas de conservação e controle de qualidade;
- Gerenciar equipes de trabalho, bem como a utilização dos equipamentos, técnicas e maquinário;
- Estudar e trabalhar no desenvolvimento de novas tecnologias e técnicas;
- Fiscalizar os processos agroindustriais na luz da legislação vigente;
- Desenvolver novos produtos e pesquisa na agroindústria;
- Elaborar e executar projetos de viabilidade econômica e processo de produção, visando à redução de custos e maximização da margem de lucro;
- Realizar planejamento de projetos sustentáveis, de redução de danos ambientais e trabalhar em soluções para o tratamento dos resíduos da agroindústria;
- Realizar vistoria, perícia, avaliação e emitir laudo e parecer técnico em sua área de formação;
- Comunicar-se eficientemente nas formas oral, escrita e gráfica;
- Ter compromisso com a ética, a cidadania e a qualidade de vida.

9 METODOLOGIA

O fazer pedagógico consiste no processo de construção e reconstrução da aprendizagem, em que todos são sujeitos do conhecer e aprender, visando à construção do conhecimento, partindo da reflexão, do debate e da crítica, numa perspectiva criativa, multidisciplinar e contextualizada.

Para isso, é necessário entender que o currículo vai muito além das atividades convencionais em sala de aula, pois é tudo que afeta direta ou indiretamente o processo ensino-aprendizagem, portanto, deve-se considerar atividades complementares, tais como: iniciação científica e tecnológica, programas acadêmicos consistentes, programas de extensão, visitas técnicas, eventos científicos, além de atividades culturais, políticas e sociais, dentre outras desenvolvidas pelos alunos durante o curso.

Um instrumento bastante versátil é a utilização das TICs em sala de aula com o intuito de tornar o discente ator fundamental de sua aprendizagem. Esse processo ocorre de diversas maneiras, a saber: aplicação de diferentes tipos de mídias, como

o compartilhamento interativo de documentos, a apresentação de gráficos e planilhas, a edição de imagens, digitação de textos, o uso de recursos de áudio, e vídeo em tempo real (videoconferência), fazem com que os conteúdos tradicionais se tornem mais atraentes, aumentando a motivação dos estudantes no processo educativo.

Nesta abordagem, o papel dos educadores é fundamental para consolidar um processo participativo em que o aluno possa desempenhar papel ativo de construtor do seu próprio conhecimento participando de atividades integradoras como: debates, reflexões, seminários, momentos de convivência, palestras e trabalhos coletivos.

Em um curso dessa especificidade, assim como as demais atividades de formação acadêmica, as aulas práticas, aulas em laboratório e visitas técnicas são essenciais para que o aluno possa experimentar diferentes metodologias pedagógicas adequadas ao ensino de tecnologia. O contato do aluno com a prática deve ser planejado, considerando os diferentes níveis de profundidade e complexidade dos conteúdos envolvidos: tipo de atividade, objetivos, competências e habilidades específicas.

Para formar profissionais com autonomia intelectual e moral, tornando-os aptos para participar e criar, exercendo sua cidadania e contribuindo para a sustentabilidade ambiental, cabe aos professores do curso Tecnológico em Agroindústria organizar situações didáticas para que o aluno busque, mediante o estudo individual e em equipe, soluções para os problemas que retratem a realidade profissional. A articulação entre teoria e prática, assim como das atividades de ensino, pesquisa e extensão devem estar presentes no dia a dia do aluno colocando-se em prática as diretrizes previstas no PDI (Plano de Desenvolvimento Institucional) do *Campus*.

Dessa forma, a metodologia proposta favorece o desenvolvimento de suas competências: cognitivas (aprender a aprender), produtivas (aprender a fazer), relacionais (aprender a conviver) e pessoais (aprender a ser).

10 ESTRUTURA CURRICULAR

10.1 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

O Curso Superior em Tecnologia em Agroindústria do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – *Campus* Ubajara está de acordo com o Regulamento da Organização Didática- ROD do IFCE (2015), art. 35 e art. 36 no qual define a duração da hora aula que é de 60 minutos e o mínimo de 100 dias letivos no semestre. A matriz está apresentada em 07 semestres letivos com Unidades Curriculares, Atividades Complementares e Trabalho de Conclusão de Curso, organizados de forma a atender aos seguintes núcleos: Formação Básica, Profissionalizante, Gestão e Complementar, que estão contidos nas Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos superiores, para serem desenvolvidos de forma integrada no decorrer de todo o curso.

No núcleo de conteúdos básicos são destinadas 7 disciplinas, perfazendo um total de 400 h, o que significa um percentual de 16,66% da carga horária do curso. As disciplinas deste núcleo são:

DISCIPLINAS DO NÚCLEO DE CONTEÚDOS BÁSICOS	CH	Créd
Biologia	80	4
Comunicação e Linguagem	40	2
Inglês Instrumental	40	2
Introdução à Tecnologia Agroindustrial	40	2
Matemática	80	4
Metodologia do Trabalho Científico	40	2
Química	80	4
TOTAL	400 horas	20 créditos

Para o núcleo de conteúdos profissionalizantes, que tem por objetivo conferir conhecimento e habilitações no que se referem aos fundamentos, sistemas e processos da especialidade, são destinadas 23 disciplinas, representando 58,3% do

total da carga horária do curso, o que corresponde a 1400 h. As disciplinas que constam neste núcleo são:

DISCIPLINAS DO NÚCLEO DE CONTEÚDOS PROFISSIONALIZANTES	CH	Créd
Agroindústria de Bebidas	80	4
Agroindústria de Grãos, Cereais e Tubérculos	40	2
Agroindústria de Produtos de Origem Vegetal	80	4
Agroindústria do Leite	80	4
Agroindústria dos Produtos das Abelhas	40	2
Agroindústria dos Produtos de Origem Animal	80	4
Agroindústria Sucoalcooleira	40	2
Análise Sensorial	40	2
Associativismo e Cooperativismo	40	2
Beneficiamento e Armazenamento de Frutas e Hortaliças	80	4
Biotecnologia Agroindustrial	80	4
Embalagens	40	2
Estatística Aplicada	40	2
Fisiologia Pós-colheita de Vegetais	80	4
Microbiologia de Alimentos	80	4
Operações Unitárias na Agroindústria	40	2
Planejamento e Elaboração de Projetos Agroindustriais	40	2
Produção Animal	40	2

Produção Vegetal	40	2
Química dos Alimentos	80	4
Sistemas da Qualidade e Legislação de Alimentos na Agroindústria	80	4
Sociologia e Extensão Rural	40	2
Tecnologia de Conservação dos Alimentos	80	4
TOTAL	1360 horas	68 créditos

O núcleo de conteúdos gestão constitui-se em conhecimentos destinados a caracterizar a modalidade Tecnólogo em Agroindústria. São conhecimentos científicos, sociológicos e de gestão necessários para a formação do profissional, que devem garantir o desenvolvimento das competências e habilidades estabelecidas nas Diretrizes Curriculares Nacionais. São destinadas 06 disciplinas, representando 11,66% do total da carga horária do curso, o que corresponde a 280 h. As disciplinas que constam neste núcleo são:

DISCIPLINAS DO NÚCLEO DE CONTEÚDOS DE GESTÃO	CH	Créd
Gestão de Custos	40	2
Sistema de Informação Gerencial na Agroindústria	40	2
Gestão Agroindustrial	40	2
Gestão Ambiental	40	2
Gestão de Pessoas	40	2
Administração da Produção e Logística	80	4

TOTAL	280 horas	14 créditos
--------------	----------------------	------------------------

O núcleo de conteúdos complementares constitui-se em conhecimentos complementares, bem como de outros destinados a caracterizar a modalidade Tecnólogo em Agroindústria. Esses conteúdos consubstanciam em carga horária total do curso, isto é, os 8,33% que correspondem a 200h. As disciplinas que constam neste núcleo são:

DISCIPLINAS DO NÚCLEO DE CONTEÚDOS COMPLEMENTAR	CH	Créd
Higiene e Segurança do Trabalho	40	2
Tratamento de Água e Resíduos Agroindustriais	80	4
Ética e Responsabilidade Social	40	2
Projetos Sociais	40	2
TOTAL	200 horas	10 créditos

O núcleo das disciplinas optativas objetiva uma formação mais abrangente conforme a aptidão e habilidades do estudante. Esses conteúdos consubstanciam em carga horária total do curso, isto é, os 8,33% que correspondem a 200h. As disciplinas optativas serão ofertadas a partir do quarto semestre.

DISCIPLINAS OPTATIVAS	CH	Créd
Educação Ambiental	40	2
Empreendedorismo	40	2
Libras	40	2

Produção de Matérias-primas Culinárias	40	2
Produção Orgânica	40	2
Química Ambiental	40	2
Tópicos Especiais em Alimentos	40	2
Toxicologia Aplicada aos Alimentos	40	2

A distribuição semestral das disciplinas, bem como a sua sequência ideal, é apresentada nos quadros a seguir. O curso foi estruturado numa sequência lógica e contínua de apresentação das diversas áreas do conhecimento e ainda das suas interações no contexto da formação do profissional Tecnólogo em Agroindústria possibilitando, assim, a promoção de práticas interdisciplinares, sob a ótica da politecnia, do trabalho, da ciência e da tecnologia como princípios educativos.

10.2 MATRIZ CURRICULAR

Cod.	Disciplinas	h/aula	T	P	Cred	Pré-requisito
SEMESTRE I						
AGROI.001	Introdução à Tecnologia Agroindustrial	40	40	0	2	
AGROI.002	Biologia	80	60	20	4	
AGROI.003	Química	80	60	20	4	
AGROI.004	Matemática	80	80	0	4	

AGROI. 005	Comunicação e Linguagem	40	40	0	2	
AGROI. 006	Inglês Instrumental	40	40	0	2	
AGROI. 007	Metodologia do Trabalho Científico	40	40	0	2	
Carga horária do semestre		400	360	40	20	
SEMESTRE II						
AGROI. 008	Microbiologia de Alimentos	80	60	20	4	AGR OI.00 2
AGROI. 009	Operações Unitárias na Agroindústria	40	40	0	2	
AGROI. 010	Química dos Alimentos	80	60	20	4	AGR OI.00 3
AGROI. 011	Tecnologia da Conservação de Alimentos	80	40	40	2	
AGROI. 012	Estatística Aplicada	40	40	0	2	
AGROI. 013	Produção Vegetal	40	40	0	2	
AGROI. 014	Higiene e Segurança do Trabalho	40	40	0	2	
Carga horária do semestre		400	320	80	18	
SEMESTRE III						

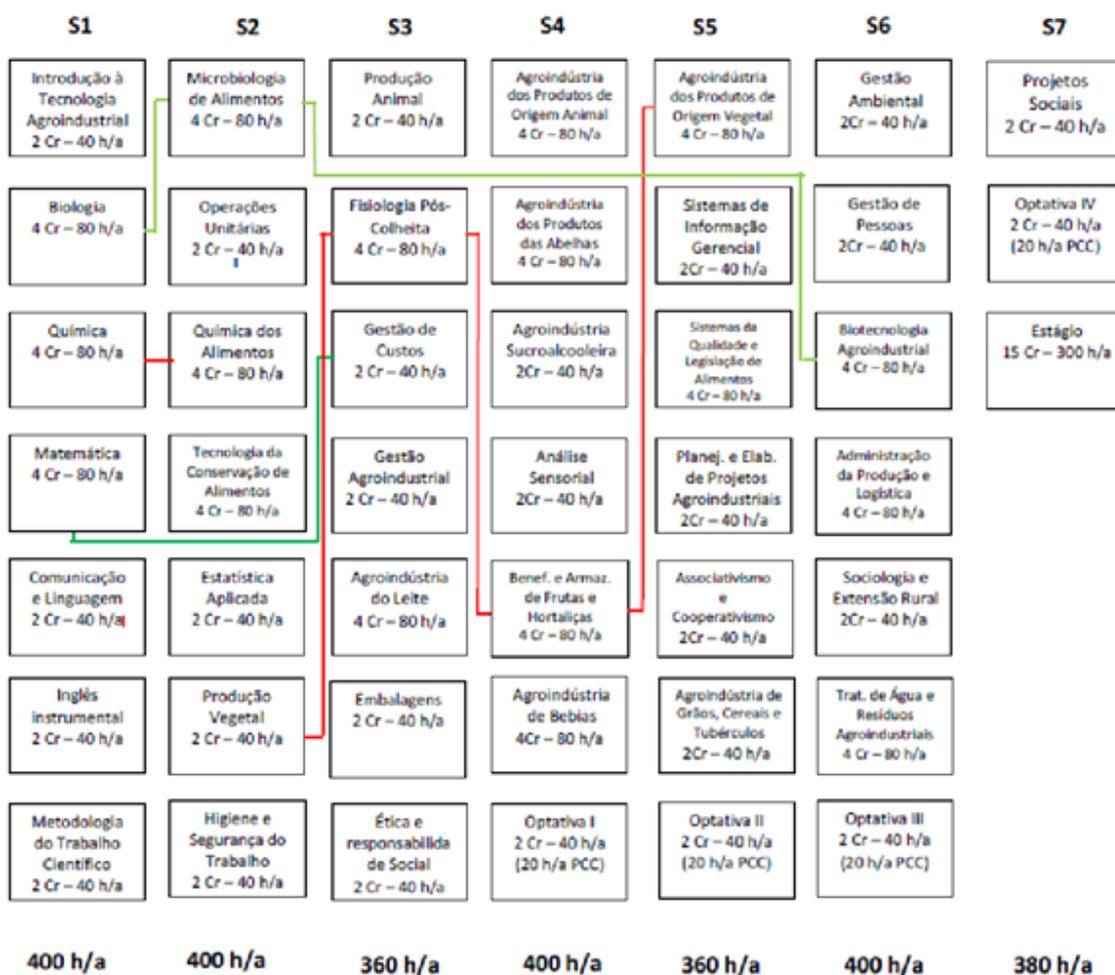
AGROI. 015	Produção Animal	40	40	0	2	
AGROI. 016	Fisiologia Pós-Colheita de Vegetais	80	60	20	4	AGR OI.01 3
AGROI. 017	Gestão de Custos	40	40	0	2	AGR OI.00 4
AGROI. 018	Gestão Agroindustrial	40	40	0	2	
AGROI. 019	Agroindústria do Leite	80	40	40	4	
AGROI. 020	Embalagens	40	40	0	2	
AGROI. 021	Ética e Responsabilidade Social	40	40	0	2	
Carga horária do semestre		360	300	60	18	
SEMESTRE IV						
AGROI. 022	Agroindústria dos Produtos de Origem Animal	80	40	40	4	
AGROI. 023	Agroindústria dos Produtos das Abelhas	40	40	0	2	
AGROI. 024	Agroindústria Sucrialcooleira	40	40	0	2	
AGROI. 025	Análise Sensorial	40	30	10	2	

AGROI. 026	Beneficiamento e Armazenamento de Frutas e Hortaliças	80	60	20	4	AGR OI.01 6
AGROI. 027	Agroindústria de Bebidas	80	40	40	4	
	OPTATIVA I	40	40	0	2	
Carga horária do semestre		400	290	110	20	
SEMESTRE V						
AGROI. 028	Agroindústria de Produtos de Origem Vegetal	80	40	40	4	AGR OI.02 6
AGROI. 029	Sistema de Informação Gerencial na Agroindústria	40	20	20	2	
AGROI. 030	Sistemas da Qualidade e Legislação de Alimentos na Agroindústria	80	80	0	4	
AGROI. 031	Planejamento e Elaboração de Projetos Agroindustriais	40	30	10	2	
AGROI. 032	Associativismo e Cooperativismo	40	40	0	2	
AGROI. 033	Agroindústria de Grãos, Cereais e Tubérculos	40	40	0	2	
	OPTATIVA II	40	40	0	2	
Carga horária do semestre		360	290	70	18	
SEMESTRE VI						

AGROI. 034	Gestão Ambiental	40	40	0	2	
AGROI. 035	Gestão de Pessoas	40	40	0	2	
AGROI. 036	Biotecnologia Agroindustrial	80	60	20	4	AGR OI.00 8
AGROI. 037	Administração da Produção e Logística	80	80	0	4	
AGROI. 038	Sociologia e Extensão Rural	40	40	0	2	
AGROI. 039	Tratamento de Água e Resíduos Agroindustriais	80	60	20	4	
	OPTATIVA III	40	40	0	2	
Carga horária do semestre		400	360	40	20	
SEMESTRE VII						
AGROI. 040	Projetos Sociais	40	30	10	2	
AGROI. 041	OPTATIVA IV	40	40	0	2	
	ESTÁGIO	300	0	30 0	15	
Carga horária do semestre		380	70	31 0	19	
CARGA HORÁRIA TOTAL						

DISCIPLINAS + DISCIPLINAS OPTATIVAS		2400	199 0	41 0	118	
DISCIPLINAS + DISCIPLINAS OPTATIVAS + ATIVID. COMPLEMENTARES (AACC) + ESTÁGIO		2820				
DISCIPLINAS OPTATIVAS **						
AGROI. 042	Libras	40	40	0	2	
AGROI. 043	Tópicos Especiais em Alimentos	40	40	0	2	
AGROI. 044	Produção Orgânica	40	40	0	2	
AGROI. 045	Toxicologia Aplicada aos Alimentos	40	40	0	2	
	Química Ambiental	40	40	0	2	
	Educação Ambiental	40	40	0	2	
GAST.0 15	Empreendedorismo	40	40	0	2	
GAST.0 23	Produção de Matérias-primas Culinárias	40	40	0	2	

11 FLUXOGRAMA CURRICULAR



12 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

O IFCE – *campus* de Ubajara entende que avaliar é o ato de acompanhar a construção do conhecimento do aluno, permitindo intervir, agir e corrigir os rumos do trabalho educativo. Isso significa levar o professor a observar mais criteriosamente seus alunos, a buscar formas de gerir as aprendizagens, visando atingir os processos e propiciar a construção de conhecimento pelo aluno, colocando a avaliação a serviço do discente, e não da classificação, indo ao encontro do que diz nossa Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

A avaliação da aprendizagem, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB Nº. 9.394/96, que no seu artigo 24, inciso V, alínea a, ressalta que a avaliação deve ter caráter diagnóstico, formativo, processual e contínuo, com a

predominância dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados parciais sobre os obtidos em provas finais.

O Regulamento de Organização Didática do IFCE – ROD - elenca uma série de instrumentos avaliativos a serem utilizados para a efetivação de uma avaliação de caráter diagnóstico, formativo, contínuo e processual, tais como a observação diária dos estudantes pelos professores durante a aplicação de suas diversas atividades; exercícios; trabalhos individuais e/ou coletivos; fichas de observações; relatórios; auto-avaliação; provas escritas com ou sem consulta; provas práticas e provas orais; seminários; projetos interdisciplinares; resolução de exercícios; planejamento e execução de experimentos ou projetos; relatórios referentes a trabalhos, experimentos ou visitas técnicas, realização de eventos ou atividades abertas à comunidade; auto-avaliação descritiva e outros instrumentos de avaliação considerando o seu caráter progressivo.

Os programas desenvolvidos no âmbito do *Campus* relativos à recuperação da aprendizagem se referem a ações em torno do programa de nivelamento, para os alunos ingressantes e veteranos, que sentirem necessidade de resgatar os conteúdos da formação básica, privilegiando as disciplinas cujas dificuldades se apresentam como um entrave no processo formativo; atendimento individual ao aluno onde o docente oferece orientações visando a melhoria do desempenho no processo de aprendizagem e a monitoria que tem por finalidade acompanhar os estudantes em suas dificuldades possibilitando seu êxito acadêmico.

No âmbito da avaliação, os alunos com necessidades educacionais específicas têm direito a atendimento diferenciado de acordo com a sua necessidade, tendo como fundamento legal a Constituição Federal (1988), Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2007), Decreto 7611/2011 que dispõe sobre a educação especial, atendimento educacional especializado e a Lei 12.764/2012 que institui a Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, Lei nº 10.436/2002 além de outras legislações correlatas que buscam garantir o acesso, a permanência e a conclusão com êxito da Pessoa com necessidades específicas (PNE). Em atendimento a legislação citada, a inserção no processo educativo escolar se dará a partir da realização de entrevistas, reuniões, observações ou outras atividades diversificadas, visando a obtenção de informações, laudos clínicos ou exames que

contribuam para a elaboração do diagnóstico geral do estudante, bem como o planejamento de estratégias educativas a serem adotadas para o favorecimento da sua aprendizagem; atuando principalmente na eliminação de barreiras psicopedagógicas que envolvem o universo acadêmico.

Dessa forma, é importante refletir a avaliação nas dimensões técnica (o que, quando e como avaliar) e ética (por que, para que, quem se beneficia, que uso se faz da avaliação), de forma complementar e sempre presente no processo avaliativo.

Segundo o PPI (Projeto Pedagógico Institucional), no processo avaliativo o foco das atenções deve estar nos aspectos cognitivos ou intelectuais, motores, de equilíbrio emocional e autonomia pessoal, de relação interpessoal e de inserção e atuação social e na compreensão da estrutura do conhecimento que o discente tenha desenvolvido em torno destes. Diante disso, é necessário pensar a avaliação como um instrumento que irá favorecer a aprendizagem reconhecendo que essa atividade não tem fim em si mesma, assegurando ao educando a possibilidade de confrontar seus conhecimentos e (re) construí-los.

Demais considerações sobre as Avaliações devem seguir as recomendações descritas na Organização Didática do IFCE (2015).

13 ESTÁGIO

Os estágios a serem realizados pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE *Campus* de Ubajara seguirão as disposições da Lei 11.788, de 25 de setembro de 2008, que dispõe sobre o estágio de estudantes e da Resolução N°28, de 08 de agosto de 2014, aprovada pelo Conselho Superior do IFCE, referente ao Manual do Estagiário, cujo conteúdo regulamenta as atividades de estágio dos alunos do IFCE, documentos presentes nos Anexo 3.

A Lei 11.788, no capítulo I – Da definição, classificação e relações de estágio, Art.1º, define estágio como

“(…) ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam freqüentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino

fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos.”

O estágio tem por objetivo “(...) o aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho.” (Lei 11.788, Art. 1º, §2), podendo configurar-se como estágio obrigatório ou não-obrigatório, conforme explicitado na lei. O estágio obrigatório para o curso de Tecnologia em Agroindústria poderá ser realizado a partir do quarto semestre, devendo contabilizar um total de 300 horas de atividades e é requisito para aprovação e obtenção de diploma.

Ainda segundo o Manual do Estagiário no Art.4:

“§1º As atividades em estágio supervisionado poderão ser realizadas nas empresas (pessoas jurídicas de direito privado), órgãos da administração pública direta, autárquica e fundacional de qualquer dos poderes da União, Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, bem como os escritórios de profissionais liberais de nível superior devidamente registrados em seus respectivos conselhos de fiscalização profissional, desde que seja realizado no período previsto no projeto pedagógico do curso, condicionado ainda à contratação pela parte concedente de estágio, de seguro contra acidentes pessoais em favor do aluno e designação de supervisor para acompanhamento e orientação das atividades executadas no estágio, além da observância das demais normas aplicáveis à espécie.

§2º As atividades em estágio supervisionado também poderão ser realizadas nos laboratórios, oficinas e no ensino médio da própria instituição, cabendo à Diretoria de Ensino definir as normas, número de vagas de estágio em cada laboratório, bem como os professores orientadores responsáveis pela orientação e supervisão do estágio, devendo ainda fazer constar tal previsão no projeto pedagógico de cada curso.”

O IFCE *campus* de Ubajara deverá zelar para que os estágios sejam realizados em locais que tenham efetivas condições de proporcionar aos alunos estagiários experiências profissionais pela participação em situações reais de vida e de trabalho no seu meio. Desta forma, implica a necessária orientação e supervisão por parte do estabelecimento de ensino, ou seja, por parte do professor orientador designado. Como tal, o orientador deverá

“Realizar visitas periódicas às partes concedentes, onde houver alunos estagiários para acompanhar o desempenho do aluno, avaliar as instalações e sua adequação à formação cultural e profissional do educando. (Regulamento do Estágio Supervisionado, Art. 11, alínea a)”

Conforme essa designação, o professor orientador preencherá a “Ficha de visita do professor orientador à parte concedente de estágio”, constante no Anexo VI

do Regulamento do Estágio Supervisionado, e entregará ao setor responsável pelo recebimento da documentação de estágio dos alunos.

Os estágios também poderão ser realizados em todos os laboratórios do IFCE *campus* de Ubajara, seguindo as definições e pré-requisitos que constarão em edital a ser publicado pela Direção de Ensino, conforme periodicidade e disponibilização de vagas que lhe for conveniente.

A distribuição entre o quantitativo de estagiários e os orientadores disponíveis, na área a ser desenvolvido o estágio, ocorrerá respeitando a Resolução de Carga Horária Docente vigente.

Serão exigidos dos alunos os requisitos para ingressar no estágio, permanecer e concluir, bem como a documentação necessária a cada etapa do processo, conforme as orientações presentes na Lei e no Regulamento previamente citados. Da mesma forma, o setor de estágio, a Diretoria de Ensino, os professores orientadores e os supervisores deverão cumprir respectivamente seus papéis de acordo com as especificações legais.

13.1 Normas Para o Relatório de Estágio do Curso Tecnologia em Agroindústria

Durante a realização do estágio e finalização do mesmo, o discente do curso de Tecnologia em Agroindústria deverá elaborar e entregar relatórios mensais e relatório final, conforme modelos e especificações exigidos na Resolução N°28, de 08 de agosto de 2014, aprovada pelo Conselho Superior do IFCE, referente ao Manual do Estagiário (Anexo 3). Estes relatórios são fundamentais para aprovação no estágio.

14 ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Deverão ser desenvolvidas pelo discente 120 (cento e vinte) horas de atividades que visem à complementação do processo de ensino-aprendizagem na composição do plano de estudos do Curso Tecnológico em Agroindústria.

Pretende-se que a realização das atividades complementares auxilie principalmente no desenvolvimento do perfil profissional dos estudantes, o qual deve ser caracterizado pela criatividade, iniciativa, perseverança, proatividade, humanidade

e capacidade de promover e se adequar às mudanças, bem como estabelecer relacionamentos interpessoais construtivos.

Compreensão temáticas transversais, como a Educação das Relações Étnico-Raciais (Lei Nº 11.645 de 10/03/2008; Resolução CNE/CP Nº 1, de 17/06/2004) e Educação Ambiental (Lei Nº 9.795, de 27/04/1999; Decreto Nº 4.281, de 25/06/2002; Resolução CNE/CP Nº 2, de 15/06/2012), que possibilitam o desenvolvimento de valores como respeito, cidadania, tolerância, ética, entre outros, permitindo ao aluno conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra discriminações baseadas em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais; bem como se perceba integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente.

A conclusão da graduação está condicionada ao cumprimento das Atividades Acadêmico-científico-culturais, as quais serão computadas no Histórico Escolar.

É importante lembrar que a realização das atividades complementares dependerá da iniciativa e da dinamicidade de cada estudante, que deve buscar as atividades que mais lhe interessam para delas participar. Essas atividades poderão ser desenvolvidas por meio de atividades correspondentes à participação em cursos, congressos, seminários, palestras, jornadas, conferências, simpósios, viagens de estudo, encontros, estágios, projetos de pesquisa ou de extensão, atividades científicas, de integração ou qualificação profissional, monitoria, publicação e apresentação de trabalhos ou outras atividades apresentadas abaixo:

Modalidade da Atividade	C.H máxima	C.H máxima por atividade
I – Atividades de Formação		
Participação como ouvinte em seminários, conferências, simpósios, congressos, minicurso, oficina, palestra, dentre outros	Até 40h	5h por atividade

Participação como autor e/ou membro organizador em seminários, conferências, simpósios, congressos, minicurso, oficina, palestra, dentre outros	Até 80h	10h por trabalho
Publicação de livro com ISBN	Até 60h	20h por livro
Publicação de capítulo de livro especializado	Até 40h	10h por trabalho
Elaboração de relatório técnico	Até 40h	5h por atividade
II – Vivência Profissional Complementar		
Realização de estágio não extracurricular	Até 80h	20h por semestre
Participação em atividades práticas extracurriculares	Até 40h	10h por semestre
Participação em Projetos Sociais	Até 60h	20h por semestre
Cursos de Idiomas	Até 80h	20h por semestre
Participação em centro acadêmico ou grupo de representação estudantil	Até 40h	10h por semestre
Cursos na área de informática	Até 80h	20h por semestre
III – Atividades de Extensão		
Disciplinas extracurriculares correlatas e/ou complementares na área do Curso realizadas no IFCE ou em outras Instituições de Ensino Superior	Até 80h	40h por disciplina
Participação em projetos, cursos e programas de extensão promovidos ou não pelo IFCE	Até 80h	Até 20h por semestre

IV – Atividades de Iniciação à Pesquisa		
Participação em projetos de pesquisa promovidos pelo IFCE	Até 80h	Até 20h por semestre
Publicação de artigo acadêmico em revista especializada nas grande área de Ciências Agrárias	Até 80h	20h por artigo
V – Atividades de Iniciação à Docência		
Participação de Projetos de Iniciação à Docência, promovidos ou não pelo IFCE	Até 80h	Até 20h por semestre
Participação em monitoria	Até 60h	Até 20h por semestre
VI – Atividades Esportivas		
Participação como atleta em eventos esportivos oficiais do IFCE ou da comunidade	Até 40h	8h por atividade
Participação como treinador de equipe esportiva do IFCE ou da comunidade	Até 40h	10h por atividade
Participação como expectador em eventos esportivos oficiais do IFCE	Até 20h	5h por atividade
Participação em projetos, cursos e programas de extensão promovidos ou não pelo IFCE	Até 80h	Até 20h por atividade
VII – Atividades Culturais		
Produção de recurso audiovisual de informação científico-cultural (vídeo, filme, curta-metragem, clipe)	Até 40h	10h por atividade

Participação em grupo artístico, peças teatrais, musicais e vídeos de produção artística	Até 40h	10h por atividade
Participação como produtor de peças de teatro e musicais	Até 60h	15h por atividade
Participação em mostras de artes	Até 20h	5h por atividade
Composição musical credenciada	Até 20h	5h por atividade
Participação como aluno ou instrutor de curso de música em entidade credenciada	Até 40h	10h por semestre
Participação como aluno ou instrutor de curso de dança em entidade credenciada	Até 40h	10h por semestre
Membro organizador de evento cultural: exposição de música, dança, arte, cinema, literatura e gastronomia	Até 60h	15h por atividade
Participação em atividades ou eventos culturais organizados pelo IFCE ou por outras Instituições de Ensino Superior	Até 40h	Até 10h por atividade

15. Critérios de Aproveitamento de Conhecimentos e Experiências Anteriores

Os alunos poderão solicitar, em período previsto no calendário acadêmico vigente, o aproveitamento dos componentes curriculares cursados mediante análise da compatibilidade de conteúdo e da carga horária total do componente curricular a ser aproveitado, obedecendo o critério de no mínimo 75% do total estipulado para a disciplina.

Além disso, o discente poderá solicitar validação dos conhecimentos adquiridos em estudos regulares ou em experiência profissional mediante avaliação teórica ou prática feita por uma comissão avaliadora indicada pelo gestor máximo do ensino no

Campus, composta – no mínimo – de dois decentes, previsto no Capítulo IV, Seção I e II do Regulamento da Organização Didática – ROD do IFCE (em anexo).

16 EMISSÃO DE DIPLOMA

A colação de grau dos alunos do curso de Tecnologia em Agroindústria é realizada após a conclusão do último período letivo, numa única data definida pela instituição. No caso do não cumprimento das exigências do curso, como créditos de disciplinas, atividades complementares, estágio e relatório de conclusão de curso, o estudante deve matricular-se novamente no seu objeto de pendência, concluí-lo com aproveitamento durante o período letivo no qual está matriculado. Sendo assim, sua formatura ocorrerá neste último período letivo em que foi sanada a questão. Conforme previsto no ROD (BRASIL, 2015a), o estudante em situação irregular quanto ao Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) não poderá colar grau. Além disso, o estudante só poderá colar grau se cumprir as 120 horas de Atividades acadêmico-científico-culturais. O título conferido ao concludente será de Tecnólogo em Agroindústria.

17 AVALIAÇÃO DO PROJETO DO CURSO

O processo de avaliação do curso acontece a partir da legislação vigente, das avaliações feitas pelos discentes, pelas discussões empreendidas nas reuniões de coordenação, nas reuniões gerais e de colegiado.

A atuação do Núcleo Docente Estruturante e do Colegiado de curso, a partir da atualização do projeto pedagógico do curso, do acompanhamento e implementação do projeto pedagógico, objetivam discutir temas relevantes e avaliar as atividades acadêmicas do curso, buscando a sua contínua qualidade.

As ações de auto-avaliação existentes no curso envolvem todos os docentes, discentes e coordenação e são realizadas a partir de instrumentos próprios de avaliação, aplicados desde a avaliação do curso pelos discentes, avaliação do corpo docente, avaliação dos encontros pedagógicos e da coordenação.

A avaliação docente é feita por meio de um questionário, no qual os alunos respondem questões referentes à conduta docente, atribuindo notas de 1 (um) a 5 (cinco), relacionadas à pontualidade, assiduidade, domínio de conteúdo, incentivo à participação do aluno, metodologia de ensino, relação professor-aluno e sistema de avaliação.

No mesmo questionário, os alunos avaliam o desempenho dos docentes quanto a pontos positivos e negativos e apresentam sugestões para a melhoria do Curso e da Instituição. Os resultados são apresentados aos professores com o objetivo de contribuir para melhorar as ações didático-pedagógicas e a aprendizagem discente.

Serão usados para subsidiar o planejamento das ações do curso os resultados da avaliação institucional notadamente da auto-avaliação, pois esta é concebida como mecanismo de produção, de desenvolvimento e de juízo de valor acerca das múltiplas relações institucionalizadas. O Instituto Federal do Ceará, por meio da Comissão Própria de Avaliação (CPA) e das subcomissões locais consolida anualmente os resultados de um macroprocesso avaliativo que são balizares para as ações de toda a comunidade acadêmica.

Os processos avaliativos seguem os procedimentos institucionais e se utilizam da infraestrutura da própria instituição e são observados os resultados das avaliações internas (Comissão Própria de Avaliação, avaliação docente) e externas

(Enade, Reconhecimento, Renovação de Reconhecimento para os cursos de graduação) para o aperfeiçoamento da qualidade do curso.

18 POLÍTICAS INSTITUCIONAIS CONSTANTES DO PDI NO ÂMBITO DO CURSO

Em coerência com os objetivos do Plano de Desenvolvimento Institucional, o curso de Tecnologia em Agroindústria do *campus* de Ubajara prioriza a sólida formação profissional e de cidadania e um ensino teórico-prático que amplia as fronteiras do saber e contribui para um aprendizado alicerçado na tríade: ensino, pesquisa e extensão.

Assim, para colocar em prática as diretrizes previstas no PDI, o curso busca a diversificação didático-pedagógica que privilegie além do ensino, a pesquisa e a extensão como instrumentos de aprendizagem, estimulando a atitude científica.

A inserção dos alunos, professores e técnicos – administrativos em grupos de pesquisa em projetos de ensino, pesquisa e extensão que tragam benefícios para a qualidade e aperfeiçoamento do ensino e para a sociedade é vista como fundamental para o desenvolvimento de competências profissionais, pois o desenvolvimento de atividades acadêmicas de ensino, pesquisa e extensão através de projetos/ programas/ eventos favorecem à integração do conhecimento e a interação com a sociedade, contribuindo com desenvolvimento da região.

Desta forma, o curso Tecnologia em Agroindústria do *campus* de Ubajara reconhece que o envolvimento de docentes e discentes em atividades de ensino, pesquisa e extensão favorece o alcance das diretrizes estabelecidas no Plano de Desenvolvimento Institucional vigente e consolida o modelo de ensino proposto neste documento.

Além das citadas acima, o Plano de Desenvolvimento Institucional contempla ainda ações que refletem diretamente no curso de Tecnologia em Agroindústria, tais como políticas de atendimento aos discentes, formas de acesso, programas de apoio à permanência (pedagógico e financeiro), organização estudantil e fortalecimento da cultura empreendedora. Ações estas que contribuem de sobremaneira para o desenvolvimento do curso.

19 APOIO AO DISCENTE

A Assistência Estudantil no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE tem por objetivos, em conformidade com o Plano Nacional de Assistência Estudantil (Decreto nº 7234/2010), democratizar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal, minimizar os efeitos das desigualdades sociais e regionais na permanência e conclusão da educação superior, reduzir as taxas de evasão e contribuir para a promoção da inclusão social pela educação.

A Política de Assistência Estudantil do IFCE estabelece ainda como objetivos reduzir as desigualdades sociais, incentivar a participação da comunidade do IFCE em ações voltadas à sustentabilidade e à responsabilidade social, ampliar as condições de participação democrática, para formação e o exercício de cidadania visando à acessibilidade, à diversidade, ao pluralismo de ideias e à inclusão social, promover o acesso universal à saúde, ancorado no princípio da integralidade, reunindo ações e serviços de acordo com a realidade local, de modo a fortalecer a educação em saúde e contribuir para a inserção do aluno no mundo do trabalho, enquanto ser social, político e técnico.

Para tentar viabilizar tais objetivos, o *Campus* de Ubajara conta com profissionais de enfermagem, psicologia e serviço social. A enfermagem atua no âmbito da prevenção de doenças, promoção da saúde, orientação e encaminhamento para órgãos externos de promoção da saúde, bem como realização de atividades socioeducativas.

O trabalho de psicologia está na dimensão preventiva da atuação, comprometida com a transformação social, evidenciada em intervenções educativas sobre as demandas dos sujeitos e sobre o contexto educacional. O profissional apoia a promoção do processo educativo dos sujeitos, valorizando a escuta psicológica dos processos intersubjetivos que são produzidos no cenário educacional; faz acolhimento, acompanhamento, avaliação psicológica, orientação de discentes e comunidade escolar, assessoria e/ou participação nos projetos coletivos e ainda visitas domiciliares; realiza mapeamento da rede de apoio e reflexão sobre os aspectos institucionais.

Ao serviço social compete atuar de forma interdisciplinar e multisetorial, proporcionando a participação democrática do discente, como sujeito de direitos

favorecendo o seu acesso ao PNAES, articula-se com as instituições locais e/ou regionais contribuindo para a minimização das situações de risco enfrentadas pelos alunos e suas famílias, presta orientações aos estudantes esclarecendo-os dos seus direitos, apoia a atuação dos estudantes em suas entidades político representativas e realiza atividades socioeducativas.

Afora as atividades acima elencadas, também é de responsabilidade do (a) assistente social participar do planejamento, execução, monitoramento e avaliação das ações relacionadas ao Programa de Auxílios em Forma de Pecúnia, o qual viabiliza os seguintes auxílios financeiros:

- AUXÍLIO ALIMENTAÇÃO: destinado a subsidiar despesas com alimentação durante os dias letivos;
- AUXÍLIO DISCENTES MÃES/PAIS: destinado a subsidiar despesas com filhos de até seis anos ou com deficiência comprovada, sob a guarda do(a) aluno(a);
- AUXÍLIO MORADIA: destinado a subsidiar despesas com habitação (locação, sub-locação ou acordos informais) para discentes com referência familiar e residência domiciliar com referência familiar e residência domiciliar fora da sede do município do *Campus*;
- AUXÍLIO TRANSPORTE: destinado a subsidiar a locomoção do aluno no trajeto residência/*campus*/residência, durante os dias letivos;
- AUXÍLIO ÓCULOS: é o auxílio destinado aos discentes para subsidiar aquisição de óculos ou lentes corretivas de deficiências oculares, respeitando-se a periodicidade mínima de 12 (doze) meses para nova solicitação;
- AUXÍLIO VISITAS E VIAGENS TÉCNICAS: destinado a subsidiar alimentação e/ou hospedagem em visitas e viagens técnicas programadas pelos docentes dos cursos;
- AUXÍLIO ACADÊMICO: destinado subsidiar as despesas dos discentes na participação em eventos que possibilitem o processo de ensino-aprendizagem, tais como eventos científicos, de extensão ou sócio estudantis;

- **AUXÍLIO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO:** destinado ao discente para aquisição de seu material, de uso individual e intransferível, indispensável para o processo de aprendizagem.

As modalidades de Alimentação, Discentes mães e pais, Moradia e Transporte são ofertadas semestralmente, por meio da realização de processo seletivo publicado em Edital. Os demais são viabilizados por meio de solicitação do(a) professor(a) ou dos(as) discentes.

Ao estudante que concluir com êxito todas as etapas de estudos previstas na matriz curricular do curso, incluindo estágio curricular e atividades complementares, de acordo com a obrigatoriedade expressa no PPC, deverá ser conferido o diploma de Tecnólogo em Agroindústria.

20 CORPO DOCENTE

20.1 Áreas e Subáreas necessárias ao funcionamento do curso

Para pleno funcionamento, o curso deverá contar com no mínimo 19 profissionais docentes nas áreas e subáreas descritas abaixo:

Áreas	Subáreas	Quantidade de docentes
CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALIMENTOS	CIÊNCIA DE ALIMENTOS	2
CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALIMENTOS	TECNOLOGIA DOS ALIMENTOS	6
CIÊNCIAS AGRÁRIAS	CIÊNCIAS ECONÔMICAS, SOCIAIS E PROCESSAMENTO DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS	2
MATEMÁTICA	MATEMÁTICA BÁSICA	1
BIOLOGIA	BIOLOGIA GERAL	1
ENGENHARIA DE SEGURANÇA DO TRABALHO	SEGURANÇA DO TRABALHO	1
LETRAS	LÍNGUA PORTUGUESA	1

LETRAS	LÍNGUA INGLESA	1
QUÍMICA	QUÍMICA GERAL	1
LETRAS	LIBRAS	1
ADMINISTRAÇÃO	ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS	1
EDUCAÇÃO	METODOLOGIA CIENTÍFICA	1

O Corpo Docente do *Campus Ubajara* é composto por servidores efetivos, contratados em regime de dedicação exclusiva. Os professores abaixo atuarão diretamente no Curso Superior de Tecnologia em Agroindústria, conforme segue

Professor	Titulação	Regime de trabalho	Vínculo	Disciplina
Ana Valquiria Vasconcelos da Fonseca Brandão	Doutorado	40h/ Dedicação exclusiva	Efetivo	Operações Unitárias, Agroindústria de Produtos de Origem Animal, Agroindústria Sucroalcooleira, Beneficiamento e Armazenamento de Frutas e Hortaliças.
Ana Karine Oliveira da Silva	Doutorado	40h/ Dedicação exclusiva	Efetivo	Química

Anderson Douglas Freitas Pedrosa	Graduação	40h/ Dedicação exclusiva	Efetivo	Matemática
Antônia Gislaine Brito Marques Albuquerque	Doutorado	40h/ Dedicação exclusiva	Efetivo	Introdução a tecnologia Agroindustrial, Ética e Responsabilidade Social, Fisiologia Pós-Colheita de Vegetais, Produção Animal, Associativismo e Cooperativismo e Sociologia e Extensão Rural
Cláudia Patrícia Mourão Lima Fontes	Doutorado	40h/ Dedicação exclusiva	Efetivo	Química de Alimentos e Embalagens
Érica Milô de Freitas Felipe Rocha	Doutorado	40h/ Dedicação exclusiva	Efetivo	Higiene e Segurança do Trabalho, Agroindústria de Bebidas, Agroindústria

				de Produtos de Origem Vegetal e Agroindústria de Grãos, Cereais e Tubérculos.
Eugênia Vale de Paula	Mestrado	40h/ Dedicação exclusiva	Efetivo	Gestão de Custos, Gestão de Produção e Logística, Gestão de Pessoas, Empreendedorismo
Julliete Raulino Alcântara	Mestrado	40h/ Dedicação exclusiva	Efetivo	Microbiologia de Alimentos
Kacio de Lima Evangelista	Graduação	40h/ Dedicação exclusiva	Efetivo	Libras
Larissa Pinheiro Xavier	Mestrado	40h/ Dedicação exclusiva	Efetivo	Metodologia do Trabalho Científico, Comunicação e linguagem.
Mario de Oliveira	Doutorado	40h/ Dedicação exclusiva	Efetivo	Estatística Aplicada, Produção

Rebouças Neto				Vegetal, Gestão Agroindustrial
Marla Solara Pontes Mota	Mestrado	40h/ Dedicação exclusiva	Efetivo	Inglês Instrumental
Otilia Mônica Alves Borges Oliveira	Mestrado	40h/ Dedicação exclusiva	Efetivo	Tecnologia da Conservação de Alimentos, Agroindústria do Leite, Agroindústria dos Produtos das Abelhas.
Patrícia Campos Mesquita	Mestrado	40h/ Dedicação exclusiva	Efetivo	Análise Sensorial, Planejamento e Elaboração de Projetos Agroindustriais
Tarcísio José Domingos Coutinho	Mestrado	40h/ Dedicação exclusiva	Efetivo	Biologia, Química Ambiental e Biotecnologia Agroindustrial
Valéria Cristina Nogueira	Mestrado	40h/ Dedicação exclusiva	Efetivo	Sistema de Qualidade e Legislação de Alimento

Ulisses Costa de Vasconcelos	Especialização	40h/ Dedicação exclusiva	Efetivo	Sistemas de Informação Gerencial na Agroindústria
-------------------------------------	----------------	-----------------------------	---------	---

20.2 Regime de Trabalho do Coordenador do Curso

O regime de trabalho do coordenador do curso será de 40h, período integral.

20.2.1 Plano de ação do coordenador de curso

No esforço de alinhar o desempenho do Coordenador de Curso aos referenciais determinados pelo Inep/MEC e visando estabelecer um modelo de gestão mais democrático, assim como, nortear o trabalho do coordenador em parceria com corpo docente, discentes e demais membros da equipe gestora, percebe-se a preocupação com a análise do desempenho dos coordenadores de cursos, principalmente na Dimensão do 1, do Instrumento de Avaliação, relativamente à Organização Didático-pedagógica.

Assim, a Nota Técnica nº 002/2015/PROEN/IFCE, que apresenta as orientações quanto às atribuições dos coordenadores, bem como, a Nota Técnica nº 4/2018/PROEN/REITORIA, que estabelece o procedimento para elaboração do Plano de Ação de Coordenador de Curso de Graduação do IFCE contribuem para o aprimoramento das ações do coordenador, culminando, para o sucesso das atividades propostas para desenvolvimento do curso (Vide documento no APENDICE).

21 CORPO TÉCNICO ADMINISTRATIVO

Corpo técnico-administrativo diretamente relacionado ao curso

Nome	Cargo	Titulação máxima	Regime de trabalho	Vínculo
Adriana de Almeida David	Técnico de Laboratório – Biologia	Mestrado	40h	Efetivo
Aline Gurgel Rego	Assistente Social	Especialização	40h	Efetivo
Cícero da Silva Costa	Agrônomo	Doutorado	40h	Efetivo
Cinthya Suely Miranda Saraiva de Carvalho	Pedagoga	Especialização	40h	Efetivo
Fernanda Holanda Borges	Bibliotecária Documentalista	Graduação	40h	Efetivo
Josymara Vieira Lima Magalhães	Assistente de alunos	Especialista	40h	Efetivo
Luiz Carlos Melo Gomes	Técnico em Assuntos Educacionais	Especialização	40h	Efetivo
Luiza Elena de Araújo Lucas Coutinho	Auxiliar de Biblioteca	Graduação	40h	Efetivo

Mikael Ritlay Nogueira de Almeida	Técnico de Laboratório - Tecnologia da Informação	Graduação	40h	Efetivo
Saulo Ramos de Freitas	Assistente de alunos	Graduação	40h	Efetivo
Shirlieuda Santos Sales Costa	Auxiliar de Biblioteca	Graduação	40h	Efetivo
Thiago Lenilson da Silva Rodrigues	Assistente em Administração	Ensino médio	40h	Efetivo
Verônica Mendes Frota Gomes	Psicóloga	Especialização	40h	Efetivo
Wagner Silva Cavalcante	Assistente em Administração	Graduação	40h	Efetivo

22 INFRAESTRUTURA

22.1 BIBLIOTECA

A Biblioteca do IFCE – Campus Ubajara funciona nos três períodos do dia. O horário de funcionamento é das 9:00h às 21:00h de segunda a sexta-feira.

Aos usuários vinculados ao *Campus* e cadastrados na Biblioteca é concedido o empréstimo domiciliar de livros, exceto obras de referência, periódicos, publicações indicadas para reserva e outras publicações conforme recomendação do setor. As formas de empréstimo são estabelecidas no regulamento de seu funcionamento. A

biblioteca dispõe também de uma área para estudos coletivos para alunos e professores com mesas redondas além de cabines individuais equipadas com computadores com acesso à internet.

Com relação ao acervo, a Biblioteca possui mais de 3.000 exemplares incluindo livros, periódicos, materiais técnicos e títulos de vídeos (DVD e CD), com todo acervo catalogado em meios informatizados. Ressalta-se que é de interesse da Instituição a atualização do acervo de acordo com as necessidades e prioridades estabelecidas pelo corpo docente sempre quando se fizer necessário.

22.2 INFRAESTRUTURA FÍSICA E RECURSOS MATERIAIS

A infraestrutura do IFCE - Campus Ubajara conta com 8 salas de aula, sendo 5 salas de aula destinadas ao funcionamento das aulas do curso de Agroindústria. Há também uma sala coletiva para os professores, onde dividem-se em mesas individuais equipadas com computadores, impressora multifuncional, ar condicionado, dentre outros equipamentos e materiais.

Os coordenadores dos cursos do IFCE - *Campus* Ubajara possuem uma sala própria equipada com mesas individuais, computadores e ar condicionado.

Os serviços de atendimento aos alunos são realizados pela Coordenadoria de Controle Acadêmico - CCA e pela equipe da Diretoria de Ensino - DIREN. Esses dois setores possuem salas específicas equipadas com mesas, cadeiras, computadores e impressoras, onde são prestados serviços como: matrículas, atendimento à alunos - requerimentos, esclarecimentos, dentre outros.

22.2.1 DISTRIBUIÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO EXISTENTE PARA O CURSO

Os itens descritos abaixo já estão em funcionamento e fazem parte da estrutura básica do campus do IFCE Ubajara.

DEPENDÊNCIAS	QUANT.	m²
Sala de Direção Geral	1	19,60

Sala de Direção de Ensino	1	76,30
Sala de Coordenação do Curso	1	8,00
Salas de Aula para o Curso	5	250,00
Sala dos Professores	1	31,00
Sanitário Coletivos para alunos	8	58,68
Sanitário para PNE	4	13,40
Copa	1	11,00
Área de Convivência	1	239,15
Biblioteca (Sala de Leitura/Estudos)	1	155,00
Sala de vídeo conferência	1	59,10
Auditório	1	200,00
Enfermaria	1	24,15
Estacionamento	1	150,00

22.2.2. OUTROS RECURSOS MATERIAIS

ITEM	QUANT.
Televisores	4
Quadro Branco	7
Projektor de Multimídia	23

Lousa Digital	5
Aparelho de DVD	2
Câmera Fotográfica Digital	1

22.3 INFRAESTRUTURA DE LABORATÓRIOS DE INFORMÁTICA CONECTADO À INTERNET

Os itens descritos abaixo já estão em funcionamento e fazem parte da estrutura básica do Laboratório de informática do *Campus* do IFCE Ubajara.

Laboratório (nº e/ou nome)	Área (m ²)	m ² por estação	m ² por aluno
01 LAB. INFORMÁTICA	50,00	0,5	5
Descrição (Software Instalado, e/ou outros dados)			
Sistema Operacional Windows 7 professional, Editor de Texto Word, Planilha Eletrônica Excel, Software de Apresentação Power Point, Browser Internet Explorer, Panda antivírus, LibreOffice (Editor de Texto, Planilha Eletrônica, Software de Apresentação).			
Equipamentos (Hardware Instalado e/ou outros)			
Qtde.	Especificações		
19	Computador Itautec Infoway ST4256, Intel Core i5 3GHz, Windows 7 professional, HD 500 Gb, 8 Gb, DVD, Acesso a Internet, Monitores LED 19”, Teclado padrão ABNT e mouse dois botões		
12	Bancadas de madeira para computadores		

25	Cadeiras
12	Estabilizadores de tensão

22.4 LABORATÓRIOS ESPECÍFICOS À ÁREA DO CURSO

O curso de Agroindústria conta com os seguintes laboratórios específicos: Laboratório de processamento de alimentos; Laboratório de análise sensorial; Laboratório de química geral e química de alimentos, e Laboratório de microbiologia.

Os itens descritos abaixo já estão em funcionamento e fazem parte da estrutura básica do *Campus* do IFCE Ubajara.

Laboratório (nº e/ou nome)	Área (m ²)	m ² por estação	m ² por aluno
Laboratório de Química Geral e Química de Alimentos	52,70	26,35	3,51
Descrição (Materiais, Ferramentas, Softwares Instalados, e/ou outros dados)			
Instalações para aulas práticas das disciplinas de Química, Química de Alimentos e outras Disciplinas quando se fizer necessário			
Equipamentos (Hardwares Instalados e/ou outros)			
Qtd e.	Especificações		
02	ACENDEDOR DE FOGÃO		
02	AGITADOR MAGNÉTICO COM AQUECIMENTO GOSTIRRER		

04	AGITADOR VÓRTEX WARMWEST
01	BALANÇA DETERMINADORA DE UMIDADE BEL
03	BALANÇA DE PRECISÃO COM CAPELA BEL
02	BALANÇA DE PRECISÃO SEM CAPELA BEL
01	BATERIA DE EXTRAÇÃO DE GORDURA
01	BANHO MARIA COM AGITAÇÃO MAGNÉTICA LUCADEMA 22 L
01	BLOCO DIGESTOR SOLAB
01	BOMBA DE VÁCUO PRISMATEC MODELO 121
01	BOMBA DE VÁCUO PRISMATEC MODELO 131
04	BOTTLE TOP DISPENSER
01	CAPELA DE EXAUSTÃO LUCADEMA
01	CENTRÍFUGA MODELO 8BT
02	CENTRÍFUGA MODELO DT5-6ª
01	CHUVEIRO/ LAVA OLHOS DE EMERGÊNCIA EPC
01	COLORÍMETRO
01	DESTILADOR DE ÁGUA TIPO PILSEN MAX BIOMEDICAL
01	DESTILADOR DE NITROGÊNIO SL – 74 SOLAB
01	ESPECTROFOTÔMETRO EVEN

50	ESTANTE PARA TUBO DE ENSAIO
01	ESTUFA MICROPROCESSADA DE ESTERILIZAÇÃO E SECAGEM STERILIFER
01	FREEZER BOSH 300 L
01	FORNO MUFLA
01	FOTÔMETRO DE CHAMA
01	GELADEIRA 296 L
01	LIOFILIZADOR
01	LAVADOR DE PIPETAS
04	LUVAS DESCARTÁVEIS (CAIXA) EPI
04	LUVAS DE PROTEÇÃO TÉRMICA EPI
02	MANTA AQUECEDORA WARMWEST
01	PHMETRO DE BANCADA EEQ – 9025 EDUTEC
01	PHMETRO PORTÁTIL
59	PIPETADOR TIPO PÊRA
07	PIPETADOR TIPO SERINGA
08	PORTA PIPETA
01	REFRATÔMETRO DE BANCADA

02	REFRATÔMETRO PORTÁTIL
42	SUPORTE TRIANGULAR
02	TAMBOR DE ÁGUA DESTILADA 20 L
02	TAMBOR DE ÁGUA DESTILADA LUCADEMA 30L
35	TERMÔMETROS

Laboratório (nº e/ou nome)		Área (m ²)	m ² por estação	m ² por aluno
Laboratório de Microbiologia de Alimentos		52,70	26,35	3,51
Descrição (Materiais, Ferramentas, Softwares Instalados, e/ou outros dados)				
Instalações para aulas práticas das disciplinas de Biologia, Microbiologia de Alimentos e outras Disciplinas quando se fizer necessário				
Equipamentos (Hardwares Instalados e/ou outros)				
Qtde	Especificações			
05	AGITADOR DE TUBOS – VÓRTEX			
01	AGITADOR MAGNÉTICO COM AQUECEDOR			
01	AGITADOR VÓRTEX			
02	AUTOCLAVE DIGITAL DE MESA			

02	AUTOCLAVE DIGITAL MINI
01	BALANÇA
01	BALANÇA DE PRECISÃO
02	BANHO-MARIA
01	CÂMERA UV SL-204
02	CAPELA DE EXAUSTÃO
01	CAPELA DE FLUXO
02	CONDICIONADOR DE AR
05	CONTADOR DE COLÔNIA
01	DESSECADOR DE VIDRO POLICARBONATO
02	DESTILADOR
01	ESTUFA BACTERIOLÓGICA
02	ESTUFA DE SECAGEM E ESTERILIZAÇÃO
02	ESTUFA DE SECAGEM E ESTERILIZAÇÃO
01	ESTUFA INCUBADORA PARA ENSAIOS BACTERIOLÓGICOS
01	GABINETE CPU
01	GELADEIRA FROST FREE
01	INCUBADORA DE SEMENTES

07	MICROSCÓPIO MONOCULAR
01	MÓDULO ISOLADOR
01	MONITOR
01	PHMETRO
01	PROJETOR
12	BANCO GIRATÓRIO ESMALTADO
01	CADEIRA
01	CADEIRA COM BRAÇOS
01	CADEIRA GIRATÓRIA
01	MESA
01	MESA RETANGULAR

Laboratório (nº e/ou nome)	Área (m ²)	m ² por estação	m ² por aluno
Área de Processamento de Alimentos	52,70	26,35	3,51
Descrição (Materiais, Ferramentas, Softwares Instalados, e/ou outros dados)			
<p>Instalações para aulas práticas das disciplinas de Princípios de Conservação de Produtos Agroindustriais; Agroindústria do Leite; Agroindústria dos Produtos de Origem Animal e Vegetal; Agroindústria de Bebidas e outras disciplinas quando se fizer necessário.</p> <p>Área comum munida de equipamento necessário para as disciplinas que envolvam processamento de alimentos</p>			
Equipamentos (Hardwares Instalados e/ou outros)			
Qtd e	Especificações		
01	APARELHO DE AR CONDICIONADO		
01	ARMÁRIO DE AÇO		
01	BALANÇA DE PRECISÃO, MODELO: S-2220, MARCA: TEKLAVOR		
01	BALANÇA, MARCA BALMAK, MODELO ELP-10, MÍN. 20G – MÁX. 10KG		
12	BANCO GIRATÓRIO ESMALTADO, MARCA: ATLANTIS		

01	BATEDEIRA STAND MIXER PROFISSIONAL, 220 VOLTS POTÊNCIA: 500W, CAPACIDADE DA TIGELA/COPO (EM LITROS) 4 LITROS, CONTENDO 3 BATEDORES.
02	DESCASCADOR INDUSTRIAL CAPACIDADE 6KG
01	DESIDRATADOR DE ALIMENTOS, CONSTRUÍDO EM CHAPAS DE AÇO CARBONO SOLDADOS, REVESTIMENTO INTERNO EM CHAPAS DE ALUMÍNIO, REVESTIMENTO EXTERNO EM CHAPAS DE AÇO GALVANIZADO E PINTURA EPÓXI BRANCO.
01	DESPOLPADEIRA DE FRUTAS, MARCA MB BRAESI, MODELO DES-60
04	ELETRODO MEDIÇÃO PH, TIPO COMBINADO, COMPONENTES CORPO VIDRO/ CONEXÃO BNC, TEMPERATURA TRABALHO 0 A 60 C, FAIXA
01	EMBUTIDORA ALIMENTÍCIA, MARCA: BECKER
01	ESTANTE METÁLICA, MATERIAL CHAPA AÇO 24, ALTURA 1,98 M, LARGURA 0,92 M, PROFUNDIDADE 0,42 M, TIPO PRATELEIRAS REGULÁVEIS, QUANTIDADE PRATELEIRAS 6 UN.
01	ESTUFA DE ESTERILIZAÇÃO E SECAGEM, MARCA ETUTEC
01	EXTRATOR DE SUCOS, MARCA VITALEX
01	FOGÃO INDUSTRIAL 4 BOCAS FORNO TRON
01	FOGÃO INDUSTRIAL 4 BOCAS FORNO TRON
01	FORNO ELÉTRICO CENTURY INOX 45L, N° DE SÉRIE 18726
01	FORNO MICROONDAS, MARCA: ELETROLUX, MODELO: MEF41

01	FREEZER VERTICAL, MARCA: BOSCH, MODELO: GDS32
01	FREEZER, TIPO HORIZONTAL, CAPACIDADE 477 L, QUANTIDADE TAMPAS 2 UN, COR BRANCA, TENSÃO ALIMENTAÇÃO 220 V.
01	GELADEIRA, MARCA: ELETROLUX, MODELO: DF42
01	IOGURTEIRA ELÉTRICA DESCRIÇÃO COMPLEMENTAR: IOGURTEIRA EM AÇO INOX EQUIPAMENTO QUE TAMBÉM PODE SER UTILIZADO COMO PASTEURIZADOR LENTO, CAPACIDADE MÍNIMA 100 LITROS. 220V.
02	LIQUIDIFICADOR INDUSTRIAL, 110/220 V, COM CAPACIDADE DO COPO IGUAL OU SUPERIOR A 15L.
01	MÁQUINA DE SORVETE: EQUIPAMENTO SEMIAUTOMÁTICO PARA FABRICAÇÃO DE SORVETES ARTESANAL A BASE DE ÁGUA (ABACAXI, LIMÃO ETC) OU A BASE DE LEITE (CHOCOLATE, MORANGO, BAUNILHA ETC). EM AÇO INOX. PRODUÇÃO FIRME: 100 A 120 LITROS/H, COM CONDENSAÇÃO A ÁGUA, ATÉ 12 LITROS POR BATIDA. MODELO PRO 16 DA FINAMAC OU SIMILAR.
01	MÁQUINA SELADORA PARA TODOS OS FINS METALÚRGICA PINHEIRO
01	LIQUIDIFICADOR
02	MEDIDOR DE PH (PHMETRO) DE BANCADA COM INTERFACE DE COMUNICAÇÃO SERIAL. CONJUNTO FORMADO POR INSTRUMENTO DE LEITURA, ELETRODO COMBINADO DE PH, SENSOR DE TEMPERATURA

02	MESA LISA DE ENCOSTO COM DUAS ABERTURAS NO TAMPO UMA CIRCULAR E UMA RETANGULAR
03	MESA LISA EM INOX PARA COZINHA, COM DIMENSÕES APROXIMADAS DE 80X60X200 CM.
01	MESA RETANGULAR SEM GAVETAS NA COR ARGILA
01	MODELADORA DE HAMBURGER – BRAESI
01	MOEDOR DE CARNE INDUSTRIAL, MARCA: ECCEL, MODELO: MCIE-22-1CV
01	PH-METRO DE BANCADA, MODELO EEQ – 9025
01	PROCESSADOR DE ALIMENTOS, MARCA SKYMSSEN
01	SOPRADOR TÉRMICO, COM POTÊNCIA DE 2000 W, TEMPERATURA 50-630 C, COM TRÊS NÍVEIS DE VAZÃO DE AR 150 / 300 / 500 L / MIN, 220 V.
01	TANQUE ELÉTRICO PARA FABRICAÇÃO DE QUEIJO DE 150 L
13	TERMO-LACTODENSÍMETRO, CALIBRADO A 200C, ESCALA 0 A 500C
01	TERMÔMETRO DIGITAL, TIPO ESPETO. MARCA INCOTERM
01	TERMÔMETRO INFRAVERMELHO DIGITAL TIPO PISTOLA, DISPLAY CRISTAL LÍQUIDO, ESCALA -30 A 500°C, MARCA EQUITERM.

Laboratório (nº e/ou nome)	Área (m ²)	m ² por estação	m ² por aluno
Análise Sensorial	52,70	-	3,51
<p>Descrição (Materiais, Ferramentas, Softwares Instalados, e/ou outros dados)</p> <p>Instalações para aulas práticas da disciplina de Análise sensorial</p>			
<p>Equipamentos (Hardwares Instalados e/ou outros)</p>			
Qtd e	Especificações		
07	CADEIRA FIXA, ASSENTO E ENCOSTO DE PLÁSTICO DA COR AZUL, SEM APOIO PARA BRAÇOS		
01	CARRO AUXILIAR EM AÇO INOX AISI 304, COM 2 PLANOS, MARCA: GRUNOX		
01	COIFA		
01	ESTANTE LISA PERFURADA COM 4 PLANOS REGULÁVEIS		
01	FOGÃO DE BAIXA PRESSÃO 4 BOCAS, MARCA: ITAJOBÍ		
01	FORNO, MARCA: CATPAR		
01	GARRA SUPORTE DE TETO PARA PROJETOR		

01	GELADEIRA - CAPACIDADE: NO MÍNIMO 403 LITROS SENDO REFRIGERADOR: MÍNIMO DE 317 LITROS E FREEZER: MÍNIMO DE 86 LITROS, FROST FREE, DUAS PORTAS, DUPLEX COR BRANCA, EFICIÊNCIA ENERGÉTICA CLASSE A. 220 VOLTS.
01	LIXEIRA FERRINOX
02	MESA LISA EM INOX PARA COZINHA, COM DIMENSÕES APROXIMADAS DE 80X60X200 CM.
01	MESA REDONDA - SALA ANEXO
01	MESA REDONDA BRANCA, COM APOIO CENTRAL E BASE DE QUATRO HASTES
01	MICRO-ONDAS MINUTE, MARCA MIDEA, CAPACIDADE 30L, MODELO MM-40TB2VW
01	PROJETOR, MARCA EPSON, MODELO H553A COR BRANCA

REFERÊNCIAS

BRASIL-ICMBio. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Planos de Manejo**. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/parnaubajara/planos-de-manejo>>. Acesso em: 07 abr. 2018.

BRASIL. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. **Da definição, classificação e relações de estágio**. DOU de 26.9.2008. Disponível em: <http://www.cvm.gov.br/export/sites/cvm/menu/acesso_informacao/servidores/estagios/3-LEGISLACAO-DE-ESTAGIO.pdf>.

BRASIL. Lei nº 10.681, de 14 de abril de 2004. **Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES e dá outras providências**. DOU de 15.4.2004. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/l10.861.htm>.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. DOU de 28.12.2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm>.

BRASIL. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. **Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências**. DOU de 30.12.2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm>.

BRASIL. Lei nº 10.172, de 09 de janeiro de 2001. **Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências**. DOU de 30.01.2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm>.

BRASIL: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB – Lei nº 9.394/1996**. Brasília: Congresso Nacional, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm>.

BRASIL. Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014. **Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências**. 2014a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm>.

BRASIL. Ministério da Educação / Secretaria da Educação Profissional e Tecnológica. **Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia**, 2016. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=44501-cncst-2016-3edc-pdf&category_slug=junho-2016-pdf&Itemid=30192>.

BRASIL. DECRETO Nº 5.296, de 02 DE DEZEMBRO DE 2004. **Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências**. Brasília: Congresso Nacional, 2004. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm>.

BRASIL. DECRETO Nº 5.154 de 23 de julho de 2004. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências**. Brasília: Congresso Nacional, 2004. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm>.

BRASIL. DECRETO Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras**. Brasília: Congresso Nacional, 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>.

BRASIL. DECRETO Nº 4.281, de 25 de junho de 2002. **Institui a Política Nacional de Educação Ambiental**. Brasília: Congresso Nacional, 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/d4281.htm> .

BRASIL/IBGE. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico**, 2010. Acesso em: 17.maio.2018.

Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/saude/9662-censo-demografico-2010.html?=&t=downloads>

BRASIL/ INCRA. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, 2014. Acesso em: 14.mai.2018. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/assentamento>

BRASIL/ INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sinopse Estatística do Ensino superior**, 2016. Acesso em: 05.março.2018. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>>.

BRASIL. PARECER CNE/CP Nº 29. **Trata das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação profissional de Nível de Tecnológico**, 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/cp29.pdf>>.

BRASIL. PARECER CNE/CP Nº 08. **Trata das Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos**, 2012. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/direito-para-todos/pdf/ParecerhomologadoDiretrizesNacionaisEDH.pdf>>.

BRASIL. RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 03. **Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a organização e o funcionamento dos cursos superiores**, 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP032002.pdf>>.

BRASIL. RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 01. **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**, 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>>.

BRASIL. RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 02. **Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental**, 2012. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10988-rcp002-12-pdf&category_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192>.

BRASIL. RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 01. **Normatiza o Núcleo Docente Estruturante e dá outras providências**, 2010. Disponível em:<http://www.pucsp.br/cpa/downloads/21_03_11_nucleo_docente_estruturante_resolucao_conaes_1__17_junho_2010.pdf>.

BRASIL. INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Educação Profissional: Nível Tecnológico**. Disponível em:<http://www.educacaosuperior.inep.gov.br/funcional/lista_cursos.asp>. Acesso em 03/12/2012.

CARVALHO, A. D. **Novas metodologias em educação**. São Paulo: Porto Editora, 1995. (Coleção Educação).

CEARÁ. **Ceará IV: Região da Ibiapaba tem trecho totalmente restaurado**. Acesso em: 07.abril.2018. Disponível em: <<http://www.ceara.gov.br/2016/09/19/ceara-iv-regiao-da-ibiapaba-tem-trecho-totalmente-restaurado/>>.

CEARÁ/CPMR. Serviço Geológico do Brasil. Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais. Diagnóstico do município de Ubajara. **In.:** Programa de Recenseamento de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea no Estado do Ceará. 1998.

CEARÁ/SDLR. SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO LOCAL E REGIONAL. **Arranjo produtivo local de turismo na Serra da Ibiapaba**. 2016a. Acesso em: 07.abril.2018. Disponível em: <http://conteudo.ceara.gov.br/content/aplicacao/sdlr/_includes/PDFs/APL%20-%20Ibiapaba%20-%20Turismo.pdf>.

CEARÁ/SDLR. SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO LOCAL E REGIONAL. **Arranjo produtivo local de flores na Serra da Ibiapaba**. 2016b. Acesso em: 07.abril.2018. Disponível em:

<http://conteudo.ceara.gov.br/content/aplicacao/sdlr/_includes/PDFs/APL%20-%20Ibiapaba%20-%20Flores.pdf>.

DIAS, R. E. Competências – um conceito recontextualizado no currículo para a formação de professores no Brasil. In: **24ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, 2001, Caxambu – MG. Intelectuais, conhecimento e espaço público, 2001.

IPECE- Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. **Perfil municipal**. Acesso em: 07.abril.2018. Disponível em: <http://www.ipece.ce.gov.br/perfil_basico_municipal/2017/Ubajara.pdf>.

SANTOS, F.L.A.; NASCIMENTO, F.R. **Diretrizes ao turismo sustentável na área de influência do Parque Nacional de Ubajara- Nordeste do Brasil**. TURYDES, v. 9, Nº 21, 2016.

SANTOS, F.L.A.; NASCIMENTO, F.R. **Compartimentação geoambiental do planalto da Ibiapaba: subsídios ao manejo dos recursos naturais nos municípios de Tianguá e Ubajara – Ceará**. XVII Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada. 2017.

ANEXOS DO PPC

ANEXO 1

EMENTAS E BIBLIOGRAFIAS- PUD

**DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD**

DISCIPLINA: INTRODUÇÃO À TECNOLOGIA AGROINDUSTRIAL		
Código: AGROI. 001		
Carga Horária Total: 40h	CH Teórica: 40h/a	CH Prática: 0h/a
Número de Créditos: 2		
Pré-requisitos: Sem pré-requisito		
Semestre: 1º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Os tipos de agroindústria. A agroindústria regional. Programas de aquisição de matérias-primas. Legislação para a indústria de alimentos. Aspectos da distribuição e comercialização de alimentos.		
OBJETIVOS		
Identificar os tipos de agroindústria; Elaborar programas para obtenção de matérias-primas das diversas fases de processamento de alimentos; Conhecer as principais Leis, Regulamentos e Normativas de interesse para o processamento de alimentos.		
PROGRAMA		
UNIDADE I – Introdução à agroindústria		

- A agroindústria nacional
- Contexto da agroindústria regional
- Aspectos econômicos e sociais da agroindústria de alimentos

UNIDADE II – Tipos de agroindústrias

- Os diversos tipos de agroindústrias de alimentos
- Os setores de uma agroindústria de alimentos
- Principais processos tecnológicos utilizados no processamento de alimentos

UNIDADE III – Diretrizes gerais para obtenção de matérias-primas

- Tipos de matérias-primas
- Programas de obtenção de matérias-primas
- Diretrizes para elaboração de um programa para obtenção de matérias-primas

UNIDADE IV – Introdução à legislação para as indústrias de alimentos

- Principais leis, normativas e regulamentos destinados ao processamento de alimentos
- Distribuição e comercialização de alimentos

METODOLOGIA DE ENSINO

Aulas teóricas expositivas com a utilização de quadro branco, notas de aula e recursos audiovisuais como projetor multimídia; Realização de visitas técnicas; Palestras com profissionais da área ou representantes de indústrias locais.

AVALIAÇÃO

A avaliação será desenvolvida ao longo do semestre, de forma processual e contínua, valorizando os aspectos qualitativos em relação aos quantitativos.

Alguns critérios a serem avaliados:

- Conhecimento individual sobre temas relativos aos assuntos estudados em sala;
- Grau de participação do aluno em atividades que exijam produção individual e em equipe;
- Planejamento, organização, coerência de ideias e clareza na elaboração de trabalhos escritos ou destinados à demonstração do domínio dos conhecimentos adquiridos;
- Criatividade e o uso de recursos diversificados;

Os aspectos quantitativos da avaliação ocorrerão de acordo com o Regulamento da Organização Didática (ROD) do IFCE.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

EVANGELISTA, J. **Tecnologia de alimentos**. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2008

OETTERER, M.; REGITANO-D'ARCE, M. A. B.; SPOTO, M. H. F.

Fundamentos de ciência e tecnologia de alimentos. Barueri: Manole, 2006.

FELLOWS, P. J. **Tecnologia do processamento de alimentos - Princípios e Prática**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 602p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARAÚJO, M.J. **Fundamentos de Agronegócio**. 4 ed. Revista, ampliada e atualizada. São Paulo.: Editora Atlas, 2013.

BATALHA, M. O. **Gestão agroindustrial – volume 1**. 3 ed. São Paulo, Editora Atlas, 2007. 800 p.

BATALHA, M. O. **Gestão agroindustrial – volume 2**. 5 ed. São Paulo, Editora Atlas, 2009. 440 p.

BATISTA, M. **Técnicas e práticas na agroindústria, na construção civil e no ambiente**. vol. 5. Ab Editora. 2006.136p.

KOBLITZ, M. G. B. **Matérias-primas alimentícias: composição e controle de qualidade**. Rio de Janeiro, Guanaba Koogan, 2011.

Coordenador do Curso

Setor Pedagógico

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: BIOLOGIA		
Código: AGROI. 002		
Carga Horária Total: 80h	CH Teórica: 60h/a	CH Prática: 20h/a
Número de Créditos: 4		
Pré-requisitos: Sem pré-requisito		
Semestre: 1º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Introdução ao estudo da ciência biológica. Citologia. Bioquímica e fisiologia celular. A energética da célula. Diversidade dos seres vivos. Princípios de ecologia.		
OBJETIVOS		
Conhecer as bases biológicas que regem o curso de agroindústria; Descrever a morfologia e a fisiologia celular, capacitar o aluno a compreender a lógica dos processos celulares e as vias metabólicas de nutrientes; Fornecer os conhecimentos básicos de Biologia Geral e correlacionar com aplicação sobre a especificidade, funcionamento e organização dos diferentes organismos no meio-ambiente; Conhecer os processos metabólicos de produção (fermentação, fotossíntese e respiração).		
PROGRAMA		
UNIDADE I – Introdução ao estudo de biologia		
<ul style="list-style-type: none">● Características gerais dos seres vivos● Níveis de organização dos seres vivos● Classificação biológica● Os reinos, seus principais representantes e características		
UNIDADE II – Biologia e fisiologia celular		
<ul style="list-style-type: none">● Princípios de bioquímica (principais biomoléculas e suas funções)		

- Princípios de organização celular (membrana, organelas e núcleo interfásico)
- Princípios de fisiologia celular (Respiração celular, fermentação e fotossíntese)

UNIDADE III – Princípio de ecologia e meio ambiente

- Fluxo de energia nos ecossistemas
- Relações tróficas
- Pirâmides ecológicas
- Dinâmica de populações
- Relações ecológicas (interespecífica e intraespecífica)
- Saúde e ambiente

METODOLOGIA DE ENSINO

Aulas teóricas expositivas com a utilização de quadro branco, notas de aula e recursos audiovisuais como projetor multimídia.

Realização de práticas no laboratório.

AVALIAÇÃO

A avaliação será desenvolvida ao longo do semestre, de forma processual e contínua, valorizando os aspectos qualitativos em relação aos quantitativos.

Alguns critérios a serem avaliados:

- Conhecimento individual sobre temas relativos aos assuntos estudados em sala;
- Grau de participação do aluno em atividades que exijam produção individual e em equipe;
- Planejamento, organização, coerência de ideias e clareza na elaboração de trabalhos escritos ou destinados à demonstração do domínio dos conhecimentos adquiridos;
- Criatividade e o uso de recursos diversificados;

Os aspectos quantitativos da avaliação ocorrerão de acordo com o Regulamento da Organização Didática (ROD) do IFCE.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

PURVES, W. K.; SADAVA, D.; ORIANI, G. H.; HELLER, H. C. **Vida: A ciência da biologia**. Volume 1. 8. ed. São Paulo: Artmed, 2011.

PURVES, W. K.; SADAVA, D.; ORIAN, G. H.; HELLER, H. C. **Vida: A ciência da biologia**. Volume 2. 8. ed. São Paulo: Artmed, 2011.

PURVES, W. K.; SADAVA, D.; ORIAN, G. H.; HELLER, H. C. **Vida: A ciência da biologia**. Volume 3. 8. ed. São Paulo: Artmed, 2011.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

TORTORA, G. J.; FUNKE, B. R.; CASE, C. L. **Microbiologia**. 10 ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

JUNQUEIRA, L. C.; CARNEIRO, J. **Biologia Celular e Molecular**. 9 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

RAVEN, P. H.; EVERT, R. F.; EICHHORN, S. E. **Biologia vegetal**. 8 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014.

NELSON, D. L.; COX, M. M. **Princípios de bioquímica de Lehninger**. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

CAIN, M. L.; BOWMAN, W. D.; HACKER, S. D. **Ecologia**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018.

Coordenador do Curso

Setor Pedagógico

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: QUÍMICA		
Código: AGROI. 003		
Carga Horária Total: 80h	CH Teórica: 60h/a	CH Prática: 20h/a
Número de Créditos: 4		
Pré-requisitos: Sem pré-requisito		
Semestre: 1º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Principais características da matéria. Princípios da Biossegurança. Ligação Química. Reações Químicas e cálculos estequiométricos. Soluções. Propriedades coligativas. Equilíbrio Químico ácido-básico. Potencial hidrogeniônico. Princípios da análise Química: clássica e instrumental.		
OBJETIVOS		
Compreender a Química como instrumento auxiliador na formação e atuação do tecnólogo em Agroindústria; Conhecer os riscos inerentes ao ambiente laboratorial bem como os aspectos relacionados à segurança e boas práticas de laboratório; Entender os fundamentos das transformações químicas e da análise química; Adquirir habilidades práticas no manuseio de vidrarias e preparo de soluções		
PROGRAMA		
UNIDADE I – Estudo da matéria		
<ul style="list-style-type: none">● Estados Físicos e Propriedades da matéria● Classificação da Matéria● Medidas em Química: grandezas e unidades de medida, precisão e exatidão;● O modelo atômico atual da matéria● Principais características dos átomos: número atômico, número de massa e massa atômica		

- Número de mols e Massa Molar

UNIDADE II – Princípios da biossegurança

- Riscos no ambiente laboratorial
- Equipamentos de proteção individual
- Equipamentos de proteção coletiva
- Boas práticas de laboratório

UNIDADE III – Principais vidrarias e operações no laboratório de química

- Principais vidrarias e materiais utilizados no Laboratório de Química
- Medidas de Massa
- Medidas de Volume

UNIDADE IV – Ligação química

- Ligação Iônica
- Ligação Covalente
- Polaridade das ligações
- Eletronegatividade
- Forças Intermoleculares

UNIDADE V – Reações químicas

- Equações Químicas e Balanceamento
- Relação estequiométrica e cálculos em reações químicas
- Reagente Limitante e Rendimento de uma reação

UNIDADE VI - Soluções

- Tipos de soluções
- Aspectos Quantitativos das Soluções
- Como preparar soluções
- Formas de expressar concentração
- Diluição de Soluções

UNIDADE VII - Propriedades coligativas

- Pressão máxima de vapor de líquidos puros
- Tonoscopia
- Ebulioscopia e Crioscopia
- Osmose e Pressão osmótica.

- **UNIDADE VIII - Equilíbrio químico em meio aquoso**

- Conceitos de Acidez e Basicidade
- Constante de ionização
- Equilíbrio Iônico da Água
- K_a , K_b e K_w
- Potencial Hidrogeniônico – pH
- As escalas de pH e pOH
- A relação existente entre o meio ácido e básico com a escala de pH
- Medidor de pH

UNIDADE IX - Introdução à análise química

- Análise Volumétrica
- Titulação Ácido-Base
- Indicadores e ponto final da titulação
- Análise Gravimétrica
- Análise Instrumental
- Espectrofotometria
- Curva de calibração
- Aspectos principais de validação de metodologia

METODOLOGIA DE ENSINO

Aulas teóricas expositivas com a utilização de quadro branco, notas de aula e recursos audiovisuais como projetor multimídia.

Realização de práticas no laboratório.

AVALIAÇÃO

A avaliação será desenvolvida ao longo do semestre, de forma processual e contínua, valorizando os aspectos qualitativos em relação aos quantitativos.

Alguns critérios a serem avaliados:

- Conhecimento individual sobre temas relativos aos assuntos estudados em sala;
- Grau de participação do aluno em atividades que exijam produção individual e em equipe;
- Planejamento, organização, coerência de ideias e clareza na elaboração de trabalhos escritos ou destinados à demonstração do domínio dos conhecimentos adquiridos;
- Criatividade e o uso de recursos diversificados;

Os aspectos quantitativos da avaliação ocorrerão de acordo com o Regulamento da Organização Didática (ROD) do IFCE.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

KOTZ, J. C.; TREICHEL, P. M.; WEAVER, G. C. **Química geral e reações químicas**. Volume 01. 6 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

KOTZ, J. C.; TREICHEL, P. M.; WEAVER, G. C. **Química geral e reações químicas**. Volume 02. 6 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

ATKINS, P.; LORETTA, J. **Princípios de Química** - Questionando a vida moderna e o meio ambiente. 5 ed. Porto Alegre: Bookman, 2011.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BROWN, T. L.; LEMAY, H. E.; BURSTEN, B. R.; BURDGE, J. R. **Química: a ciência central**, 9 ed. Pearson Prentice Hall, São Paulo, 2005.

HARRIS, Daniel C. **Análise química quantitativa**. 8 ed. Rio de Janeiro. LCT, 2012.

BACCAN, N.; de ANDRADE, J. C.; GONDINHO, O. E.; BARONE, J. S. **Química analítica quantitativa elementar**. 3 ed. revista, ampliada e reestruturada. São Paulo: Editora Edgar Blucher, 2011.

CORINGA, J. E. S. **Biossegurança**. Curitiba: Editora do Livro Técnico, 2010.

CHANG, R. **Química geral: conceitos essenciais**. 4 ed. São Paulo: Macgraw Hill – ARTMED, 2007.

Coordenador do Curso

Setor Pedagógico

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: MATEMÁTICA		
Código: AGROI. 004		
Carga Horária Total: 80h	CH Teórica: 80h/a	CH Prática:
	0h/a	
Número de Créditos: 4		
Pré-requisitos: Sem pré-requisito		
Semestre: 1º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Funções: 1º e 2º Graus, polinomiais, trigonométricas, exponenciais e logarítmicas. Introdução ao Cálculo.		
OBJETIVOS		
Desenvolver o raciocínio lógico matemático, bem como a sua utilização no decorrer do curso;		
Explicitar situações vinculadas ao curso que possam ser modeladas por meio de funções e introdução ao cálculo matemático englobando as diversas áreas do ensino.		
PROGRAMA		
UNIDADE I - Estudo geral de funções		
<ul style="list-style-type: none">● Definição de função● Conceito de gráfico da função● Funções pares e funções ímpares● Valor numérico da função● Zero da função● Estudo do domínio, contradomínio e imagem● Classificação das funções (injetivas, sobrejetivas e bijetivas)● Função inversa● Função composta		
UNIDADE II - Definições, gráficos e aplicações		

- Definição de função polinomial
- Função afim (definição, gráfico, taxa de variação)
- Modelos lineares
- Função quadrática (definição, gráfico)
- Função exponencial (definição e gráfico)
- Aplicações da função exponencial
- Função logarítmica (definição e gráficos)
- Função trigonométrica
- Função modular

UNIDADE III - Matemática financeira

- Calculadora financeira
- Operações comerciais
- Rendas
- Operações financeiras
- Juros simples
- Juros compostos
- Sistemas de amortização
- Inflação
- Matemática financeira
- Engenharia econômica

UNIDADE IV - Derivação e integração

- Introdução: problema da tangente - derivada no ponto
- Definição de derivada e propriedades
- Derivada como taxa de variação (aplicações)
- Introdução: problema da área – noção de integral
- Integrais indefinidas e definidas
- Teorema fundamental do cálculo

METODOLOGIA DE ENSINO

Aulas teóricas expositivas com a utilização de quadro branco, notas de aula e recursos audiovisuais como projetor multimídia.

AVALIAÇÃO

A avaliação será desenvolvida ao longo do semestre, de forma processual e contínua, valorizando os aspectos qualitativos em relação aos quantitativos.

Alguns critérios a serem avaliados:

- Conhecimento individual sobre temas relativos aos assuntos estudados em sala;

- Grau de participação do aluno em atividades que exijam produção individual e em equipe;

Os aspectos quantitativos da avaliação ocorrerão de acordo com o Regulamento da Organização Didática (ROD) do IFCE.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

IEZZI, G.; MURAKAMI, C. **Fundamentos de matemática elementar 1:**

Conjuntos e Funções. 8 ed. São Paulo: Atual 2004.

IEZZI, G.; DOLCE, O.; MURAKAMI, C. **Fundamentos de matemática elementar 2:** logaritmos. 9 ed. São Paulo: ATUAL, 2004.

GUIDORIZZI, H. L. **Um curso de cálculo.** Volume 1. 5 ed. São Paulo: LTC, 2011.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FLEMMING, D. M.; GONÇALVES, M. B. **Cálculo– A:** Funções, limite, derivação e integração. 6 ed. São Paulo: Pearson, 2006.

DEMANA, F. et al. **Pré-cálculo.** São Paulo: Pearson, 2009.

HUETTENMUELLER, R. **Pré-cálculo sem mistério.** São Paulo: Alta Books, 2011.

STEWART, J. **Cálculo.** Volume 1. 7 ed. Editora Cengage Learning, 2013.

STEWART, J. **Cálculo.** Volume 2. 7 ed. Editora Cengage Learning, 2013.

Coordenador do Curso

Setor Pedagógico

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: COMUNICAÇÃO E LINGUAGEM		
Código: AGROI.005		
Carga Horária Total: 40h/a	CH Teórica: 40h/a	CH Prática: 0h/a
CH - Prática como Componente Curricular do Ensino: 0h/a		
Número de Créditos: 2		
Pré-requisitos: Sem pré-requisitos		
Semestre: 1º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Principais concepções de língua, texto e contexto. Especificidades da fala e da escrita. Gêneros e tipos textuais. Noções metodológicas de leitura e interpretação de textos. Habilidades básicas de produção textual. Noções linguístico-gramaticais aplicadas a textos de natureza diversa.		
OBJETIVOS		
Proporcionar aquisição de conhecimentos sobre o funcionamento da linguagem, numa abordagem textual e discursiva; Conceituar e estabelecer similaridades e diferenças que marcam a língua escrita e a falada; Reconhecer os diversos registros linguísticos; Contribuir para o desenvolvimento de uma consciência crítica para a compreensão e a produção de textos; Desenvolver habilidades para leitura – interpretação de textos – e escrita; Reconhecer os gêneros e tipos textuais; Produzir textos de diversos gêneros, com ênfase nos de natureza acadêmica; Utilizar a norma culta em textos orais e escritos.		
PROGRAMA		

UNIDADE I – Concepções de língua, texto e contexto

- A língua: código, instrumento, atividade cognitiva e atividade sociointerativa
- O texto: superfície textual e evento sociocognitivo
- O contexto: verbal, não verbal, sociocognitivo

UNIDADE II - Fala e escrita

- Modalidades do mesmo sistema linguístico
- Especificidades dentro dos contextos de uso: quebra de mitos
- A escrita como produto e como processo

UNIDADE III - Gêneros e tipos textuais/ Habilidades básicas de produção textual

- O estudo dos gêneros textuais em perspectiva intermediária e em sua heterogeneidade
- Escrita/leitura dos gêneros e suas funções a partir da análise do discurso
- A intermedialidade como chave interpretativa no estudo dos gêneros textuais
- Atividades metodológicas:
 - ✓ Discussão em torno da multiplicidade dos textos
 - ✓ Estudo dirigido sobre a teoria da análise do discurso
 - ✓ Análise/interpretação de texto em perspectiva comparada

UNIDADE IV - Noções metodológicas de leitura e interpretação de textos acadêmicos

- ✓ Noções básicas entre o texto literário e o texto acadêmico
- ✓ A estrutura do texto acadêmico e sua aplicabilidade
- ✓ A produção do texto acadêmico e suas particularidades (artigo científico, fichamento, dissertação, tese, TCC)
- ✓ Atividade:
 - ✓ - Produção dos textos
 - ✓ - Apresentação oral do conteúdo em torno das características identitárias de cada gênero textual.

✓ **UNIDADE V - A análise do discurso e a pragmática como perspectiva teórica para leitura/produção do texto acadêmico**

- A pragmática como meio de análise textual e sua relação com a gramática normativa e descritiva
- A análise do discurso como perspectiva teórica na compreensão/análise dos textos acadêmicos (estrutura e conteúdo)
- Atividades:
 - Análise/ interpretação dos textos acadêmicos a partir da análise do discurso e pragmática.

METODOLOGIA DE ENSINO	
Exposições dialogadas; Leitura e interpretação de textos; Atividades orais e escritas; Atividades individuais e coletivas; Seminários; Discussão; Produções textuais.	
AVALIAÇÃO	
A avaliação consistirá em um processo contínuo, levando em consideração as atividades realizadas, em grupos ou individualmente, ao longo da disciplina, as avaliações escritas e/ou práticas, além da participação do aluno em sala de aula.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
ANTUNES, I. Lutar com palavras: coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.	
ELIAS, V. M; KOCH, I. V. Ler e compreender os sentidos do texto. São Paulo: Editora Contexto, 2006.	
MARCUSCHI, L. A. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2010. .	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
CUNHA, C. Nova gramática do português contemporâneo: de acordo com a nova ortografia. 6. ed. Rio Janeiro: Lexikon, 2013.	
HOUAISS, A. Dicionário da língua portuguesa: com a nova ortografia. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.	
BAZERMAN, C. Gêneros textuais, tipificação e interação. São Paulo: Cortez Editora, 2005.	
LUFT, C. Dicionário prático de regência verbal: nova ortografia. [S. l.]: Editora Ática, 2010.	
MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. (Org.). Planejar gêneros acadêmicos. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.	
Coordenador do Curso _____	Setor Pedagógico _____

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA

PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: INGLÊS INSTRUMENTAL		
Código: AGROI.006		
Carga Horária Total: 40h/a	CH Teórica: 40h/a	CH Prática: 0h/a
Número de Créditos: 2		
Pré-requisitos: Sem pré-requisitos		
Semestre: 1º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Inglês instrumental. Textos autênticos. Compreensão textual. Interpretação. Estratégias de leitura. Gramática.		
OBJETIVOS		
Identificar, ler e compreender diferentes gêneros textuais autênticos escritos em língua inglesa, relacionados a assuntos da área do curso superior de tecnologia em agroindústria, bem como gêneros da esfera jornalística, utilizando-se das estratégias de leitura apropriadas.		
PROGRAMA		
UNIDADE I –Estratégias de Leitura		
<ul style="list-style-type: none">● Prediction● Skimming● Scanning● Grupos nominais● Palavras cognatas e falsos cognatos● Uso de dicionários		
UNIDADE II –Gêneros Textuais		
<ul style="list-style-type: none">● Reportagens● Curriculum vitae● Resumos acadêmicos● Textos de divulgação científica● Gráficos		
UNIDADE III –Itens Gramaticais		

- Tobe (formas de presente e passado simples)
- Presentsimple
- Pastsimple (verbos regulares e irregulares)
- Futures (will&goingto)

UNIDADE IV –Marcadores de Discurso

- Preposições e conjunções

METODOLOGIA DE ENSINO

As aulas serão ministradas de forma expositiva, como o auxílio da bibliografia básica e textos autênticos retirados da internet, bem como com a utilização de apresentações de slides.

AVALIAÇÃO

O aluno será avaliado quanto: ao desempenho individual e em grupo nas avaliações escritas, através de seminário, provas, trabalho de pesquisa; frequência/assiduidade e participação em grupo e em sala de aula. Além disso, serão realizadas duas avaliações formais escritas: uma na metade do curso e outra ao término do curso.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

MUNHOZ, R. **Inglês instrumental: estratégias de leitura**. São Paulo: Texto novo, 2002.

MURPHY, Raymond. **English grammar in use**. United Kingdom: Cambridge University Press, 1994.

PARKER, SYBIL P. **Dictionary of chemistry**. 2. ed. EUA: The McGraw-Hill Profess, 2003.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

SOUSA, Adriana *et al.* **Leitura em língua inglesa: uma abordagem instrumental**. 2. ed. São Paulo: Disal, 2010.

LOPES, C. **Ingês Instrumental: leitura e compreensão de textos**. Recife, Imprima, 2012. 119p

MURPHY, Raymond. **Essential grammar in use with answers: a selfstudy reference and practice book for elementary students of english**. 3. ed. Editora Cambridge, 2007.

CRAVO, A. **My english with my englishlab**. 1 ed. São Paulo, Pearson Education do Brasil, 2014.

HOLDEN, Susan. **O Ensino da língua inglesa**. São Paulo: SBS Editora, 2001.

Coordenador do Curso _____	Setor Pedagógico _____
--------------------------------------	----------------------------------

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO		
Código: AGROI. 007		
Carga Horária Total: 40h	CH Teórica: 40h/a	CH Prática: 0h/a
Número de Créditos: 2		
Pré-requisitos: Sem pré-requisito		
Semestre: 1º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Fundamentos da Metodologia Científica. A Comunicação Científica. Métodos e técnicas de pesquisa. A comunicação entre orientandos/orientadores. Normas para Elaboração de Trabalhos Acadêmicos. O pré-projeto de pesquisa. O Projeto de Pesquisa. A organização de texto científico, segundo as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).		
OBJETIVOS		
Conhecer e correlacionar os fundamentos, os métodos e as técnicas de análise presentes na produção do conhecimento científico;		
Compreender as diversas fases de elaboração e desenvolvimento de pesquisas e trabalhos acadêmicos;		
Elaborar e desenvolver pesquisas e trabalhos científicos obedecendo às orientações e normas vigentes nas Instituições de Ensino e Pesquisa no Brasil e na ABNT.		
PROGRAMA		
UNIDADE I –Fundamentos da Metodologia Científica		
<ul style="list-style-type: none">● Definições conceituais● Valores e ética no processo de pesquisa		
UNIDADE II –A comunicação Científica, o sistema de comunicação na ciência		
<ul style="list-style-type: none">● Canais informais e canais formais		

UNIDADE III – Métodos e técnicas de pesquisa

- Tipos de conhecimento
- Tipos de Ciência
- Classificação das pesquisas científicas
- A necessidade e os tipos do método e as etapas da pesquisa

UNIDADE IV –A comunicação entre orientandos/orientadores

- O papel de orientado/orientador na produção da pesquisa acadêmica

UNIDADE V –Normas para Elaboração de Trabalhos Acadêmicos

- Estrutura e Definição

UNIDADE VI –O pré-projeto de pesquisa

- Definição
- Modelos e elementos

UNIDADE VII –O projeto de pesquisa

- Definição
- Modelos e elementos

UNIDADE VIII –A organização do texto científico

- Normas para elaboração de trabalhos acadêmicos da ABNT

METODOLOGIA DE ENSINO

Aula expositiva e dialogada; leituras; realização de exercícios de forma individual e/ou em pequenos grupos; análise e elaboração de projetos de pesquisa e apresentação de seminários.

AVALIAÇÃO

A avaliação terá caráter formativo visando o acompanhamento contínuo do discente por meio de instrumentos e técnicas diversificadas de avaliação que tenham objetivos e critérios bem explicitados.

Algumas técnicas e instrumentos de avaliação: questionamentos e discussões aliado à participação dos discentes; resolução de exercícios em sala de aula; aplicação de trabalhos escritos (lista de exercícios e/ou pesquisa com produção de textos).

Alguns critérios a serem avaliados: Grau de participação do discente em atividades que exijam produção individual e/ou em equipe; planejamento, organização, coerência de ideias, legitimidade e clareza na elaboração de trabalhos escritos ou destinados à demonstração do domínio dos

conhecimentos técnico-pedagógicos e científicos adquiridos; desempenho cognitivo; criatividade e o uso de recursos diversificados; domínio de atuação discente (postura e desempenho); assiduidade e pontualidade.

Ocorrerá também avaliação somativa de acordo com o Regulamento da Organização Didática (ROD) do IFCE.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BASTOS, C. L.; KELLER, V. **Aprendendo a aprender: introdução à metodologia científica**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

IFCE, PROEN. **Manual de normalização de trabalhos acadêmicos do IFCE**. Sistemas de bibliotecas. Fortaleza: IFCE. 2017.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Técnicas de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ISKANDAR, J. I. **Normas da ABNT: comentadas para trabalhos científicos**. 5. ed. Curitiba: Jurua, 2012.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. (Org.). **Planejar gêneros acadêmicos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. (Org.). **Resumo**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. (Org.). **Resenha**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

OLIVEIRA, Jane Raquel S. QUEIROZ, Salete Linhares. **Comunicação e linguagem científica: guia para estudantes de Química**. Campinas: Editora Átomo, 2007.

Coordenador do Curso

Setor Pedagógico

DEPARTAMENTO DE ENSINO

COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA

PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: MICROBIOLOGIA DE ALIMENTOS

Código: AGROI.008		
Carga Horária Total: 80h/a	CH Teórica: 60h/a	CH Prática: 20h/a
Número de Créditos: 4		
Pré-requisitos: AGROI. 002		
Semestre: 2º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
<p>Importância dos microrganismos nos alimentos. Fatores que afetam o desenvolvimento microbiano nos alimentos. Microrganismos indicadores. Microrganismos patogênicos em alimentos. Principais alterações nos alimentos causadas por microrganismos. Estudo das doenças transmitidas por alimentos. Métodos de análise microbiológica de alimentos.</p>		
OBJETIVOS		
<p>Identificar os microrganismos de interesse em alimentos e compreender sua ação;</p> <p>Compreender a influência de fatores intrínsecos e extrínsecos aos alimentos na multiplicação microbiana nos mesmos;</p> <p>Conhecer as fontes e vias de contaminação dos alimentos;</p> <p>Reconhecer os microrganismos indicadores;</p> <p>Analisar as principais alterações químicas nos alimentos promovidas por microrganismos;</p> <p>Identificar as principais doenças de origem alimentar e os microrganismos causadores;</p> <p>Proceder a análise microbiológica de alimentos;</p> <p>Emitir e interpretar laudos microbiológicos.</p>		
PROGRAMA		
UNIDADE I - Introdução à microbiologia dos alimentos		
<ul style="list-style-type: none"> ● A história da microbiologia de alimentos ● Contaminantes alimentares ● Características gerais dos microorganismos ● Importância dos microorganismos nos alimentos 		
UNIDADE II - Estudo microbiológico de alimentos		

- Fontes de contaminação dos alimentos
- Vias de transmissão de microorganismos aos alimentos
- Microorganismos de interesse em alimentos
- Microorganismos indicadores
- Análise microbiológica de alimentos

UNIDADE III - Deterioração microbiana nos diversos grupos de alimentos.

- Fatores que controlam o desenvolvimento microbiano nos alimentos
- Degradação de componentes químicos dos alimentos
- Alterações sensoriais e principais microorganismos deterioradores de alimentos

UNIDADE IV - Doenças microbianas de origem alimentar

- Conceituação, classificação e importância
- Microorganismos patogênicos em alimentos
- Fatores que contribuem para surtos de doenças transmitidas por alimentos (DTA) e medidas de prevenção
- Procedimentos para diagnóstico de surtos de DTA

METODOLOGIA DE ENSINO

As aulas serão ministradas de forma expositiva, como o auxílio da bibliografia básica e textos autênticos retirados da internet, bem como com a utilização de apresentações de slides.

AVALIAÇÃO

O aluno será avaliado quanto: ao desempenho individual e em grupo nas avaliações escritas, através de seminário, provas, trabalho de pesquisa; frequência/assiduidade e participação em grupo e em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FRANCO, B. D. G. de M. **Microbiologia dos alimentos**. São Paulo: Atheneu, 2001. 182p.

SILVA, N. da et al. **Manual de métodos de análise microbiológica de alimentos e água**. São Paulo: Varela, 2010.

FORSYTHE. S. J. **Microbiologia da Segurança Alimentar**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

TORTORA, G. J.; FUNKE, B. R.; CASE, C. L. **Microbiologia**. 10 ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

SILVA JÚNIOR, E. A. **Manual de controle higiênico-sanitário serviços de alimentação**. 2. ed. São Paulo: Varela, 1995.

GERMANO, P. M. L. **Higiene e Vigilância Sanitária de Alimentos**. 3 ed. São Paulo: Manole, 2008.

TONDO, E. C.; BARTZ, S.. **Microbiologia e sistemas de gestão da segurança de alimentos**. Ed. SULINA, 1.ed., 2011.

BRINQUES, G.B. **Microbiologia dos alimentos**. São Paulo: Pearson, 2015.

Coordenador do Curso <hr/>	Setor Pedagógico <hr/>
--------------------------------------	----------------------------------

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: OPERAÇÕES UNITÁRIAS NA AGROINDÚSTRIA		
Código: AGROI.009		
Carga Horária Total: 40h/a	CH Teórica: 40h/a	CH Prática: 00h/a
Número de Créditos: 2		
Pré-requisitos: Sem pré-requisito		
Semestre: 2º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Princípios básicos das propriedades da matéria. Transferência de massa e energia. Operações unitárias no pré-tratamento das matérias-primas. Processos unitários.		
OBJETIVOS		
Conhecer as propriedades básicas das matérias-primas e os princípios de transferência de calor e massa; Conhecer as operações unitárias de preparação e processamento da matéria-prima; Conhecer o princípio do controle de processos.		
PROGRAMA		
UNIDADE I - Princípios básicos		
<ul style="list-style-type: none">● Propriedades das matérias-primas e a teoria do processamento● Propriedades de líquidos, sólidos e gases● Transferência de massa● Transferência de calor		
UNIDADE II - Preparação da matéria-prima		
<ul style="list-style-type: none">● Limpeza● Tipos de limpeza● Seleção● Tipos de seleção● Classificação		

- Descascamento
- Tipos de descascamento

UNIDADE III - Redução de tamanho

- Redução de tamanho de alimentos sólidos
- Teoria, equipamento e efeitos nos alimentos
- Redução de tamanho em alimentos líquidos (emulsão e homogeneização)
- Teoria, equipamento e efeitos nos alimentos

UNIDADE IV - Mistura e modelagem

- Mistura
- Teoria da mistura de sólidos e líquidos
- Equipamentos
- Efeitos nos alimentos
- Modelagem

UNIDADE V - Separação e concentração dos componentes dos alimentos

- Centrifugação
- Filtração
- Extração por pressão
- Extração por solventes
- Concentração por membranas
- Efeitos nos alimentos

UNIDADE VI - Controles do processo

- Controles automáticos
- Sensores e controladores
- Sistemas computadorizados

METODOLOGIA DE ENSINO

As aulas serão ministradas de forma expositiva, como o auxílio da bibliografia básica e textos autênticos retirados da internet, bem como com a utilização de apresentações de slides.

AVALIAÇÃO

O aluno será avaliado quanto: ao desempenho individual e em grupo nas avaliações escritas, através de seminário, provas, trabalho de pesquisa; frequência/assiduidade e participação em grupo e em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FELLOWS, P. J. **Tecnologia do processamento de alimentos**. 2 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

MEIRELES, M. A. de A.; PEREIRA, C. G. **Fundamentos de engenharia de alimentos**. vol. 6. São Paulo: Editora Atheneu, 2013.

WILLIBALDO, S.; BORZANI, W.; LIMA, U. A.; AQUARONE E. **Biotecnologia Industrial**. volume 2.: Engenharia Bioquímica. São Paulo: Bluncher, 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GAVA, A. J.; SILVA, C. A. B; FRIAS, J. R. **Tecnologia de Alimentos: Princípios e Aplicações**. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Nobel, 2008. 511p.

GAUTO, M.A.; ROSA, G. R. **Processos e Operações Unitárias da Indústria Química**. São Paulo: Editora Ciência Moderna, 2011.

TERRON, L. R. **Operações Unitárias para químicos, farmacêuticos e engenheiros**. São Paulo: LTC – Livros Técnicos e Científicos, 2012.

BLACKADDER, D.; NEDDERMAN. **Manual de Operações Unitárias**. Hemus (Leopardo Editora), 2004.

FOUST, Alan S., WENZEL, Leonard A.; CLUMP, Curtis W. et al. **Princípios das Operações Unitárias**. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1982.

Coordenador do Curso

Setor Pedagógico

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: QUÍMICA DOS ALIMENTOS		
Código: AGROI.010		
Carga Horária Total: 80h/a	CH Teórica: 60h/a	CH Prática: 20h/a
Número de Créditos: 4		
Pré-requisitos: AGROI. 003		
Semestre: 2º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Água. Carboidratos. Lipídeos. Aminoácidos, peptídeos e proteínas. Enzimas. Vitaminas e Minerais.		
OBJETIVOS		
Conhecer os Compostos Majoritários e Minoritários dos Alimentos: Carboidratos, Lipídeos, Proteínas, Vitaminas e Minerais; Diferenciar as Propriedades da Água, Proteínas, Carboidratos e Lipídeos; Identificar as Reações e Transformações dos carboidratos, proteínas e Lipídeos durante o processamento de alimentos.		
PROGRAMA		
UNIDADE I - Água		
<ul style="list-style-type: none">● Introdução● Propriedades físicas da água● A molécula de água● Associação entre as moléculas de água● Estrutura no estado sólido● Interações da água com sólidos● Atividade de água e pressão de vapor relativa● Mobilidade molecular e estabilidade dos alimentos		
UNIDADE II - Carboidratos		
<ul style="list-style-type: none">● Introdução		

- Monossacarídeos
- Isomerização dos monossacarídeos
- Glicosídeos
- Reações dos monossacarídeos
- Oligossacarídeos
- Polissacarídeos
- Estrutura química e propriedades
- Géis
- Hidrólise dos polissacarídeos
- Amido

UNIDADE III - Lipídeos

- Introdução
- Componentes lipídicos principais
- Ácidos graxos
- Propriedades físico-químicas dos lipídeos
- Processamento dos lipídeos: isolamento, purificação e modificação
- Funcionalidade dos triacilgliceróis em alimentos
- Deterioração química dos lipídeos: reações hidrolíticas e oxidativas
- Antioxidantes

UNIDADE IV - Proteínas

- Introdução
- Propriedades físico-químicas dos aminoácidos
- Estrutura das proteínas
- Desnaturação proteica
- Propriedades funcionais das proteínas

UNIDADE V - Enzimas

- Introdução
- Natureza geral das enzimas
- Uso de enzimas exógenas nos alimentos
- Influência ambiental na atividade enzimática
- Enzimas endógenas nos alimentos e seu controle

UNIDADE VI - Vitaminas e Minerais

- Introdução
- Vitaminas Lipossolúveis
- Vitaminas hidrossolúveis
- Estabilidade das vitaminas
- Fatores que afetam a composição mineral dos alimentos

METODOLOGIA DE ENSINO

As aulas serão ministradas de forma expositiva, como o auxílio da bibliografia básica e textos autênticos retirados da internet, bem como com a utilização de apresentações de slides.

AVALIAÇÃO

O aluno será avaliado quanto: ao desempenho individual e em grupo nas avaliações escritas, através de seminário, provas, trabalho de pesquisa; frequência/assiduidade e participação em grupo e em sala de aula. Além disso, serão realizadas duas avaliações formais escritas: uma na metade do curso e outra ao término do curso.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARAÚJO, J. M. A. **Química de alimentos: Teoria e Prática**. 5 ed. Viçosa: UFV, 2011.

KOBLITZ, M. G. B. **Bioquímica de alimentos: teoria e aplicações práticas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.

DAMODARAN, S.; PARKIN, K. L.; FENNEMA, O. **Química de Alimentos de Fennema**. 4 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2010.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

DAMODARAN, S.; PARKIN, K. L.; FENNEMA, O. **Química de Alimentos de Fennema**. 4 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2010.

RIBEIRO, E. P.; SERAVALLI, E. A. G. **Química de Alimentos**. 2 ed. revista. São Paulo: Editora Blucher, 2007, 184 p.

ORDÓÑEZ, J. A. **Tecnologia de Alimentos**. vol. 1. Componentes dos Alimentos e Processos. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CECCHI, H. M. **Fundamentos teóricos e práticos em análises de alimentos**. – 3 ed. rev. e amp. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, 207p.

AZEREDO, H. M. C. **Fundamentos de estabilidade de alimentos**. 2 ed. ver. e ampl. Brasília, DF: EMBRAPA, 2012.

ARAÚJO WMC; MONTEBELLO NP; BOTELHO RBA. (org) 2007. **Alquimia dos alimentos**. Brasília: Senac.

Coordenador do Curso _____	Setor Pedagógico _____
--	--------------------------------------

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: TECNOLOGIA DE CONSERVAÇÃO DOS ALIMENTOS		
Código: AGROI.011		
Carga Horária Total: 80h/a	CH Teórica: 40h/a	CH Prática: 40h/a
Número de Créditos: 4		
Pré-requisitos: Sem pré-requisito		
Semestre: 2º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Fundamentos da conservação dos alimentos. Principais alterações nos alimentos. Importância da conservação dos alimentos. Técnicas de conservação dos alimentos. Emprego de baixas temperaturas. Tratamento Térmico. Uso de Aditivos Químicos. Fermentações Industriais. Defumação. Concentração. Evaporação. Irradiação. Alterações nos Alimentos Provocadas pelos Métodos de Conservação. Consequências da má Conservação dos Alimentos.		
OBJETIVOS		
Compreender os fatores que condicionam a estabilidade dos alimentos; Conhecer os métodos gerais de conservação dos alimentos que podem ser usados para a elaboração dos produtos agroindustriais.		
PROGRAMA		
UNIDADE I – Principais alterações nos alimentos		

- Alterações Microbiológicas
- Alterações Químicas
- Alterações Físicas

UNIDADE II – Princípios dos principais métodos de conservação dos alimentos

- Emprego de baixas temperaturas. Refrigeração e Congelamento
- Conservação pelo calor: esterilização, pasteurização, branqueamento, tindalização
- Conservação pelo uso de aditivos químicos
- Conservação pela fermentação e redução de ph
- Conservação por defumação e agentes antimicrobianos
- Conservação pela concentração, desidratação, liofilização e evaporação

UNIDADE III – Fundamentos dos principais métodos não convencionais de conservação dos alimentos

- Aquecimento por micro-ondas
- Irradiação
- Processamento por ultrassom e luz UV pulsada
- Processamento por ozônio
- Conservação por métodos combinados

METODOLOGIA DE ENSINO

As aulas serão ministradas de forma expositiva, como o auxílio da bibliografia básica e textos autênticos retirados da internet, bem como com a utilização de apresentações de slides e práticas em laboratório.

AVALIAÇÃO

O aluno será avaliado quanto: ao desempenho individual e em grupo nas avaliações escritas, através de seminário, provas, trabalho de pesquisa; frequência/assiduidade e participação em grupo e em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

GAVA, A. J.; SILVA, C. A. B; FRIAS, J. R. **Tecnologia de Alimentos: Princípios e Aplicações**. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Nobel, 2008.

ORDÓÑEZ, J. A. **Tecnologia de Alimentos**. Vol 1. Porto Alegre: Artmed, 2005; 294p.

AZEREDO, H. M. C. **Fundamentos de estabilidade de alimentos**. 2 ed. ver. e ampl. Brasília, DF: EMBRAPA, 2012.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FELLOWS, P. J. **Tecnologia do processamento de alimentos**. 2 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

OETTERER, M., REGITANO-D´ARCE, M. A. B., SPOTO, M. **Fundamentos de Ciência e Tecnologia de Alimentos**. Barueri, Manole, 2006.

MEIRELES, M. A. de A.; PEREIRA, C. G. **Fundamentos de engenharia de alimentos**. vol. 6. São Paulo: Editora Atheneu, 2013.

EVANGELISTA, J. **Tecnologia de Alimentos**. 2 ed. São Paulo: Atheneu, 2008.

KOBLITZ, M. G. B. **Matérias-primas alimentícias: composição e controle de qualidade**. Rio de Janeiro, Guanaba Koogan, 2011.

Coordenador do Curso

Setor Pedagógico

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: ESTATÍSTICA APLICADA		
Código: AGROI.012		
Carga Horária Total: 40h/a	CH Teórica: 40h/a	CH Prática: 00h/a
Número de Créditos: 2		
Pré-requisitos: Sem pré-requisito		
Semestre: 2º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Conceitos básicos, distribuição de frequências e suas características. Introdução à probabilidade. Ajustamento de funções reais. Correlação e regressão linear. Noções de amostragem e testes de hipótese.		
OBJETIVOS		
Habilitar o estudante para a compreensão da base conceitual e metodológica da estatística requerida no planejamento, análise de dados e interpretação de resultados de pesquisa científica.		
PROGRAMA		
UNIDADE I - Introdução		
<ul style="list-style-type: none">● Conceitos básicos● Coleta de dados● População e amostra● Noções de probabilidade● Tipos de variáveis● Procedimentos de amostragem● Mensuração e instrumentos de medida● Modelos de distribuições (curva normal)		
UNIDADE II - Estatística descritiva		
<ul style="list-style-type: none">● Distribuição de frequências● Medidas de posição		

- Medidas de dispersão
- Medidas de assimetria
- Medidas de curtose

UNIDADE III - Representação de dados

- Representação em tabelas
- Matriz de dados
- Gráfico de colunas
- Gráfico de barra
- Gráfico de linhas
- Gráfico de "pizza"
- Diagrama de pareto
- Histograma
- Polígono de frequências
- Diagrama em caixa (box-plot)

UNIDADE IV - Regressão e correlação

- Regressão linear simples
- Testes de hipótese e intervalo de confiança para regressão linear simples
- Análise de correlação, coeficientes de correlação

UNIDADE V - Amostragem

- Introdução, Amostra e população
- Amostragem aleatória simples
- Obtenção de uma amostra aleatória
- A tabela de números aleatórios testes

METODOLOGIA DE ENSINO

As aulas serão ministradas de forma expositiva, como o auxílio da bibliografia básica e textos autênticos retirados da internet, bem como com a utilização de apresentações de slides.

AVALIAÇÃO

O aluno será avaliado quanto: ao desempenho individual e em grupo nas avaliações escritas, através de seminário, provas, trabalho de pesquisa; frequência/assiduidade e participação em grupo e em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

LAPPONI, J. C. **Estatística Usando Excel**. 1 ed. São Paulo: Campus 2005.
MORETTIN, P. A. & BUSSAB, W. O. **Estatística Básica**. 1º edição. São Paulo: Saraiva, 2003.
MURRAY R.; SPIEGEL; LARRY, J.; STEPHENS. **Estatística Coleção Shaum**. 3 ed. São Paulo: Bookman 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FONSECA, J. S. **Curso de estatística**. 6. ed. São Paulo: Ed. Atlas, 1996.
JAMES, B. R. **Probabilidade: um curso em nível intermediário**. 3. ed. Rio de Janeiro: IMPA, 2010.
LARSON, R. & FARBER, B. **Estatística Aplicada**, 1 ed. São Paulo: Prentice-Hall, 2004.
IEZZI, G.; HAZZAN, S.; DEGENSZAJN, D. **Fundamentos de matemática elementar 11**: Matemática comercial, matemática financeira e estatística descritiva. 1. ed. São Paulo: ATUAL, 2004.
MARTINS, G. de A. **Estatística Geral e Aplicada** (revisada e ampliada). 5ª ed. ATLAS, 2014.

Coordenador do Curso

Setor Pedagógico

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: PRODUÇÃO VEGETAL		
Código: AGROI.013		
Carga Horária Total: 40h/a	CH Teórica: 40h/a	CH Prática: 00h/a
Número de Créditos: 2		
Pré-requisitos: Sem pré-requisito		
Semestre: 2º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Produção das culturas: Passado, presente e futuro – Uma perspectiva histórica. Aplicações à produção e multiplicação vegetal à escala agroindustrial. Fitotecnia básica. Fitossanidade básica. Potencialidades tecnológicas para agroindústria regional. Comercialização e Legislação.		
OBJETIVOS		
Conferir formação e informação necessária à compreensão da produção vegetal moderna para responder às necessidades de obtenção de produtos e serviços mais rapidamente, de uma forma mais precisa e ultrapassando as dificuldades impostas pelos sistemas biológicos vegetais e os resíduos de práticas defensivas nos produtos agrícolas; Avaliar e equacionar as potencialidades na produção de variedades de interesse agroindustrial regional.		
PROGRAMA		
UNIDADE I - Introdução		
<ul style="list-style-type: none"> ● Histórico e evolução das agricultura ● sementes e tratamento de sementes ● Fisiologia vegetal 		
UNIDADE II – Sistema de cultivos		
<ul style="list-style-type: none"> ● Tipos de Plantio ● Manejo da Cultura 		

- Uso de fertilizantes e Estimuladores de Crescimento

UNIDADE III – Manejo de pragas e doenças

- Doenças
- pragas e ervas daninhas

UNIDADE IV - Colheita e pós-colheita

- Colheita e Potencialidade tecnológicas na produção de variedades agroindustriais
- Pós-colheita

METODOLOGIA DE ENSINO

As aulas serão ministradas de forma expositiva, como o auxílio da bibliografia básica e textos autênticos retirados da internet, bem como com a utilização de apresentações de slides.

AVALIAÇÃO

O aluno será avaliado quanto: ao desempenho individual e em grupo nas avaliações escritas, através de seminário, provas, trabalho de pesquisa; frequência/assiduidade e participação em grupo e em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

TAIZ, L; ZEIGER, E. **Fisiologia Vegetal**. 5 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2013, p. 954.

PAIVA, R.; OLIVEIRA, L. M. **Fisiologia e produção vegetal**. 2º edição revista e ampliada. Editora UFLA. 2014.

SILVA, R. C. **Produção vegetal**: processos, técnicas e formas de cultivo. Série Eixos. Editora Érika. 2014.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LIMA, U. A. **Matérias-primas dos alimentos**. São Paulo: Editora Blucher, 2010, 424 p.

MALAVOLTA, E. **Manual de Química Agrícola**, adubos e adubação. São Paulo: Ed. Ceres,1981.

AMORIM, L.; REZENDE, J. A. M.; BERGAMIN FILHO, A. **Manual de Fitopatologia: princípios e conceitos**. v. 1. 5 ed. Ouro Fino, MG.: Agronômica Ceres, 2018.

AMORIM, L.; REZENDE, J. A. M.; BERGAMIN FILHO, A. **Manual de Fitopatologia: doenças das plantas cultivadas.** v. 2. 5 ed. Ouro Fino, MG.: Agronômica Ceres, 2016.

PENTEADO, S. R. **Manual de fruticultura ecológica: técnicas e práticas de cultivo.** 2 ed. Campinas, São Paulo: Edição do Autor, 2010.

Coordenador do Curso	Setor Pedagógico
_____	_____

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: HIGIENE E SEGURANÇA DO TRABALHO		
Código: AGROI.014		
Carga Horária Total: 40h/a	CH Teórica: 40h/a	CH Prática: 00h/a
Número de Créditos: 2		
Pré-requisitos: Sem pré-requisito		
Semestre: 2º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Introdução à Segurança no Trabalho. Comissão Interna de Prevenção de Acidentes – Cipa (NR-5). Serviços Especializados em Engenharia de Segurança e em Medicina do Trabalho – Sesmt (NR-4). Equipamento de Proteção Individual (NR-6). Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional - Pcmso (NR-7). Programa de Prevenção de Riscos Ambientais – Ppra (NR-9). Segurança em Instalações e Serviços em Eletricidade (NR-10). Atividades e Operações Insalubres (NR-15). Atividades e Operações Perigosas (NR-16). Proteção Contra Incêndio (NR23).		
OBJETIVOS		
Identificar os conceitos básicos de Higiene e Segurança do Trabalho, bem como sua aplicação tanto em estudo de casos bem como em situações cotidianas;		
Demonstrar a importância das Normas e Legislações pertinentes à Higiene e Segurança do Trabalho.		
PROGRAMA		
UNIDADE I – Introdução à higiene e segurança no trabalho		
<ul style="list-style-type: none">● Histórico e evolução● Acidente de trabalho● Higiene do trabalho● Segurança do Trabalho		

UNIDADE II- Comissão, serviços e programas da segurança do trabalho

- Comissão Interna de Prevenção de Acidentes - CIPA (NR - 5)
- Serviços Especializados em Engenharia de Segurança e em Medicina do Trabalho - SESMT (NR - 4)
- Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional - PCMSO (NR - 7)
- Programa de Prevenção de Riscos Ambientais - PPRA (NR - 9)

UNIDADE III - Normas regulamentadoras de importância para agroindústria

- Equipamentos de Proteção Individual (NR - 6)
- Ergonomia (NR - 17)
- Resíduos Industriais (NR - 25)
- Segurança em Instalações e Serviços em Eletricidade (NR - 10)
- Atividades e Operações Insalubres (NR - 15)
- Atividades e Operações Perigosas (NR - 16)
- Proteção contra Incêndio (NR - 23)

METODOLOGIA DE ENSINO

As aulas serão ministradas de forma expositiva e dialogada, como o auxílio da bibliografia básica e da Legislação vigente. Serão realizadas visitas técnicas e palestras com os Bombeiros.

AVALIAÇÃO

O aluno será avaliado quanto: ao desempenho individual e em grupo nas avaliações escritas, através de seminário, provas, trabalho de pesquisa; frequência/assiduidade e participação em grupo e em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

OLIVEIRA, C. A D de; MILANELI, E.; SCADELAI, A.V. **Manual prático de saúde e segurança do trabalho**. 2 ed. São Paulo: Yendis Editora, 2012.464p.

BARSANO, P. R. **Higiene e Segurança do Trabalho**. Série Eixos. 1ed. Editora Érica. 2014.

MORAES JR., C. P. **Manual de Segurança e Saúde No Trabalho - Normas Regulamentadoras – Nrs**. 9. ed. São Paulo: Difusão Editora, 2013.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BARSANO, P. R.; BARBOSA, R. P. **Segurança do trabalho**: guia prático e didático. São Paulo: Editora Érika, 2014.

VENDRAME, A. C. F. **Livro de bolso do técnico de segurança do trabalho**. São Paulo: LTR, 2013.

NUNES, F. de O. **Segurança e saúde no trabalho**. 2 ed. rev., atual., e ampl. São Paulo: Editora Método, 2014.

BARBOSA FILHO, A. N. **Segurança do trabalho e gestão ambiental**. 3ed. São Paulo: Atlas, 2010. 314p.

IIDA, I. **Ergonomia**: projeto e produção. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Bluncher, 2005.

Coordenador do Curso _____	Setor Pedagógico _____
--	--------------------------------------

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: PRODUÇÃO ANIMAL		
Código: AGROI.015		
Carga Horária Total: 40h/a	CH Teórica: 40h/a	CH Prática: 00h/a
Número de Créditos: 2		
Pré-requisitos: Sem pré-requisito		
Semestre: 3º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Bem estar e sanidade na produção animal. Efeitos do clima tropical sobre a produção Animal. Princípios Básicos de Nutrição Animal. Instalação, Manejo e Sanidade de Ruminantes. Produção de Bovinos de Corte. Produção de Bovinos de Leite. Cadeia Produtiva de Aves e Suínos. Produção de Ovinos e Caprinos.		
OBJETIVOS		
Envolver e orientar o aluno nos estudos interativos do sistema de produção animal, com o propósito de melhoria na produtividade, competitividade e qualidade nos produtos ofertados considerando os princípios de produção sustentável.		
PROGRAMA		
UNIDADE I - Bem Estar e Sanidade na Produção Animal		
<ul style="list-style-type: none">● Definição de Bem-estar animal● Legislação e necessidades para o bem-estar de cada espécie animal● Bem-estar animal durante o transporte● Doenças que acometem os animais domésticos de produção● Comportamento animal		
UNIDADE II - Efeitos do clima Tropical sobre a produção Animal		
<ul style="list-style-type: none">● Reprodução● Crescimento;		

- Produção do Leite
- Carne
- Produção de aves e ovos

UNIDADE III - Princípios Básicos de Nutrição Animal

- Alimentos e alimentação de ruminantes e não-ruminantes
- Digestão, absorção e assimilação de carboidratos, proteínas, lipídios, vitaminas e sais minerais
- Alimentos alternativos e aditivos na alimentação de ruminantes e não ruminantes
- Princípios tóxicos dos alimentos. Conceitos sobre exigências nutricionais

UNIDADE IV - Instalação, Manejo e Sanidade de Ruminantes

- Instalações zootécnicas para bovinos de leite, bovinos de corte, ovinos e caprinos
- Índices zootécnicos de manejo
- Principais doenças infecto-contagiosas que acometem os ruminantes
- Principais práticas de manejo sanitário para bovinos de leite, bovinos de corte

UNIDADE V - Produção de Bovinos de Corte

- Cadeia produtiva
- Sistemas de criação
- Raças utilizadas
- Cruzamentos
- Seleção
- Desmame de terneiros
- Recria de novilhas e novilhos
- Sistemas de terminação de bovinos de corte
- Rendimento de carcaça

UNIDADE VI - Produção de Bovinos de Leite

- Aspectos da pesquisa em Bovinocultura de Leite no Brasil
- Raças utilizadas
- Utilização da pastagem no processo de produção de leite

- Aspectos de reprodução, melhoramento genético e cruzamentos de bovinos leiteiros

UNIDADE VII - Cadeia Produtiva de Aves e Suínos

- Situação atual e perspectivas da suinocultura brasileira
- Produtos e mercados avícolas – carne e ovos
- Estratégias de comercialização de produtos derivados de aves e de suínos

UNIDADE VIII - Produção de Ovinos e Caprinos

- Importância Econômica e Social da Ovinocaprinocultura de corte Brasileira
- Situação Atual da Cadeia Produtiva
- Mercado e comercialização de carnes
- Comparação entre os diferentes sistemas de produção
- Aspectos gerais do manejo reprodutivo de ovinos e caprinos de corte

METODOLOGIA DE ENSINO

As aulas serão ministradas de forma expositiva como o auxílio da bibliografia básica, bem como com a utilização de apresentações de slides.

AVALIAÇÃO

O aluno será avaliado quanto: ao desempenho individual e em grupo nas avaliações escritas, através de seminário, provas, trabalho de pesquisa; frequência/assiduidade e participação em grupo e em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BROOM, D.M.; FRASER, A.F. **Comportamento e bem-estar de animais domésticos**. 4 Edição. Barueri, SP.: Manole, 2010.454p.

PENTEADO, S.R. **Criação animal orgânica-** Regulamentos e normas para uma produção ecológica. Campinas, SP: Edição do Autor, 2017.

ROLIM, A. F. M. **Nutrição Animal:** Conceitos elementares. Série Eixos. São Paulo: Editora Érica, 2014.120p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GOTTSCHALL, C. S. **Produção de Novilhos Precoces**. Editora Agrolivros, 2005. 213p.

HAFEZ, E. S. E.; HAFEZ, B. **Reprodução Animal**. 7. ed. São Paulo: Manole, 2004, 513p.

PALHARES, J.C.P., GEBLES, L. **Gestão ambiental na agropecuária. v 2.**
Brasília: DF, 2014. 490p.

ROSTAGNO, H.S. (Ed.). **Tabelas brasileiras para aves e suínos:
composição de alimentos e exigências nutricionais.** 3. ed. Viçosa, MG:
UFV, 2011. 252p.

SILVA, J.C.M. et al. **Manejo e Administração na Bovinocultura Leiteira.** 2
edição. Editora Produção Independente, 2014.

Coordenador do Curso	Setor Pedagógico
_____	_____

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: FISILOGIA PÓS-COLHEITA DE VEGETAIS		
Código: AGROI.016		
Carga Horária Total: 80h/a	CH Teórica: 60h/a	CH Prática: 20h/a
Número de Créditos: 4		
Pré-requisitos: AGROI.013		
Semestre: 3º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Introdução à fisiologia e frutos e hortaliças. Crescimento e desenvolvimento de frutos e hortaliças. Transformações metabólicas no ciclo vital de frutos e hortaliças. Atividade respiratória em frutos. Etileno. Manuseio durante a colheita e pós-colheita. Maturidade e atributos de qualidade.		
OBJETIVOS		
Conhecer os fundamentos teóricos das análises de alimentos; Identificar os equipamentos e vidrarias usadas na análise de alimentos; Compreender as metodologias convencionais e instrumentais aplicadas aos diversos tipos de alimentos; Conhecer a importância e aplicação da análise sensorial de alimentos; Identificar os métodos de análise e avaliação da qualidade.		
PROGRAMA		
UNIDADE I - Fisiologia e transformações bioquímicas durante o amadurecimento e armazenamento <ul style="list-style-type: none">● Introdução● Transformações bioquímicas durante o amadurecimento e armazenamento● Atividade respiratória● Fitormônios		
UNIDADE II - Perdas pós-colheita		

- Introdução
- Tipos de perdas
- Causas das perdas
- Locais de perdas
- Meios para redução das perdas

UNIDADE III - Fatores Pré-Colheita

- Introdução
- Interação entre os fatores pré-colheita e a qualidade do produto
- Práticas culturais
- Fatores Ambientais
- Fatores de Colheita e do Manuseio

UNIDADE IV - Colheita e Manuseio Pós-colheita

- Colheita Manual
- Colheita Mecanizada
- Sistemas Semimecanizados
- Cuidados no manuseio

UNIDADE V - Estresse e desordem fisiológicas

- Introdução
- Temperatura
- Umidade
- Composição de gases da atmosfera
- Gráfico psicométrico
- Estresse por danos mecânicos
- Estresse por ataque de patógenos, radiação e produtos químicos

UNIDADE VI - Qualidade pós-colheita

- Introdução
- Maturidade e índices de maturidade
- Atributos de qualidade
- Fatores que influenciam na qualidade
- Avaliação da qualidade.

METODOLOGIA DE ENSINO

<p>As aulas serão ministradas de forma expositiva como o auxílio da bibliografia básica, bem como com a utilização de apresentações de slides e aulas em laboratório.</p>	
<p>AVALIAÇÃO</p>	
<p>O aluno será avaliado quanto: ao desempenho individual e em grupo nas avaliações escritas, através de seminário, provas, trabalho de pesquisa; frequência/assiduidade e participação em grupo e em sala de aula.</p>	
<p>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</p>	
<p>CHITARRA, M. I. F.; CHITARRA, A. B. Pós-Colheita de Frutas e Hortaliças: Fisiologia e Manuseio. 2 ed. Lavras: UFLA, 2005.</p> <p>LIMA, U. A. Matérias-primas dos alimentos. São Paulo: Editora Blucher, 2010, 424 p.</p> <p>KERBAUY, G. B. Fisiologia Vegetal. Editora Guanabara Koogan. 2007.446p.</p>	
<p>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</p>	
<p>KLAUS, R.; TIMM, L.C. Solo, planta e atmosfera: conceitos, processos e aplicações. Baureri, SP: Editora Manole, 2012. 478p.</p> <p>LIMA, U. A. Matérias-primas dos alimentos. São Paulo: Editora Blucher, 2010, 424 p.</p> <p>OETTERER, M., REGITANO-D'ARCE, M. A. B., SPOTO, M. Fundamentos de Ciência e Tecnologia de Alimentos. Barueri: Manole, 2006.</p> <p>MENDES, J.T.G.; PADILHA JÚNIOR, J.B. Agronegócio - uma abordagem econômica. Editora Person, 1ª Ed. 2007, 384p.</p> <p>SILVA, R.C. Produção Vegetal: Processos Técnicas e Formas de Cultivo. São Paulo: Érica, 1ªEd. 2014.</p>	
<p>Coordenador do Curso</p> <p>_____</p>	<p>Setor Pedagógico</p> <p>_____</p> <p>—</p>

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: GESTÃO DE CUSTOS		
Código: AGROI.017		
Carga Horária Total: 40h/a	CH Teórica: 40h/a	CH Prática: 00h/a
Número de Créditos: 2		
Pré-requisitos: AGROI.004		
Semestre: 3º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Conceitos e objetivos do orçamento. Vantagens e limitações do plano orçamentário. O mecanismo orçamentário. Orçamento de vendas. Orçamento de produção. Orçamento de matérias-primas. Orçamento de mão-de-obra. Orçamento de custos indiretos de fabricação. Orçamento de despesas. Orçamento de capital. Orçamento de caixa. Demonstrações financeiras projetadas.		
OBJETIVOS		
Conhecer as ferramentas de planejamento e controle financeiro; Elaborar um orçamento empresarial de uma indústria e comércio; Redefinir objetivos para melhorar os resultados; Apresentar um modelo orçamentário para um negócio; Analisar os parâmetros financeiros.		
PROGRAMA		
UNIDADE I - Planejamento e controle financeiro		
<ul style="list-style-type: none">● Planejamento e Controle Financeiro● Planejamento estratégico● Conceitos gerais e elementos● Etapas de montagem do orçamento● Etapa operacional● Etapa financeira		

- Controle orçamentário
- Evolução do processo de planejamento

UNIDADE II - Elaboração do Orçamento

- Orçamento de vendas
- Orçamento de produção
- Orçamento de matérias-primas
- Orçamento de custos indiretos e diretos de fabricação
- Orçamento de despesas operacionais
- Orçamento de fluxo de caixa projetado
- Projeções da demonstração do resultado do exercício
- Análise financeira

METODOLOGIA DE ENSINO

As aulas serão ministradas de forma expositiva como o auxílio da bibliografia básica, bem como com a utilização de apresentações de slides.

AVALIAÇÃO

O aluno será avaliado quanto: ao desempenho individual e em grupo nas avaliações escritas, através de seminário, provas, trabalho de pesquisa; frequência/assiduidade e participação em grupo e em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

IUBÍDICUS, S.; MARION, J. C. **Curso de contabilidade para não contadores: para àrea de administração, economia, direito e engenharia.** 8 ed. São Paulo: Atlas, 2018.

MARTINS, E. **Contabilidade de custos.** 11 ed. São Paulo: Atlas, 2018.

MARTINS, E.; ROCHA, W. **Contabilidade de custos: livro de exercícios.** 11 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MACEDO, J. J.; CORBARI, E. C. **Análise de projeto e orçamento empresarial.** Curitiba: InterSaberes, 2014.

MEGLIORINI, E. VALLIM, M. A. **Administração financeira: uma abordagem brasileira.** São Paulo: Pearson Prentice Hall., 2009.

GITMAN, L. J.; ZUTTER, C. J. **Princípios de administração financeira**. 14 ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2017.

GITMAN, L. J.; MADURA, J. **Administração Financeira: uma abordagem gerencial**. São Paulo: Pearson, 2003.

CRUZ, J. A. W. **Gestão financeira moderna: uma abordagem prática**. Curitiba: InterSaberes, 2013.

Coordenador do Curso _____	Setor Pedagógico _____
--	--------------------------------------

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: GESTÃO AGROINDUSTRIAL		
Código: AGROI.018		
Carga Horária Total: 40h/a	CH Teórica: 40h/a	CH Prática: 00h/a
Número de Créditos: 2		
Pré-requisitos: Sem pré-requisitos		
Semestre: 3º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Agronegócio: conceitos, situação atual e projeções. O processo administrativo de uma agroindústria. Cadeias produtivas e a organização dos segmentos do agronegócio. Aspectos da comercialização de produtos agrícolas. Empreendedorismo na agroindústria.		
OBJETIVOS		
Conhecer os conceitos de agronegócio e agroindústria; Conhecer o processo administrativo de uma agroindústria; Conhecer os aspectos de comercialização dos produtos agrícolas; Conhecer o conceito de empreendedorismo.		
PROGRAMA		
UNIDADE I – O agronegócio <ul style="list-style-type: none">● Importância do Agronegócio● A inserção da agricultura brasileira no contexto do agronegócio● A gestão das empresas do agronegócio dentro do contexto de cadeias agroindustriais		
UNIDADE II - Gerenciamento de sistemas agroindustriais <ul style="list-style-type: none">● Definições● Especificidades e correntes metodológicas● Comercialização de produtos agroindustriais● Varejo e Atacado de Alimentos: estratégias e marketing		

UNIDADE III – Desenvolvimento dos sistemas agroindustriais	
<ul style="list-style-type: none"> ● Desenvolvimento agrícola sustentável ● Políticas agrícolas no Brasil: evolução e principais instrumentos ● Comércio internacional agroindustrial e mecanismos de negociação ● Empreendedorismo na indústria 	
METODOLOGIA DE ENSINO	
As aulas serão ministradas de forma expositiva como o auxílio da bibliografia básica, bem como com a utilização de apresentações de slides.	
AVALIAÇÃO	
O aluno será avaliado quanto: ao desempenho individual e em grupo nas avaliações escritas, através de seminário, provas, trabalho de pesquisa; frequência/assiduidade e participação em grupo e em sala de aula.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
<p>BATALHA, M. O. Gestão agroindustrial. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007, v.1.</p> <p>BATALHA, M. O. Gestão agroindustrial. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2009, v.2.</p> <p>CALLADO, A. A. C (Org). Agronegócio. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2011.</p>	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
<p>ARAÚJO, M. J. Fundamentos de Agronegócio. 4 ed. revista, ampliada e atualizada. São Paulo: Editora Atlas, 2013.</p> <p>BARBIERI, J. C. Gestão Ambiental Empresarial: Conceitos, modelo e instrumentos. São 2 ed. São Paulo. Editora: Saraiva, 2007.</p> <p>GIORDANO, S. R. et al. Marketing e Estratégias em Agronegócios e Alimentos. São Paulo: Atlas, 2007. 365 p.</p> <p>MENDES, J.T.G.; PADILHA JUNIOR, J.B. Agronegócio: uma abordagem econômica. São Paulo: Editora Pearson Prentice Hall, 2007.384p.</p> <p>TEJON, J.L. Marketing e Agronegócio: A nova gestão - diálogo com a sociedade. São Paulo: Editora Pearson Prentice, 2009. 340p.</p>	
Coordenador do Curso	Setor Pedagógico
_____	_____

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: AGROINDÚSTRIA DO LEITE		
Código: AGROI.019		
Carga Horária Total: 80h/a	CH Teórica: 40h/a	CH Prática: 40h/a
Número de Créditos: 2		
Pré-requisitos: Sem pré-requisitos		
Semestre: 3º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Definição. Fisiologia da produção do leite. Características químicas e sensoriais. . Classificação. Obtenção e pré-beneficiamento. Beneficiamento do leite. Derivados do leite: definições, classificação, etapas de elaboração, embalagem e conservação. Controle de qualidade e legislação do leite e derivados.		
OBJETIVOS		
Capacitar o aluno para o mercado de trabalho na área de laticínios em agroindústria, através dos processamentos do leite e seus derivados.		
PROGRAMA		
UNIDADE I – Introdução à Tecnologia de Leite e Derivados		
<ul style="list-style-type: none">● Definições● Fisiologia da produção do leite● Composição química do leite de diferentes espécies (vaca, cabra, búfala)● Características sensoriais do leite● Fatores que afetam a composição química do leite● Classificação do leite quanto à procedência (A, B e C)		
UNIDADE II – Obtenção e Pré-Beneficiamento do Leite		
<ul style="list-style-type: none">● Ordenha		

- Resfriamento
- Análises realizadas na propriedade
- Transporte, recebimento e estocagem do leite na indústria

UNIDADE III – Beneficiamento do Leite

- Classificação do leite quanto ao teor de lipídeos
- Tratamento térmico: pasteurização, esterilização
- Embalagem e armazenamento

UNIDADE IV – Derivados do Leite

- Definição, classificação, etapas de elaboração, embalagem e conservação: queijo, manteiga, iogurte, leite fermentado, leite em pó, leite condensado, doce de leite, creme de leite e sorvete
- Aproveitamento de subprodutos na indústria de laticínios

UNIDADE V – Controle de Qualidade e Legislação de Leite e Derivados

- Análises físico-químicas, sensoriais, microbiológicas e microscópicas
- Detecção de inibidores, contaminantes e antibióticos: fraudes no leite
- Legislação pertinente

METODOLOGIA DE ENSINO

As aulas serão ministradas de forma expositiva, bem como com a utilização de apresentações de slides e aulas em laboratório.

AVALIAÇÃO

O aluno será avaliado quanto: ao desempenho individual e em grupo nas avaliações escritas, através de seminário, provas, trabalho de pesquisa; frequência/assiduidade e participação em grupo e em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ADENILSON, A. M.; PIRES A. C. S.; ARAÚJO, E. A. **Tecnologia de Produção de Derivados do Leite**. Série didática. 2ed. Viçosa: Editora UFV, 2011. 85p.
 ORDÓÑEZ, J. A. **Tecnologia de Alimentos**. Vol.2. Porto Alegre: Artmed, 2005. 279p.
 TRONCO, V. M. **Manual para inspeção da qualidade do leite**. 4 ed. Santa Maria : Editora UFSM, 2010. 166p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CARVALHO, A.; **Ordenha manual: como coletar e armazenar leite de qualidade**. Viçosa: CPT: Centro de Produções Técnicas, 2002. 84p.

CARVALHO, A.; Ribeiro, A. C. **Ordenha mecânica: implantação e operação.** Viçosa: CPT: Centro de Produções Técnicas, 2008. 214p.

FERREIRA, C. L. L. F. **Acidez em Leite e Produtos Lácteos - Aspectos Fundamentais.** Viçosa: Editora UFV, 2002. 26p.

FERREIRA, C. L. L. F. **Produção de iogurte, bebida láctea, doce de leite e requeijão cremoso.** 1ª ed. Viçosa: CPT: Centro de Produções Técnicas, 2006. 160p.

SILVA, J. C. M.; VELOSO, C. M.; FRANCO, M. O.; OLIVEIRA, A. S. **Manejo e Administração na Bovinocultura Leiteira.** 2 ed. Editora Produção Independente, 2014. 596p.

Coordenador do Curso _____	Setor Pedagógico _____
--	--------------------------------------

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: EMBALAGENS		
Código: AGROI.020		
Carga Horária Total: 40h/a	CH Teórica: 40h/a	CH Prática: 00h/a
Número de Créditos: 2		
Pré-requisitos: Sem pré-requisitos		
Semestre: 3º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Origem e desenvolvimento. Materiais para embalagens. Embalagens rígidas e flexíveis. Embalagens e meio ambiente.		
OBJETIVOS		
Compreender a importância da indústria de embalagens para alimentos; Conhecer a evolução das embalagens na indústria alimentícia; Definir, caracterizar e saber quais os requisitos de embalagens para alimento; Conhecer as embalagens fabricadas a base de celulose, metálicas, plásticas e de vidro; Saber como é feito o controle de qualidade das embalagens.		
PROGRAMA		
UNIDADE I - Introdução		
<ul style="list-style-type: none">● Definição● Finalidades● Importância● Desenvolvimento de embalagens		
UNIDADE II- Embalagens rígidas		
<ul style="list-style-type: none">● Metálicas● Vidro● Plásticos		

- Madeira

UNIDADE III - Embalagens flexíveis

- Papéis
- Papelão-filmes
- Alumínio laminado
- Embalagens celulósicas

UNIDADE IV - Problemas relacionados com o meio ambiente.

- Problemas ambientais
- Reciclagem
- Alternativas ao uso de embalagens convencionais

UNIDADE V - Máquinas e equipamentos para embalagens

- Equipamentos necessários, estrutura de suporte
- Perdas de embalagens
- Controle

UNIDADE VI - Rotulagem de Alimentos.

- Requisitos para rotulagem
- RDC 259/2002
- RDC 359/2003
- RDC 360/2003

METODOLOGIA DE ENSINO

As aulas serão ministradas de forma expositiva, bem como com a utilização de apresentações de slides e aulas em laboratório.

AVALIAÇÃO

O aluno será avaliado quanto: ao desempenho individual e em grupo nas avaliações escritas, através de seminário, provas, trabalho de pesquisa; frequência/assiduidade e participação em grupo e em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

GAVA, A. J.; SILVA, C. A. B; FRIAS, J. R. **Tecnologia de Alimentos:**

Princípios e Aplicações. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Nobel, 2008.

AZEREDO, H. M. C. **Fundamentos de estabilidade de alimentos.** 2 ed. ver. e ampl. Brasília, DF: EMBRAPA, 2012.

EVANGELISTA, J. Tecnologia de Alimentos . 2 ed. São Paulo: Atheneu, 2008.	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
MESTRINE, F. Gestão estratégica da embalagem . São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.	
FELLOWS, P. J. Tecnologia do processamento de alimentos . 2 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006.	
OETTERER, M., REGITANO-D´ARCE, M. A. B., SPOTO, M. Fundamentos de Ciência e Tecnologia de Alimentos . Barueri, Manole, 2006.	
MEIRELES, M. A. de A.; PEREIRA, C. G. Fundamentos de engenharia de alimentos . vol. 6. São Paulo: Editora Atheneu, 2013.	
EVANGELISTA, J. Tecnologia de Alimentos . 2 ed. São Paulo: Atheneu, 2008.	
Coordenador do Curso	Setor Pedagógico
_____	_____

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: ÉTICA E RESPONSABILIDADE SOCIAL		
Código: AGROI.021		
Carga Horária Total: 40h/a	CH Teórica: 40h/a	CH Prática: 00h/a
Número de Créditos: 2		
Pré-requisitos: Sem pré-requisitos		
Semestre: 3º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
<p>Objeto e objetivo da ética. Conceitos básicos de ética. Comportamento ético. Conselho profissional. Legislação do profissional Tecnólogo em Agroindústria. Manual de Responsabilidade Técnica. Diretrizes do profissional. Atribuições campo de atuação. A ética na profissão do Tecnólogo em Agroindústria. Relações interpessoais. O profissional Tecnólogo em Agroindústria e o marketing pessoal e profissional. Responsabilidade social do Tecnólogo em Agroindústria.</p>		
OBJETIVOS		
<p>Conhecer a Ética e a responsabilidade social e seu importante papel nas organizações e na sociedade em geral;</p> <p>Conhecer as bases epistemológicas da Ética enquanto ciência que estuda a conduta humana;</p> <p>Compreender o conceito de responsabilidade social;</p> <p>Aprofundar temas referentes à ética na atuação profissional do Tecnólogo em Agroindústria.</p>		
PROGRAMA		
UNIDADE I - Conceitos básicos da responsabilidade social e ética		
<ul style="list-style-type: none">● O que é ética● Ética e Direitos Humanos● Responsabilidade Social Empresarial- ISO 26000		

UNIDADE II - Objetos da ética e as políticas sociais de inclusão

- O comportamento humano e estudo desse comportamento
- LEI Nº 12.764/2012 que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista
- Legislação acerca das adaptações arquitetônicas e técnicas em instituições para atender às necessidades especiais de indivíduos

UNIDADE III - Relações étnico raciais

- Introdução e conceitos
- Afrodescendência
- As relações étnico raciais

UNIDADE IV - Comportamento ético

- Diretrizes do comportamento
- Atitudes e postura no ambiente de trabalho
- Conduta do aluno em estágios e visitas técnicas

UNIDADE V - Papel do Conselho profissional

- Deontologia
- Os princípios éticos da profissão
- A liberdade e segurança profissional
- Diretrizes do profissional

UNIDADE VI - O profissional Tecnólogo de Agroindústria

- Legislação do Conselho que trata da atuação profissional
- Inscrição do profissional no seu Conselho
- Marketing pessoal e profissional
- Atuação e responsabilidade social do profissional

UNIDADE VII - Manual de Responsabilidade Técnica

- Atribuições e responsabilidades do profissional Responsável técnico por empresas
- Remuneração
- Empresas onde atuar

UNIDADE VIII - Relações interpessoais

- Assédio moral vertical ascendente
- Assédio moral vertical descendente
- Assédio moral horizontal

<ul style="list-style-type: none"> • Assédio sexual 	
METODOLOGIA DE ENSINO	
As aulas serão ministradas de forma expositiva, como o auxílio da bibliografia básica e textos autênticos retirados da internet, bem como com a utilização de apresentações de slides e aulas em laboratório.	
AVALIAÇÃO	
O aluno será avaliado quanto: ao desempenho individual e em grupo nas avaliações escritas, através de seminário, provas, trabalho de pesquisa; frequência/assiduidade e participação em grupo e em sala de aula.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
<p>CHAUÍ, M. Convite à Filosofia. 13. Ed. São Paulo, Ática, 2003.</p> <p>BARSANO, P.R.; SILVA SOARES, S.P. Ética profissional: Série eixos. Editora Erica/Saraiva. 2014. 120p.</p> <p>PERSEGUINI, A.S. (ORG.). Responsabilidade social. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2015. 172p.</p>	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
<p>BRAGA JUNIOR, A.D.; MONTEIRO, I.L. Fundamentos da ética. Curitiba: Editora InterSaberes, 2016. 274p.</p> <p>MINICUCCI, A. Relações Humana-Psicologia das Relações Interpessoais. São Paulo: Editora Atlas S.A. 2001.</p> <p>PÉRSICO, N.; BAGATINI, S.B. Comportamento humano nas organizações. Curitiba: Editora InterSaberes, 2012. 176p.</p> <p>TESKE, O.; SCHNEIDER, L.A.; FERNANDES, I.; LIPPO, H.; FAGUNDES, S. Sociologia da acessibilidade. Curitiba: Editora InterSaberes, 2017.166p.</p> <p>WEIL, PIERRE. Relações Humanas na Família e no Trabalho. Petropolis: Vozes,2002.</p>	
Coordenador do Curso	Setor Pedagógico
_____	_____

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: AGROINDÚSTRIA DOS PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL		
Código: AGROI.022		
Carga Horária Total: 80h/a	CH Teórica: 40h/a	CH Prática: 40h/a
Número de Créditos: 4		
Pré-requisitos: Sem pré-requisitos		
Semestre: 4º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
<p>Caracterização e fisiologia do tecido muscular. Técnicas de abate, de cortes e desossas das carcaças de diversas espécies animais de consumo. Modificações post mortem. Padrões de qualidade da carne e derivados. Beneficiamento, processamento e armazenamento de carnes e seus produtos. Principais produtos derivados de carne bovina, de aves, suína, caprina e pescado. Ingredientes e aditivos empregados no processamento de produtos cárneos. Principais técnicas de conservação da carne e produtos derivados. Normas técnicas para projetos de instalações para processamento de carnes, indicando e operando os equipamentos a serem utilizados. Rotulagem e comercialização dos produtos cárneos. Legislação brasileira para produtos cárneos. Tecnologia de ovos, composição química, processamento e métodos de conservação.</p>		
OBJETIVOS		
<p>Possibilitar ao aluno do curso superior em Agroindústria, subsídios científicos para que possam planejar, orientar e acompanhar o processo de obtenção de produtos de origem animal;</p> <p>Conhecer e aplicar as técnicas de processamento de produtos de origem animal; Conhecer os princípios de funcionamento dos equipamentos utilizados;</p>		

Conhecer e aplicar técnicas de controle de qualidade na produção e conhecer os processos de conservação desses produtos.

PROGRAMA

UNIDADE I - Composição química e aspectos nutritivos da carne

- Definição
- Características gerais
- Composição química
- Importância nutricional da carne

UNIDADE II - Fisiologia Muscular

- Conceitos gerais de tecnologia das carnes e derivados
- Estrutura muscular
- Contração muscular
- Relaxamento muscular

UNIDADE III - Conversão do músculo em carne: *rigor Mortis*

- Transformação do músculo em carne
- Pré-rigor, Rigor e Pós-Rigor Mortis
- Aspectos bioquímicos e fisiológicos

UNIDADE IV - Fatores pré-abate que afetam a qualidade da carne

- Cuidados "ante mortem"
- Estresses
- Temperatura
- Transporte

UNIDADE V - Padrões de qualidade da carne e derivados

- Carne PSE (pálida, mole e exsudativa)
- Carne DFD (escura, firme e seca)
- Cor da carne
- Características físicas, anatômicas e sensoriais das carnes

UNIDADE VI - Normas técnicas para implantação de frigoríficos cárneos

- Instalações
- Equipamentos
- Layout de abatedouros (bovinos, suínos e aves)

- Órgãos de atuação e legislação dos produtos de origem animal

UNIDADE VII - Abate e cortes comerciais

- Tecnologia do abate (etapas)
- Abate de bovinos, caprinos, ovinos, suínos, aves e pescados
- Tipos de cortes comerciais

UNIDADE VIII - Técnicas de desossa

- Convencional
- A quente
- Mecânica

UNIDADE IX - Ingredientes e aditivos utilizados no processamento

- Sal
- Água
- Polifosfatos
- Nitratos e Nitritos
- Antioxidantes
- Acelerador de cura
- Extensores
- Condimentos

UNIDADE X - Processamento tecnológico da carne

- Embutidos cárneos: equipamentos, matéria-prima, emulsões, classificação, processos e defeitos
- Envoltórios-tripas naturais e artificiais
- Produtos de Origem Animal: Linguiça, Salame, Salsicha, Hambúrguer, Almôndegas, Mortadela, Presunto, Apresuntado, Carne do sol, Charque, *Jerkedbeef*, dentre outros

UNIDADE XI - Tecnologia do Pescado

- Classificação do pescado
- Qualidade da matéria-prima
- Métodos de conservação e processamento de produtos

UNIDADE XII - Métodos de conservação

- Uso do frio
- Tratamento Térmico
- Salga e Cura

- Desidratação
- Defumação
- Radiação
- Embalagem
- Atmosfera modificada e ou controlada

UNIDADE XIII - Tecnologia de ovos

- Composição química
- Processamento
- Embalagem
- Transporte
- Métodos de conservação

UNIDADE XIV - Estudo da legislação brasileira para produtos cárneos

- Lei Nº 1283, de 18 de Dezembro de 1950
- Decreto Nº 9.013, DE 29 DE MARÇO DE 2017 (Regulamento de Inspeção Industrial e Sanitária de Produtos de Origem Animal - RIISPOA)
- Instruções Normativas referentes aos produtos cárneos (Exemplos: Instrução Normativa nº 4 de 31/03/2000; Instrução Normativa Nº 20 De 31/07/2000 Instrução Normativa nº 21 de 31/07/2000; Instrução Normativa nº 22 de 31/07/2000)

METODOLOGIA DE ENSINO

As aulas serão ministradas de forma expositiva, como o auxílio da bibliografia básica e textos autênticos retirados da internet, bem como com a utilização de apresentações de slides e aulas em laboratório.

AVALIAÇÃO

O aluno será avaliado quanto: ao desempenho individual e em grupo nas avaliações escritas, através de seminário, provas, trabalho de pesquisa; frequência/assiduidade e participação em grupo e em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

KOBLITZ, M. G. B. **Matérias-primas alimentícias: composição e controle de qualidade**. 1 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. 301p.
 ORDÓÑEZ, J. A. et al. **Tecnologia de alimentos: alimentos de origem animal**. v. 2. Porto Alegre: Artmed, 2005.

PARDI, M. C., SANTOS, I. F., SOUZA, E. R., et. al. **Ciência, higiene e tecnologia da carne**. Vol. 2. 1ª Ed. Goiânia: UFG, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

DELL'LSOLA, A. T. **Processamento de carne de frango**. Viçosa: CPT, 2009. 288p

OCKERMAN, H. W.; HANSEN, C. L. **Industrialización de subproductos de origen animal**. Zaragoza: Acribia, 1994. 387p.

PINTO, P. S. A. **Inspeção e Higiene de Carnes**. Editora UFV, 2014. 2ª Edição. 389p.

RAMOS, E. M.; MIRANDA, L. A. **Avaliação da qualidade de carnes: fundamentos e metodologias**. Viçosa: UFV, 2007.

SILVA, C. A. B.; FERNANDES, A. R. **Projetos de Empreendimentos Agroindustriais - Volume 1**. Viçosa: UFV, 2005. 308p.

Coordenador do Curso

Setor Pedagógico

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: AGROINDÚSTRIA DOS PRODUTOS DAS ABELHAS		
Código: AGROI.023		
Carga Horária Total: 40h/a	CH Teórica: 40h/a	CH Prática: 00h/a
Número de Créditos: 2		
Pré-requisitos: Sem pré-requisitos		
Semestre: 4º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Características da apicultura nacional e mundial. Técnicas, materiais e equipamentos, manejo, biologia, morfofisiologia, produtos das abelhas. Formas de aproveitamento dos seus produtos na Agroindústria.		
OBJETIVOS		
Possibilitar o estudo dos produtos das abelhas, capacitando o aluno para atuar profissionalmente como tecnólogo em agroindústria nessas áreas.		
PROGRAMA		
UNIDADE I - Histórico da apicultura nacional e mundial		
UNIDADE II - Biologia e morfofisiologia das abelhas		
<ul style="list-style-type: none">● Biologia do Gênero Apis● Anatomofisiologia da abelha● Organização da colméia● Povoamento		
UNIDADE III - Ação Apícola		
<ul style="list-style-type: none">● Manejo Anual do Apiário- Flora Apícola- Localização do Apiário - Pasto Apícola- Preparação e Manejo de Colméia		

- Alimentação das abelhas
- Polinização por abelhas
- Processo de Integração com a Propriedade Agrícola
- Formas de aproveitamento e integração das abelhas
- Inimigos e doenças das abelhas

UNIDADE IV - Produtos das abelhas

- Mel apícola
 - Definição do mel apícola
 - Composição nutricional do mel de abelhas
 - Variação nutricional do mel de abelhas em relação as floradas
 - Benefícios do mel de abelhas para a saúde
 - Beneficiamento do mel de abelhas
 - Fluxograma: Coleta do mel, Processamento na casa do mel e Processamento no entreposto
- Geléia Real
 - Definição de geléia real
 - Composição nutricional da geléia real
 - Benefícios para a saúde humana
 - Produção da geléia real
- Pólen Apícola
 - O pólen apícola na alimentação e na saúde do homem
 - Flora apícola para a produção de pólen
 - Produção do pólen no campo
 - Coleta e beneficiamento do pólen
- Própolis
 - Composição nutricional do própolis e seu uso para o homem
 - Coleta e beneficiamento do própolis

UNIDADE V - Materiais, Equipamentos e Instalações (Boas Práticas de Produção)

- Equipamentos de Proteção Individual (E.P.Is.)
- Materiais e Equipamentos de Manejo
- Colmeias: histórico e evolução
- Unidade de Extração mel e Entreposto de mel:

- Boas Práticas na Unidade de Extração e Entrepasto de mel
- Procedimentos e requisitos para o cumprimento das exigências para exportação pelo MAPA-Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento
- Passo a passo para o Registro no SIF-Registro de Inspeção Federal
- Modelos de MBF/PPHO/Planos APPCC para Unidades de Extração e Entrepastos de méis

METODOLOGIA DE ENSINO

As aulas serão ministradas de forma expositiva, como o auxílio da bibliografia básica e textos autênticos retirados da internet, bem como com a utilização de apresentações de slides e aulas em laboratório.

AVALIAÇÃO

O aluno será avaliado quanto: ao desempenho individual e em grupo nas avaliações escritas, através de seminário, provas, trabalho de pesquisa; frequência/assiduidade e participação em grupo e em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

COSTA, P. S. C. **Processamento de Mel Puro e Composto**. Viçosa: CPT, 2007. 203p.

SEBRAE. **Manual de segurança e qualidade para apicultura**. (série qualidade e segurança dos alimentos). Programa Alimento Seguro - PAS. 2009. 84 p

WIESE, H. **Apicultura Novos Tempos**, 2ª. Ed. Guaíba, Agrolivros, 2005.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

COSTA, P. S. C. **Produção e processamento de própolis e cera**. Viçosa: CPT, 2007. 216p.

COSTA, P. S. C. **Produção de pólen e geleia real**. Viçosa: CPT, 2004. 146p.

FONSECA, V. L. I.; KOEDAM, D.; HRNCIR, M. **A abelha jandaíra no passado, no presente e no futuro**. Mossoró: EdUFERSA. 2017. 254p.

KHAN, A. S.; VIDAL, M. F.; LIMA, P. V. P. S.; BRAINER, M. S. C. P. **Perfil da apicultura no nordeste brasileiro**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil. 2014. 246 p.

SEBRAE. **Boas práticas apícolas: mel com qualidade**. Natal: SEBRAE/RN, 2005. 21p.

Coordenador do Curso _____	Setor Pedagógico _____
--------------------------------------	----------------------------------

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: AGROINDÚSTRIA SUCROALCOOLEIRA		
Código: AGROI.024		
Carga Horária Total: 40h/a	CH Teórica: 40h/a	CH Prática: 00h/a
Número de Créditos: 2		
Pré-requisitos: Sem pré-requisitos		
Semestre: 4º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
A Cana como matéria-prima. Tratamentos preliminares na cana. Fabricação de diversos tipos de açúcares. Fabricação de álcool. Produção de cachaça e Tecnologia de produtos açucarados.		
OBJETIVOS		
Conhecer e identificar os atributos de qualidade da cana; Compreender os diversos tratamentos aplicados a cana; Entender as tecnologias de produção de diversos tipos de açúcares e álcool; Compreender as tecnologias de produção da cachaça e de produtos açucarados.		
PROGRAMA		
UNIDADE I - Qualidade da cana-de-açúcar		
<ul style="list-style-type: none">● Tratamentos preliminares da cana-de-açúcar● Extração de caldo● Tratamento do caldo		
UNIDADE II -Fabricação de açúcar		
<ul style="list-style-type: none">● Fabricação de açúcar mascavo, melado e rapadura● Tipos de Açúcar e Aspectos da qualidade do açúcar● Fabricação de açúcar cristal● Produção de aguardente de cana e de cachaça		
UNIDADE III- Fabricação de álcool		

- Fabricação de álcool
- Produção de vapor
- Subprodutos da fabricação do álcool

UNIDADE IV - Tecnologia da produção de açucarados

- Processamento de caramelos
- Processamento de balas duras e balas de goma
- Processamento de produtos drageados, bombons e produtos afins

METODOLOGIA DE ENSINO

As aulas serão ministradas de forma expositiva, como o auxílio da bibliografia básica e textos autênticos retirados da internet, bem como com a utilização de apresentações de slides e aulas em laboratório.

AVALIAÇÃO

O aluno será avaliado quanto: ao desempenho individual e em grupo nas avaliações escritas, através de seminário, provas, trabalho de pesquisa; frequência/assiduidade e participação em grupo e em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

SANTOS, F.; BORÉM, A. **Cana de açúcar: do plantio à colheita** Editora(s): Produção Independente. 1 ed.2012.257p.

SILVA, J.S. **Produção de Álcool na Fazenda. Equipamentos, Sistemas de Produção e Usos.** Editora(s): Aprenda Fácil. 1ed.2011.390p.

FILHO VENTURINI, W. G. **Bebidas alcóolicas: ciência e tecnologia.** vol.1, Editora Blucher, São Paulo, 2010.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LOPES, C.H. **Tecnologia de Produção de Açúcar de Cana.** EDUFSCar.2 ed.2017.183p.

SILVA, C.A.B.; FERNANDES, A.R. **Projetos de Empreendimentos Agroindustriais - Volume 2.** Editora UFV. 1.ed.2003.459p.

ORDÓÑEZ, J. A. et al. **Tecnologia de alimentos: alimentos de origem animal.** v. 2. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FERLINI, V. L. A. **Açúcar e colonização.** São Paulo: Alameda, 2010.

CHAVES, J. B. P. **Como produzir rapadura, melado e açúcar mascavo.** Viçosa, Minas Gerais, CTP, 2008.

Coordenador do Curso _____	Setor Pedagógico _____
--------------------------------------	----------------------------------

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: ANÁLISE SENSORIAL		
Código: AGROI.025		
Carga Horária Total: 40h/a	CH Teórica: 30h/a	CH Prática: 10h/a
Número de Créditos: 2		
Pré-requisitos: Sem pré-requisitos		
Semestre: 4º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Análise Sensorial de Alimentos: histórico, definição e aplicações. Os receptores sensoriais – elementos de avaliação sensorial. Atributos sensoriais dos alimentos. Condições para degustação. Amostra e seu preparo. Seleção e treinamento da equipe. Métodos sensoriais. Delineamentos Experimentais e testes estatísticos. Correlação com análises físicas e químicas.		
OBJETIVOS		
Proporcionar ao aluno a compreensão da importância da Análise Sensorial de Alimentos; Ampliar e criar aplicações na manutenção da qualidade, modificação de ingredientes e processos, redução de custos, otimização de formulações e desenvolvimento de produtos.		
PROGRAMA		
UNIDADE I - Histórico da análise sensorial		
<ul style="list-style-type: none">● Os receptores sensoriais: elementos da avaliação sensorial● Condições para a degustação		
UNIDADE II - Seleção e treinamento da equipe		
<ul style="list-style-type: none">● Perfil dos avaliadores● Procedimento para seleção● Fatores que podem induzir a erros de resultados		

UNIDADE III - Métodos sensoriais

- Testes de diferença
- Testes de sensibilidade
- Métodos descritivos
- Métodos subjetivos ou afetivos

UNIDADE IV - Estimativa da vida útil de produtos alimentícios

- Correlação entre medidas sensoriais e instrumentais
- Estudo de caso

METODOLOGIA DE ENSINO

As aulas serão ministradas de forma expositiva, como o auxílio da bibliografia básica e textos autênticos retirados da internet, bem como com a utilização de apresentações de slides e aulas em laboratório.

AVALIAÇÃO

O aluno será avaliado quanto: ao desempenho individual e em grupo nas avaliações escritas, através de seminário, provas, trabalho de pesquisa; frequência/assiduidade e participação em grupo e em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CHAVES, J. B. P.; SPROESSER, R. L. **Práticas de laboratório de análise sensorial de alimentos e bebidas**. Viçosa: Editora UFV, 1999. 81p. (Cadernos Didáticos, 66).

DUTCOSKY, S. D. **Análise Sensorial de Alimentos**. 4. ed. rev. e ampl. – Curitiba: Champagnat, 2013.

MINIM, V. P. R. **Análise sensorial: estudo com consumidores**. 3. ed. Viçosa, Mg: Editora UFV, 2013.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CHAVES, J. B. P. **Métodos de diferença em avaliação sensorial de alimentos e bebidas**. 3 ed. Viçosa, MG: Editora UFV, 2005. 91p.

ELLENDERSON, L. S. N.; WOSIACKI, G. **Análise sensorial descritiva quantitativa**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010. 89p.

FRANCO, M. R. B. **Aroma e Sabor de Alimentos: temas atuais**. São Paulo: Varela Editora e Livraria Ltda., 2003. 246p.

MINIM, V. P. R. **Análise sensorial: estudo com consumidores.** 2. ed. Viçosa, Mg: Editora UFV, 2010.

PLATT, C. G. **Ciência e tecnologia de alimentos.** Barueri: Manole, 2015. 536p.

Coordenador do Curso _____	Setor Pedagógico _____
--	--------------------------------------

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: BENEFICIAMENTO E ARMAZENAMENTO DE FRUTAS E HORTALIÇAS		
Código: AGROI.026		
Carga Horária Total: 80h/a	CH Teórica: 60h/a	CH Prática: 20h/a
Número de Créditos: 4		
Pré-requisitos: AGROI.016		
Semestre: 4º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Princípios básicos. Preparação da matéria-prima. Avaliação das etapas de limpeza em sistemas de beneficiamento e classificação. Classificação de frutas e hortaliças. Aplicação de revestimentos comestíveis. Armazenamento e estresse e desordem fisiológica durante o armazenamento. embalagens e sistemas de transporte.		
OBJETIVOS		
Conhecer as etapas de beneficiamento de produtos vegetais e compreender a importância delas sobre o armazenamento e qualidade dos vegetais; Conhecer os tipos de armazenamentos utilizados para conservação dos vegetais e os fatores que influenciam no armazenamento; Conhecer os tipos de embalagens destinadas a cada setor comercial e os sistemas de distribuição.		
PROGRAMA		
Unidade I - Princípios Básicos		
<ul style="list-style-type: none">● Introdução● Matérias-primas● Processamento de produtos		
Unidade II - Preparação de matérias-primas		
<ul style="list-style-type: none">● Colheita		

- Transporte
- Recepção
- Lavagem
- Seleção
- Classificação

Unidade III - Avaliação da etapa de limpeza em sistemas de beneficiamento e classificação

- Introdução
- Métodos Utilizados para avaliar limpeza
- Comparação entre métodos de avaliação

Unidade IV -Classificação de frutas e hortaliças

- Climatéricas
- Não-Climatéricas
- Respiração e Fotossíntese
- Classificação por diâmetro, Peso, Cor - classificação manual ou por equipamentos

Unidade V - Aplicação de ceras em frutas e hortaliças

- Objetivos
- Vantagens e Desvantagens
- Tipos de ceras e películas

Unidade VI - Armazenamento

- Objetivo e duração do armazenamento
- Controle e modificação da atmosfera
- Armazenamento Refrigerado

Unidade VII - Estresse e Desordens Fisiológicas Durante o Armazenamento

- Sensibilidade dos tecidos e fatores causais
- Sintomas
- Fatores nutricionais e/ou climáticos
- Temperatura
- Umidade
- Composição de gases na atmosfera
- Estresse por danos mecânicos

- Estresse por ataque de patógenos

Unidade VIII - Embalagem e Transporte

- Funções e requisitos das embalagens
- Materiais de embalagens para vegetais
- Embalagens convencionais
- Embalagens ativas e inteligentes
- Centrais de embalagens
- Padronização e Legislação sobre embalagens
- Sistemas de Transporte

METODOLOGIA DE ENSINO

As aulas serão ministradas de forma expositiva e dialogada, como o auxílio da bibliografia básica e artigos científicos, bem como com a utilização de apresentações de slides e aulas em laboratório.

AVALIAÇÃO

O aluno será avaliado quanto: ao desempenho individual e em grupo nas avaliações escritas, através de seminário, provas, trabalho de pesquisa; frequência/assiduidade e participação em grupo e em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CHITARRA, M. I. F.; CHITARRA, A. B. **Pós-Colheita de Frutas e Hortaliças: Fisiologia e Manuseio**. 2 ed. Lavras: UFLA, 2005.

KOBLITZ, M. G. B. **Matérias-primas alimentícias: composição e controle de qualidade**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

LIMA, U. A. **Matérias-primas dos alimentos**. São Paulo: Editora Blucher, 2010, 424 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

EVANGELISTA, J. **Tecnologia de Alimentos**. Editora Atheneu, São Paulo, 2008.

AZEREDO, H. M. C. **Fundamentos da estabilidade dos alimentos**. Editora Técnica, 2. ed. rev. e ampl., EMBRAPA, Brasília, 2012.

GAVA, A. J. **Tecnologia de alimentos: princípios e aplicações**. Editora Nobel, São Paulo, 2008.

TERRON, L. R. **Operações unitárias para químicos, farmacêuticos e engenheiros: fundamentos e operações unitárias do escoamento de fluidos**. LTC, Rio de Janeiro, 2012.

FOUST, A. S., WENZEL, L. A., CLUMP, C. W., MAUS, L., ANDERSEN, L.B. **Princípios das Operações Unitárias**. LTC, Rio de Janeiro, 2013.

Coordenador do Curso _____	Setor Pedagógico _____
--	--------------------------------------

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: AGROINDUSTRIA DE BEBIDAS
Código: AGROI.027
Carga Horária Total: 80h/a CH Teórica: 40h/a CH Prática: 40h/a
Número de Créditos: 4
Pré-requisitos: Sem pré-requisitos
Semestre: 4º semestre
Nível: Superior
EMENTA
Legislação. Bebidas Alcoólicas: Licores, Aguardente e Cachaça, Tiquira e outras bebidas de mandioca. Bebidas não alcoólicas: água mineral, água de coco e cajuína.
OBJETIVOS
Conhecer a classificação das bebidas alcoólicas produzidas industrialmente; Conhecer as linhas de processamento de diversas bebidas alcoólicas e não alcoólicas; Entender as transformações químicas e bioquímicas que ocorrem durante o processamento e maturação de certas bebidas.
PROGRAMA
UNIDADE I - Princípios básicos <ul style="list-style-type: none">● Água como utilidade na indústria de bebidas● Embalagens para bebidas● Principais matérias-primas● Mercado Brasileiro de Bebidas
UNIDADE II - Bebidas alcoólicas fermentadas <ul style="list-style-type: none">● Introdução● Cerveja: Matérias-primas e processamento● Vinho: Matérias-primas e processamento● Fermentados de frutas

- Análise Sensorial

UNIDADE III - Bebidas alcoólicas destiladas

- Introdução
- Aguardente de Cana (Cachaça)
- Matérias-primas
- Processamento
- Tiquira
- Operações finais da produção de aguardentes

UNIDADE IV - Bebidas alcoólicas por misturas

- Introdução
- Licores
- Matérias-primas
- Processamento
- Extração e uso de essências na produção de licores

UNIDADE V - Bebidas não alcoólicas

- Introdução
- Refrigerantes: Matérias-primas, processamento e controle de produção
- Água de coco: Processamento
- Cajuína: Matérias-primas, processamento e defeitos da cajuína

UNIDADE VI - Bebidas estimulantes: composição e processamento

- Introdução
- Café
- Chá
- Guaraná

UNIDADE VII - Bebidas isotônicas

- Introdução
- Matérias-primas
- Processamento

METODOLOGIA DE ENSINO

As aulas serão ministradas de forma expositiva e dialogada, como o auxílio da bibliografia básica. Aulas em laboratório e visitas técnicas.

AVALIAÇÃO

O aluno será avaliado quanto: ao desempenho individual e em grupo nas avaliações escritas, através de seminário, provas, trabalho de pesquisa; frequência/assiduidade e participação em grupo e em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

VENTURINI F.; GASTONI, W. **Bebidas Alcoólicas.** v 1. São Paulo: Edgar Blucher, 2010.

VENTURINI F.; GASTONI, W. **Bebidas Não-Alcoólicas.** v. 2. São Paulo: Edgar Blucher, 2010.

VENTURINI F.; GASTONI, W. **Indústria de Bebidas.** São Paulo: Edgar Blucher, 2010.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GOMES, J.C. **Legislação de Alimentos e Bebidas.** 3 ed, Minas Gerais: Editora UFV, 2011.663p.

BORZANI, W. **Biotecnologia Industrial: fundamentos.** São Paulo: Edgar Blucher, 2001.

CARDOS, M.G. **Produção de Aguardente de Cana.** UFLA. 3ed. 2013.340p.

ALCARDE, A.R. **Cachaça: Ciência, Tecnologia e Arte.** São Paulo: Edgar Blucher, 2ª Ed. 2018. 97p.

AMARANTE, J.O.A. **Os segredos do vinho - para iniciantes e iniciados.** Mescla Editorial. 4ªEd. 2015. 620p.

Coordenador do Curso

Setor Pedagógico

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: AGROINDÚSTRIA DOS PRODUTOS DE ORIGEM VEGETAL		
Código: AGROI. 028		
Carga Horária Total: 80h	CH Teórica: 40h/a	CH Prática: 40h/a
Número de Créditos: 4		
Pré-requisitos: Sem pré-requisito		
Semestre: 5º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
<p>Características físico-químicas, nutricionais e funcionais de frutos e hortaliças regionais. Processamento mínimo de vegetais. Operações básicas do processamento de vegetais. Preservação de frutos por açúcar. Desidratação de vegetais. Processamento de polpa, sucos e néctares de frutos. Legislação dos produtos de frutos e hortaliças.</p>		
OBJETIVOS		
<p>Conhecer e selecionar métodos de processamento, controle de qualidade, higiene e sanitização dos equipamentos, armazenagem e embalagens na indústria de produtos vegetais;</p> <p>Conhecer os produtos conservados por meio de: açúcar, calor, aditivos e baixa temperatura;</p> <p>Identificar os equipamentos na indústria de processamento de frutos e hortaliças;</p> <p>Conhecer a legislação dos produtos industrializados de frutos e hortaliças.</p>		
PROGRAMA		
UNIDADE I – Componentes nutricionais, funcionais e características físico-químicas dos vegetais		
<ul style="list-style-type: none">● Composição nutricional● Características químicas e físico-químicas● Componentes funcionais		

UNIDADE II – Processamento mínimo de vegetais

- Processamento
- Fatores que influenciam na qualidade
- Processos produtivos de vegetais minimamente processados

UNIDADE III – Operações básicas do processamento de vegetais

- Lavagem
- Descasque
- Corte
- Branqueamento
- Enchimento
- Exaustão
- Fechamento
- Tratamento Térmico
- Resfriamento

UNIDADE IV – Desidratação de vegetais

- Produtos Concentrados
- Produtos desidratados
- Produtos Liofilizados
- Processo produtivo de vegetais desidratados

UNIDADE V – Preservação de frutas por açúcar

- Doces
- Geleias
- Frutas em caldas
- Processo produtivo de doces, geleias e frutas em calda

UNIDADE VI – Processamento de polpa, sucos e néctares

- Processamento
- Tecnologias de Conservação
- Processos Produtivos de polpas, sucos e néctares
- Classificação e Legislação de produtos de frutas tropicais

UNIDADE VII – Processamento de molhos e conservas vegetais

- Processamento
- Características de qualidade
- Processos produtivos de molhos e conservas

METODOLOGIA DE ENSINO
<p>Aulas teóricas expositivas com a utilização de quadro branco, notas de aula e recursos audiovisuais como projetor multimídia;</p> <p>Aulas práticas de laboratório;</p> <p>Realização de visitas técnicas.</p>
AVALIAÇÃO
<p>A avaliação será desenvolvida ao longo do semestre, de forma processual e contínua, valorizando os aspectos qualitativos em relação aos quantitativos.</p> <p>Alguns critérios a serem avaliados:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhecimento individual sobre temas relativos aos assuntos estudados em sala; - Grau de participação do aluno em atividades que exijam produção individual e em equipe; - Planejamento, organização, coerência de ideias e clareza na elaboração de trabalhos escritos ou destinados à demonstração do domínio dos conhecimentos adquiridos; - Criatividade e o uso de recursos diversificados; <p>Os aspectos quantitativos da avaliação ocorrerão de acordo com o Regulamento da Organização Didática (ROD) do IFCE.</p>
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
<p>MAIA, G. A. et al. Processamento de sucos de frutas tropicais. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará - UFC, 2007. 320 p.</p> <p>VENTURINI F; GASTONI, Waldemar. Bebidas Não-Alcoólicas. v. 2. São Paulo: Edgar Blucher , 2010.</p> <p>KOBLITZ, M. G. B. Matérias-primas alimentícias: composição e controle de qualidade. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.</p>
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
<p>CHITARRA, M. I. F.; CHITARRA, A. B. Pós-Colheita de Frutas e Hortaliças: Fisiologia e Manuseio. 2 ed. Lavras: UFLA, 2005.</p> <p>OETTERER, M., REGITANO-D'ARCE, M. A. B., SPOTO, M. Fundamentos de Ciência e Tecnologia de Alimentos. Barueri: Manole, 2006.</p> <p>GAVA, AJ. Tecnologia de alimentos – princípios e aplicações. São Paulo. Nobel, 2008.</p>

ARTHEY, D.; ASHURST, P. R. **Processado de frutas**. Zaragoza: Acribia, 1997. 273 p.

Coordenador do Curso

Setor Pedagógico

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: SISTEMA DE INFORMAÇÃO GERENCIAL NA AGROINDÚSTRIA		
Código: AGROI. 029		
Carga Horária Total: 40h	CH Teórica: 20h/a	CH Prática: 20h/a
Número de Créditos: 2		
Pré-requisitos: Sem pré-requisito		
Semestre: 5º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Definição de informação, de sistemas, de Sistemas de Informações Gerenciais (SIG). Análise e organização de sistemas administrativos. Implantação de SIG dentro de organizações. Repercussões e mudanças organizacionais. SIGs voltados para a administração e a agroindústria. Sistemas de Informação e o Suporte à Tomada de Decisão.		
OBJETIVOS		
Apresentar noções fundamentais de sistemas e discutir o valor da informação, da tecnologia de informação e dos sistemas de informação voltados para a gestão e tomadas de decisão nas organizações e melhoria das condições de decisão gerencial pela Inteligência utilizando dados e informação;		
Discutir e refletir sobre conceitos de sistema de informação e as vantagens de sua aplicação;		
Promover a conexão entre os SIGs e a agroindústria;		
Alavancar o espírito de cooperação em equipe e de antecipação pela informação; Realizar atividades práticas em laboratório.		
PROGRAMA		
UNIDADE I – Sistemas de informação		
<ul style="list-style-type: none">● Introdução aos Sistemas de Informação● Panorama dos Sistemas de Informações Gerenciais		

- O Nível de Organização requerida para SIG, SAD, SAE
- Comércio Eletrônico; E-learning; Exploração de dados gerenciais e aplicações via web
- IEA - Inteligência Estratégica Antecipativa: conceitos, modelo global, metodologia e ferramentas
- Impacto dos SI: repercussões e mudanças organizacionais

UNIDADE II – Projetos de implantação de um SIG

- Planejamento de Necessidades das Informações
- Diversas formas de coleta, análise de dados e divulgação de resultados e formas de relatórios
- Metodologia para desenvolvimento de sistemas de informação: conceitos, fases, produtos, engenharia de SIG e aprovações

UNIDADE III – Práticas de sistemas de informação gerencial

- Excel – Funções Gerenciais
- Excel – Cenários e Logística Aplicada
- Sistema ERPezinho
- Business ModelingLanguage (Linguagem de Modelagem de Processos de Negócio)
- Atividades de Gerenciamento e WorkFlow para Processos de Negócio

METODOLOGIA DE ENSINO

Aulas teóricas expositivas com a utilização de quadro branco, notas de aula e recursos audiovisuais como projetor multimídia;

Discussão de textos;

Exibição de filmes de documentários;

Apresentação de situações e seminários.

AVALIAÇÃO

A avaliação será desenvolvida ao longo do semestre, de forma processual e contínua, valorizando os aspectos qualitativos em relação aos quantitativos.

Alguns critérios a serem avaliados:

- Conhecimento individual sobre temas relativos aos assuntos estudados em sala;
- Grau de participação do aluno em atividades que exijam produção individual e em equipe;

- Planejamento, organização, coerência de ideias e clareza na elaboração de trabalhos escritos ou destinados à demonstração do domínio dos conhecimentos adquiridos;

- Criatividade e o uso de recursos diversificados;

Os aspectos quantitativos da avaliação ocorrerão de acordo com o Regulamento da Organização Didática (ROD) do IFCE.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

KROENKE, D. **Sistemas de informação gerenciais**. São Paulo: Saraiva, 2012.

CRUZ, T. **Sistemas de informações gerenciais** : tecnologia da informação e a empresa do século XXI. São Paulo: Atlas, 1998.

OLIVEIRA, D.P.R. **Sistemas de Informações Gerenciais**: Estratégias, Táticas Operacionais São Paulo: Atlas, 1992.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

REZENDE, D. A. **Sistemas de Informações Organizacionais – 5ª Edição**, Editora Atlas: São Paulo, 2013.

REZENDE, D. A.; ABREU, A.F. **Tecnologia da Informação Aplicada a Sistemas de Informações empresariais**. 9ª edição, Editora Atlas: São Paulo, 2013.

COSTA, A.F.B.; EPPRECHT, E.K.; CARPINETTI, L.C.R. **Controle estatístico de qualidade**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2005.

BERMIRO, J. **Sistemas de informação**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

LAUDON, K.; LAUDON, J. **Sistemas de Informação gerenciais**. 9 ed., São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

Coordenador do Curso

Setor Pedagógico

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: SISTEMAS DA QUALIDADE E LEGISLAÇÃO DE ALIMENTOS		
Código: AGROI. 030		
Carga Horária Total: 80h	CH Teórica: 80h/a	CH Prática: 0h/a
Número de Créditos: 4		
Pré-requisitos: Sem pré-requisito		
Semestre: 5º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Ferramentas da qualidade. Normas da qualidade. Certificação. Produção Integrada de Frutos e Programas de qualidade para Agroindústria.		
OBJETIVOS		
Compreender o conceito de qualidade; Compreender os princípios da gestão de qualidade na agroindústria; Reconhecer a importância das normas e certificações da qualidade.		
PROGRAMA		
UNIDADE I – Normas da qualidade		
<ul style="list-style-type: none">● As normas da qualidade● Normas ISO 9000● Normas ISO 14000● Normas ISO 22000		
UNIDADE II – Certificação		
<ul style="list-style-type: none">● Introdução● Certificação:<ul style="list-style-type: none">-Selos de Qualidade-União Europeia-França-Estados Unidos da América(EUA)-Brasil		

UNIDADE III – Produção integrada de frutos

- Rastreabilidade no Campo
 - Produção Integrada de frutos(PIF)
- A produção integrada na gestão da qualidade na fruticultura
- Implantando o sistema (PIF)
- Documentos e formulários do (PIF)
- Consolidação do (PIF)

UNIDADE IV – Programa de qualidade para agroindústria

- Boas Práticas Agrícolas (BPA)
 - Requisitos básicos das Boas Práticas no solo
 - Boas Práticas Agropecuárias
 - Boas Práticas de Fabricação (BPF)
- Estrutura do Manual de Boas Práticas
- Procedimentos Operacionais Padronizados(POP)
 - Programa de Limpeza e Sanificação das Superfícies
 - Estrutura dos Procedimentos Operacionais Padronizados

UNIDADE V – Análise de perigos e pontos críticos de controle (APPCC)

- Plano APPCC
- Formulários do Plano APPCC

METODOLOGIA DE ENSINO

Aulas teóricas expositivas com a utilização de quadro branco, notas de aula e recursos audiovisuais como projetor multimídia;

Realização de visitas técnicas.

AVALIAÇÃO

A avaliação será desenvolvida ao longo do semestre, de forma processual e contínua, valorizando os aspectos qualitativos em relação aos quantitativos.

Alguns critérios a serem avaliados:

- Conhecimento individual sobre temas relativos aos assuntos estudados em sala;
- Grau de participação do aluno em atividades que exijam produção individual e em equipe;

- Planejamento, organização, coerência de ideias e clareza na elaboração de trabalhos escritos ou destinados à demonstração do domínio dos conhecimentos adquiridos;

- Criatividade e o uso de recursos diversificados;

Os aspectos quantitativos da avaliação ocorrerão de acordo com o Regulamento da Organização Didática (ROD) do IFCE.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

EVANGELISTA, J. **Tecnologia de alimentos**. São Paulo, Atheneu. 2 ed. 2008.

ASSIS, Luana de. **Alimentos seguros: ferramentas para gestão e controle da produção e distribuição**. Senac Nacional: Rio de Janeiro. 2011.

GERMANO, P. M. L.; GERMANO, M. I. S. **Higiene e vigilância sanitária de alimentos**. São Paulo, Manole. 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GLEBER, L.; PALHARES, J. C. P. **Gestão ambiental na agropecuária**. Brasília, DF.: Embrapa Informação Tecnológica, 2007.

GLEBER, L.; PALHARES, J. C. P. **Gestão ambiental na agropecuária**. v.2, Brasília, DF.: Embrapa Informação Tecnológica, 2014.

MORTIMORRE, S.; WALLACE, C. **HACCP**. Zaragoza: Acribia, 2004.

CHAVES, J.B.P.; ASSIS, F.C.C.; PINTO, N.B.M.; SABAINI, P.S. **Boas práticas de fabricação (BPF) para restaurantes, lanchonetes e outros serviços de alimentação**. Editora UFV: Viçosa, MG. 2011.

SILVA JÚNIOR, Enio Alves da. **Manual de controle higiênico-sanitário em serviços de alimentação**. 6.ed. São Paulo: Varela, 2005.

Coordenador do Curso

Setor Pedagógico

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: PLANEJAMENTO E ELABORAÇÃO DE PROJETOS AGROINDUSTRIAIS		
Código: AGROI. 031		
Carga Horária Total: 40h	CH Teórica: 30h/a	CH Prática: 10h/a
Número de Créditos: 2		
Pré-requisitos: Sem pré-requisito		
Semestre: 5º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Processo de concepção do projeto. Matéria Prima. Processo de elaboração do projeto; Mão-de-obra. Infra-estrutura, Resíduos Agroindustriais do processamento de produtos vegetais e animais. Aspectos Legais dos projetos agroindustriais. Pesquisa operacional aplicada a agroindústria. Produção Integrada de Frutos. Melhoria de processos agroindustriais: frutos e hortaliças, carnes, leites e cereais. Inovações tecnológicas em cadeias agroindustriais: alguns casos do segmento de processamento de carnes, leite e café no Brasil.		
OBJETIVOS		
Conhecer diversas formas de planejamento, estudo, pesquisas e processos de desenvolvimentos de novos produtos e projetos agroindustriais.		
PROGRAMA		
UNIDADE I – Introdução		
UNIDADE II – Processo de concepção do projeto		
<ul style="list-style-type: none">● Estudo de mercado● Tamanho da agroindústria● Localização da agroindústria		
UNIDADE III – Matéria- prima		
<ul style="list-style-type: none">● Produto de origem vegetal● Produto de origem animal		

UNIDADE IV – Processo de elaboração do projeto

- Componentes de um projeto
- Estudo da viabilidade econômica
- Elementos para projeção teórica para viabilidade

UNIDADE V – Mão-de-obra

- Definições
- Mão- de-obra necessária
- Qualificação

UNIDADE VI – Infra-estrutura

- Infra-estrutura básica
- Localização da agroindústria
- Instalações (Construções;)
- Equipamentos
- Tratamento de efluentes

UNIDADE VII – Resíduos agroindustriais do processamento de produtos vegetais e animais

- Definições
- Resíduos gerados na agroindústria de produtos de origem vegetal
- Resíduos gerados na agroindústria de produtos de origem animal

UNIDADE VIII – Aspectos legais dos projetos

- Introdução e conceitos
- Fluxograma de projetos

UNIDADE IX – Produção integrada de frutos, melhoria de processos agroindustriais: frutos e hortaliças, carnes, leites e cereais

- Pesquisa operacional aplicada a agroindústria
- Noções e estudo dos PIFs – Produção Integrada de Frutos
- Melhoria de processos agroindustriais: frutos e hortaliças, carnes, leites e cereais
- Inovações tecnológicas em cadeias agroindustriais: alguns casos do segmento de processamento de carnes, leite e café no Brasil

METODOLOGIA DE ENSINO

Aulas teóricas expositivas com a utilização de quadro branco, notas de aula e recursos audiovisuais como projetor multimídia.

AVALIAÇÃO

A avaliação será desenvolvida ao longo do semestre, de forma processual e contínua, valorizando os aspectos qualitativos em relação aos quantitativos.

Alguns critérios a serem avaliados:

- Conhecimento individual sobre temas relativos aos assuntos estudados em sala;
- Grau de participação do aluno em atividades que exijam produção individual e em equipe;
- Planejamento, organização, coerência de ideias e clareza na elaboração de trabalhos escritos ou destinados à demonstração do domínio dos conhecimentos adquiridos;
- Criatividade e o uso de recursos diversificados;

Os aspectos quantitativos da avaliação ocorrerão de acordo com o Regulamento da Organização Didática (ROD) do IFCE.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

SILVA, C. A. B. da.; FERNANDES, A. R. **Projetos de empreendimentos agroindustriais: produtos de origem animal**. Viçosa: Editora UFV, v. 1, 2005.

SILVA, C. A. B. da.; FERNANDES, A. R. **Projetos de empreendimentos agroindustriais: produtos de origem vegetal**. Viçosa: Editora UFV, v. 2, 2005.

FELLOWS, P. J. **Tecnologia do Processamento de Alimentos - Princípios e Prática**. 2ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 602p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ORDÓÑEZ, J. A. et al. **Tecnologia de alimentos: componentes dos alimentos e processos**. v. 1. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ORDÓÑEZ, J. A. et al. **Tecnologia de alimentos: alimentos de origem animal**. v. 2. Porto Alegre: Artmed, 2005.

JURAN, J. M. **A qualidade desde o projeto: novos passos para o planejamento da qualidade em produtos e serviços**. São Paulo: Cengage Learning, 1997.

BAXTER, Mike. **Projeto de produto: guia prático para o design de novos produtos**. São Paulo: Edgard Blucher, 2000.

BATALHA, M. O. **Gestão Agroindustrial: GEPAl: grupo de estudos e pesquisas agroindustriais**. 3. ed., 8. reimp., Editora Atlas, São Paulo, 2014.

Coordenador do Curso _____	Setor Pedagógico _____
--	--------------------------------------

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: ASSOCIATIVISMO E COOPERATIVISMO		
Código: AGROI. 032		
Carga Horária Total: 40h	CH Teórica: 40h/a	CH Prática: 0h/a
Número de Créditos: 2		
Pré-requisitos: Sem pré-requisito		
Semestre: 5º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Cooperativismo, associativismo e agronegócio. O sistema cooperativista. A organização formal das cooperativas. Administração de cooperativas agrícolas. Problemas e perspectivas do cooperativismo brasileiro. Visitas técnicas a cooperativas. Estudos de casos.		
OBJETIVOS		
Compreender através de uma visão macro-social, os diferentes aspectos sociais, políticos, econômicos, ambientais e culturais, traçando um pano de fundo sobre a sociedade humana de um modo geral, e em especial a sociedade contemporânea, a fim de que o aluno possa se situar no contexto histórico;		
Buscar alternativas e soluções aos problemas enfrentados, não somente no âmbito cooperativista, mas no plano geral da sociedade.		
PROGRAMA		
UNIDADE I – Ambiente social e organizacional		
<ul style="list-style-type: none">● Introdução e conceituação● A importância da organização dos agricultores● A realidade do mundo do trabalho● Origem histórica das organizações● Participação gestão participativa		
UNIDADE II – Princípios do associativismo e cooperativismo		

- História do Cooperativismo
- Características do associativismo e cooperativismo
- A Fundamentação da Cooperação
- Conceito e legislação sobre Associativismo
- Conceito e legislação sobre Cooperativismo
- O Cooperativismo Moderno e a Economia Solidária

UNIDADE III – Classificação e organização das cooperativas e associações

- Fundação e funcionamento de cooperativas
- Organizações cooperativas e associativas
- Um Modelo Ideal de Organização Cooperativa
- classificação das cooperativas
- Organizações não-governamentais, institutos e fundações

UNIDADE IV – Políticas públicas e implementação de programas de incentivo ao associativismo e cooperativismo

- Agricultura familiar e as políticas públicas
- PAA e PNAE
- Programa de agroindústria
- Programa Nacional de Habitação Rural – PNHR
- Outras formas de cooperação

METODOLOGIA DE ENSINO

Aulas teóricas expositivas com a utilização de quadro branco, notas de aula e recursos audiovisuais como projetor multimídia.

AVALIAÇÃO

A avaliação será desenvolvida ao longo do semestre, de forma processual e contínua, valorizando os aspectos qualitativos em relação aos quantitativos.

Alguns critérios a serem avaliados:

- Conhecimento individual sobre temas relativos aos assuntos estudados em sala;
- Grau de participação do aluno em atividades que exijam produção individual e em equipe;

- Planejamento, organização, coerência de ideias e clareza na elaboração de trabalhos escritos ou destinados à demonstração do domínio dos conhecimentos adquiridos;

- Criatividade e o uso de recursos diversificados;

Os aspectos quantitativos da avaliação ocorrerão de acordo com o Regulamento da Organização Didática (ROD) do IFCE.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALMEIDA FILHO, N.; ORTEGA, A.C. (Orgs). **Desenvolvimento territorial, segurança alimentar e economia solidária**. São Paulo, Alínea, 2007.

CENZ.,N.L. **Cooperativismo** - Desde a Origens ao Projeto de Lei de Reforma do Sistema Cooperativo Brasileiro. Editora Juruá, 2009. 172 p.

DIAS, R. **Política Social**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2014. 162p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FELICIANO, C.A. **Movimento Camponês rebelde**: a reforma agrária no Brasil. São Paulo: Contexto, 2006. 212p.

FREIRE, D.A.L. **Treinamento e desenvolvimento em recursos humanos**: encenando e efetivando resultados. Curitiba: InterSaberes, 2014. 292p.

PENTEADO, S.R. **Certificações agrícola: selo ambiental e orgânico**. 2 eds. Viçosa: Editora Via Orgânica, 2010.

PERSEGUINI, A.S. (ORG.). **Responsabilidade social**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2015. 172p.

WEIL, PIERRE. **Relações Humanas na Família e no Trabalho**. Petrópolis: Vozes,2002.

Coordenador do Curso

Setor Pedagógico

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: AGROINDÚSTRIA DE GRÃOS, CEREAIS E TUBÉRCULOS		
Código: AGROI. 033		
Carga Horária Total: 40h	CH Teórica: 40h/a	CH Prática: 0h/a
Número de Créditos: 2		
Pré-requisitos: Sem pré-requisito		
Semestre: 5º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Cereais: estrutura física, composição química e classificação. Processo de obtenção das farinhas e sua classificação de acordo com as características necessárias a massa desejada. Processos operacionais e equipamentos. Tecnologia para a obtenção dos produtos cereais, tubérculos e derivados. Processo de conservação e armazenamento. Legislação pertinente.		
OBJETIVOS		
Conhecer os principais cereais e derivados utilizados na alimentação humana; Proporcionar conhecimentos técnico-científicos para a aplicação correta de tecnologias de obtenção e análise de qualidade da matéria-prima, processamento, embalagem, conservação, controle de qualidade e comercialização de grãos, cereais, e tubérculos.		
PROGRAMA		
UNIDADE I – GRÃOS		
<ul style="list-style-type: none">● Introdução e conceitos● Fatores que afetam a conservação dos grãos (temperatura, umidade, composição de gases da atmosfera)● Alterações durante o armazenamento (reações químicas de degradação, reações enzimáticas, atividade metabólica, microbiota, danos físicos e mecânicos)● Zona de Estabilidade		

- Armazenamento e Conservação

UNIDADE II – CEREAIS

- Importância dos Cereais, definição, histórico e evolução da indústria de cereais

- Caracterização dos Cereais

-Variedades, estrutura e composição química

-Classificação de acordo com a legislação brasileira

- Equipamentos para indústria de massas alimentícias

- Processamento Industrial dos Cereais

-Processos de obtenção de farinhas para produtos de panificação e massas

-Farinhas compostas para uso na indústria de panificação

-Elementos da qualidade das farinhas (quantidade e qualidade da proteína capacidade de absorção de água da farinha, viscosidade da farinha; cor da farinha)

UNIDADE III – TRIGO, MILHO, ARROZ

- Beneficiamento

- Classificação de acordo com a legislação brasileira

- Produtos derivados

UNIDADE IV – MANDIOCA, AMIDO

- Beneficiamento, produtos derivados

- Estrutura, composição química e valor nutricional

- Principais fontes de extração de amido

- Métodos de extração

- Diferentes fontes de amido

- Utilização do amido

- Utilização do amido na indústria de alimentos

- Amido modificado

METODOLOGIA DE ENSINO

Aulas teóricas expositivas com a utilização de quadro branco, notas de aula e recursos audiovisuais como projetor multimídia.

AVALIAÇÃO

A avaliação será desenvolvida ao longo do semestre, de forma processual e contínua, valorizando os aspectos qualitativos em relação aos quantitativos.

Alguns critérios a serem avaliados:

- Conhecimento individual sobre temas relativos aos assuntos estudados em sala;
- Grau de participação do aluno em atividades que exijam produção individual e em equipe;
- Planejamento, organização, coerência de ideias e clareza na elaboração de trabalhos escritos ou destinados à demonstração do domínio dos conhecimentos adquiridos;
- Criatividade e o uso de recursos diversificados;

Os aspectos quantitativos da avaliação ocorrerão de acordo com o Regulamento da Organização Didática (ROD) do IFCE.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

KOBLIZ, M.G.B. **Matérias-primas alimentícias**: composição e controle de qualidade. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.301p.

ORDONEZ, J. **Tecnologia de Alimentos**. Vol. 1. São Paulo: Artmed, 2005.

ORDONEZ, J. **Tecnologia de Alimentos**. Vol. 2. São Paulo: Artmed, 2005.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BRASIL. Departamento de Atenção Básica. **Alimentos regionais brasileiros**/ Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção. Básica. – 2. ed. – Brasília : Ministério da Saúde, 2015. 484 p. : il. ISBN 978-85-334-2145-5. 1. Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN). 2. Alimentação e nutrição.

CANELLA-RAWS, Sandra. **Pão - Arte e Ciência**. 1ª Ed. SENAC, 2005.

SEBESS, Paulo. **Técnicas de Padaria Profissional** - 2ª Ed.SENAC, 2013.

GISSLEN, W. **Panificação e confeitaria profissionais**. 1 ed., Editora Manole, São Paulo, 2011.

SUAS, M. **Panificação e vienossere: abordagem profissional**. Cengage Learning, São Paulo, 2012.

Coordenador do Curso

Setor Pedagógico

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: GESTÃO AMBIENTAL		
Código: AGROI. 034		
Carga Horária Total: 40h	CH Teórica: 40h/a	CH Prática: 0h/a
Número de Créditos: 2		
Pré-requisitos: Sem pré-requisito		
Semestre: 6º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Noções de desenvolvimento econômico sustentável. Conceituação e ferramentas disponíveis para implementação da gestão ambiental na empresa. Normas ambientais da atualidade: Estudo e aplicação nas organizações. Tecnologias de matérias primas, ambientalmente corretas.		
OBJETIVOS		
- Analisar a situação da educação ambiental no mundo e no Brasil; - Caracterizar Ambiente rural e urbano; - Desenvolver conhecimentos da educação ambiental na empresa; - Desenvolver uma gestão ambiental promovendo a sustentabilidade; - Dominar as técnicas de previsão e avaliação dos impactos ambientais que possam advir de resíduos gerados; - Compreender os métodos de minimização de geração de resíduos no decorrer do processo produtivo; - Compreender processos de licenciamento ambiental, sua elaboração e avaliação.		
PROGRAMA		
UNIDADE I – Fundamentos e abrangência da ecologia		
<ul style="list-style-type: none">● Alfabetização ecológica● Produção, consumo e questões ambientais● Relações entre o homem e a natureza durante os anos		

UNIDADE II – Conceitos básicos em planejamento e gestão ambiental

- Legislação ambiental
- Gestão ambiental nas cadeias produtivas animais e vegetais
- Impactos ambientais causados pelas agroindústrias

Unidade III – Controle de poluição de agroindústrias

- Tecnologias limpas aplicadas à agroindústria
- Sistema de gestão ambiental (sga)
- Planejamento e gestão de recursos hídricos
- Tecnologia de aplicação de resíduos agroindustriais ao solo

Unidade IV– Licenciamento ambiental, auditoria e perícia ambiental

- Introdução
- Etapas de licenciamento ambiental
- Tipos de auditoria e perícias ambientais

METODOLOGIA DE ENSINO

Aulas teóricas por meio de exposição e discussão de textos relacionados a gestão ambiental; Aulas expositivas e participativas. Elaboração de projetos. Realização de seminários. Apresentação e discussão de filmes. Aulas expositivas com o uso de quadro branco e pincel, bem como projetor multimídia. Aula de campo em um ecossistema (serra úmida, praia ou caatinga).

AVALIAÇÃO

A avaliação será desenvolvida ao longo do semestre, de forma processual e contínua, valorizando os aspectos qualitativos em relação aos quantitativos.

Alguns critérios a serem avaliados:

- Conhecimento individual sobre temas relativos aos assuntos estudados em sala;
- Grau de participação do aluno em atividades que exijam produção individual e em equipe;
- Planejamento, organização, coerência de ideias e clareza na elaboração de trabalhos escritos ou destinados à demonstração do domínio dos conhecimentos adquiridos;
- Criatividade e o uso de recursos diversificados;

Os aspectos quantitativos da avaliação ocorrerão de acordo com o Regulamento da Organização Didática (ROD) do IFCE.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

DIAS, R. **Gestão Ambiental - Responsabilidade Social e Sustentabilidade** - 2ª Ed. Revista e Atualizada – 2011

ODUM, E. P.; BARRETT, G. W. **Fundamentos de Ecologia**. Tradução da 5ª ed. Norte americana. editora:Thomson Pioneira. 2011. 632 p.

PHILIPPI JR., A.; ROMÉRO, M. DE A.; BRUNA, G. C. **Curso de Gestão Ambiental**. 2º ed. Atualizada e Ampliada São Paulo: editora: Manole, 2014.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

COSTA, M. A.G.; COSTA, E.C. **Poluição Ambiental: Herança para Gerações Futuras**. Santa Maria: Orium, 2004. 256p.

CUNHA, S.B.; GUERRA, A. J. T. 2003. **A questão ambiental: diferentes abordagens**. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro.

GEBLER, L.; PALHARES, J. C. P. **Gestão Ambiental na Agropecuária**. Brasília: Embrapa, 2007.

SEIFFERT, M. E. B. **Iso 14001 - Sistemas de Gestão Ambiental - Implantação Objetiva e Econômica**. São Paulo: Atlas, 5ª ed. 2017.

SEIFFERT, M.E.B. **Gestão Ambiental - Instrumentos, Esferas de Ação e Educação Ambiental**. 3ª ed. Editora Atlas. 2014.

Coordenador do Curso

Setor Pedagógico

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: GESTÃO DE PESSOAS		
Código: AGROI. 035		
Carga Horária Total: 40h	CH Teórica: 40h/a	CH Prática: 0h/a
Número de Créditos: 2		
Pré-requisitos: Sem pré-requisito		
Semestre: 6º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
A integração da organização com o ambiente. O contexto cultural da gestão de pessoas. Políticas e estratégias de recursos humanos. Planejamento da gestão de recursos humano. A função procura. A função aplicação. A função treinamento e desenvolvimento.		
OBJETIVOS		
Entender o contexto cultural da gestão de pessoas em uma empresa; Apresentar as políticas e estratégias de recursos humanos em empresas agroindustriais; Entender o funcionamento do Planejamento de recursos humanos em empresas; Apresentar as funções procura, aplicação, treinamento e desenvolvimento; Entender a importância da gestão de pessoas dentro do contexto organizacional.		
PROGRAMA		
UNIDADE I – Aspectos Introdutórios		
<ul style="list-style-type: none">● Histórico● Conceitos● Objetivos e desafios da gestão de pessoas		
UNIDADE II – Planejamento estratégico de recursos humanos		
<ul style="list-style-type: none">● Missão		

- Visão e objetivos organizacionais
- Modelos de planejamento de RH
- Fatores que intervêm no planejamento de RH

UNIDADE III – Gestão de pessoas por competências

- Gestão de competências e estratégia organizacional
- Desdobrando o conceito de competências: conhecimento, habilidade e atitude

UNIDADE IV – Desenho, análise e descrição de cargos

- Conceito e desenho de cargos
- Modelos de desenho de cargos
- Descrição e análise de cargos

UNIDADE V – Recrutamento de pessoas

- Mercado de trabalho e de recursos humanos
- Conceitos e técnicas de recrutamento
- Avaliação dos resultados do recrutamento

UNIDADE VI – Seleção de pessoas

- Conceito e bases para a seleção de pessoas
- Técnicas de seleção
- O processo de seleção de pessoas
- Seleção de pessoas por competências

UNIDADE VII – Socialização organizacional

- Métodos de socialização do novo funcionário/colaborador
- Programa de orientação e integração

UNIDADE VIII – Avaliação do desempenho humano

- Conceitos
- Métodos tradicionais e modernos de avaliação do desempenho
- Aplicações da avaliação do desempenho

UNIDADE IX – Treinamento

- Conceito e processos de treinamento
- Diagnóstico das necessidades de treinamento
- Desenho, condução e avaliação do programa de treinamento

METODOLOGIA DE ENSINO

Aula expositiva dialogada, com utilização de quadro branco, pincel e projetor multimídia, discussão de artigos, “cases”, exercícios propostos.
AVALIAÇÃO
<p>A avaliação será desenvolvida ao longo do semestre, de forma processual e contínua, valorizando os aspectos qualitativos em relação aos quantitativos.</p> <p>Alguns critérios a serem avaliados:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhecimento individual sobre temas relativos aos assuntos estudados em sala; - Grau de participação do aluno em atividades que exijam produção individual e em equipe; - Planejamento, organização, coerência de ideias e clareza na elaboração de trabalhos escritos ou destinados à demonstração do domínio dos conhecimentos adquiridos; - Criatividade e o uso de recursos diversificados; <p>Os aspectos quantitativos da avaliação ocorrerão de acordo com o Regulamento da Organização Didática (ROD) do IFCE.</p>
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
<p>CHIAVENATO, I. Gestão de Pessoas – O novo papel dos recursos humanos nas organizações. 4 ed. Barueri: Manole, 2014.</p> <p>LEME, R. Aplicação prática de gestão de pessoas por competências: mapeamento, treinamento, seleção, avaliação e mensuração de resultados de treinamento. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2015.</p> <p>VERGARA, S. C. Gestão de Pessoas. 15 ed. São Paulo: Atlas, 2014.</p>
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
<p>BEHNKE, M.T. (org.). Gestão de Pessoas: artigos reunidos. Curitiba: InterSaberes, 2014.</p> <p>COSTA, E.S. Gestão de Pessoas. Curitiba: Livro Técnico, 2010.</p> <p>KNAPIK, J. Gestão de Pessoas e Talentos. Curitiba: InterSaberes, 2012.</p> <p>KOPS, L.; COSTA E SILVA, S.F.; ROMERO, S.M.T. Gestão de Pessoas: Conceitos e Estratégias. Curitiba: InterSaberes, 2013.</p>

STADLER, A; PAMPOLINI, C.P.G. **Gestão de Pessoas: ferramentas estratégicas de competitividade**. Curitiba: InterSaber, 2014.

Coordenador do Curso

Setor Pedagógico

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: BIOTECNOLOGIA AGROINDUSTRIAL		
Código: AGROI. 036		
Carga Horária Total: 80h	CH Teórica: 60h/a	CH Prática: 20h/a
Número de Créditos: 4		
Pré-requisitos: AGROI.008		
Semestre: 6º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Introdução à genética; Tecnologia do DNA recombinante. Organismos geneticamente modificados. Processos biotecnológicos. Tecnologia de alimentos e bebidas fermentados. Bioconversão. Bioética e Legislação.		
OBJETIVOS		
Verificar a natureza e a importância dos processos bioquímicos na obtenção de diferentes bioprodutos através de resíduos agroindustriais; Conhecer a aplicação da biologia molecular na biotecnologia; Compreender a estrutura e as especificações nas agroindústrias.		
PROGRAMA		
UNIDADE I – Introdução à biotecnologia <ul style="list-style-type: none">● Definições, aplicações e tecnologia● Bioética e legislação		
UNIDADE II – Introdução à genética <ul style="list-style-type: none">● Noções de genética molecular● Técnicas e análises de biologia molecular		
UNIDADE III – Processos biotecnológicos <ul style="list-style-type: none">● Uso e aplicações de microrganismos na obtenção de produtos biotecnológico seguros e na bioconversão● Obtenção de enzimas importantes para uso em Agroindústria		

- Processos fermentativos gerais usados na obtenção de produtos biotecnológicos

METODOLOGIA DE ENSINO

Aulas teóricas expositivas com a utilização de quadro branco, notas de aula e recursos audiovisuais como projetor multimídia;

Análise de textos e artigos científicos, trabalhos bibliográficos (pesquisas) em sala de aula.

AVALIAÇÃO

A avaliação será desenvolvida ao longo do semestre, de forma processual e contínua, valorizando os aspectos qualitativos em relação aos quantitativos.

Alguns critérios a serem avaliados:

- Conhecimento individual sobre temas relativos aos assuntos estudados em sala;

- Grau de participação do aluno em atividades que exijam produção individual e em equipe;

- Planejamento, organização, coerência de ideias e clareza na elaboração de trabalhos escritos ou destinados à demonstração do domínio dos conhecimentos adquiridos;

- Criatividade e o uso de recursos diversificados;

Os aspectos quantitativos da avaliação ocorrerão de acordo com o Regulamento da Organização Didática (ROD) do IFCE.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

PASTORE, GLAUCIA MARIA et al. **Biologia de Alimentos**. EDITORA ATHENEU RIO: 2013. Vol. 12. ISBN: 9788538803713.

BRUNO, A. N. (Org.). **Biologia II: aplicações e tecnologias**. Porto Alegre: Artmed, 2017.

BRESENDE, R. R. **Biologia Aplicada à Agro&Indústria**. São Paulo: Blucher, 2017.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BINSFIELD, P.C., **Fundamentos Técnicos e o Sistema Nacional de Biossegurança em Biotecnologia**. 1 ed., Rio de Janeiro, RJ., Editora Interciência, 2015.

BORZANI, Walter et al. **Biotecnologia industrial**. São Paulo, SP: E. Blücher, 2001. 4 v. ISBN 8521202784 (v. 1).

SCHMIDELL, Willibaldo et al. **Biotecnologia industrial**. São Paulo, SP: E. Blücher, 2001. 4 v. ISBN 9788521202790 (v. 2).

ALMEIDA LIMA, Urgel et al. **Biotecnologia industrial**. São Paulo, SP: E. Blücher, 2001. 4 v. ISBN 8521202806 (v. 3).

AQUARONE, Eugênio et al. **Biotecnologia industrial**. São Paulo, SP: E. Blücher, 2001. 4 v. ISBN 9788521202813 (v. 4).

Coordenador do Curso <hr/>	Setor Pedagógico <hr/>
--------------------------------------	----------------------------------

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: ADMINISTRAÇÃO DA PRODUÇÃO E LOGÍSTICA		
Código: AGROI. 037		
Carga Horária Total: 80h	CH Teórica: 80h/a	CH Prática: 0h/a
Número de Créditos: 4		
Pré-requisitos: Sem pré-requisito		
Semestre: 6º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
<p>Estudo do gerenciamento da administração da produção e de recursos materiais, como função básica de administração. Gestão da Qualidade na indústria. Estudos das técnicas de compras, armazenagem, distribuição e transporte nos setores público e privado, sob o enfoque da logística industrial, que se inicia no planejamento das necessidades de material até a colocação do produto acabado no cliente final.</p>		
OBJETIVOS		
<p>O oferecer aos profissionais que atuam ou pretendem atuar na indústria ou comércio; Coordenar a área administrativa e de logística integral (compras, logística comercial e logística industrial);</p> <p>Ter uma visão da importância e da operacionalização da atividade de logística como fator de diferenciação competitiva na gestão da empresa, seja em mercados nacionais ou internacionais;</p> <p>Fornecer uma visão integrada e estratégica da função produção, das responsabilidades que são atribuídas aos gerentes de produção e das diversas ferramentas disponíveis para o desempenho desta função.</p>		
PROGRAMA		
UNIDADE I – Administração da produção		
<ul style="list-style-type: none">● Papel estratégico e objetivos da produção● Projeto do processo e do produto		

- Arranjo físico e do fluxo
- Planejamento da capacidade
- Planejamento e controle da produção
- Planejamento e controle de qualidade
- Melhoramento da produção
- Administração da qualidade

-Ferramentas da qualidade

- Fluxograma
- Diagrama de Ishikawa
- Folhas de verificação
- Diagrama de Pareto
- Histograma e Diagrama de dispersão
- Cartas de controle e Brainstorming
- Ciclo PDCA
- Plano de ação 5W2H

UNIDADE II – Introdução à logística

- Conceito e Aplicação
- Armazenagem e Movimentação Interna
- Os princípios da armazenagem
- Formas e aplicações das estruturas de armazenagem
- Sistemas de gerenciamento de depósitos
- Equipamentos de movimentação
- Custos de Armazenagem e Movimentação Interna

UNIDADE III – Logística de suprimentos

- A importância da área de suprimentos no sistema logístico
- Gestão de fornecedores
- Make or buy, Comakership e terceirização
- Gestão de estoques (previsão de demanda, métodos de ressuprimento, indicadores e lote econômico de compras)
- Comparação de propostas de fornecimento
- Novos arranjos de fornecimento

UNIDADE IV– Logística de transporte

- O transporte no sistema logístico
- O transporte no sistema logístico
- O conceito de custos totais
- A embalagem no sistema de transporte
- Unitização de cargas (paletização e conteneurização)
- Dimensionamento de frotas
- Desenho da rede de distribuição
- Distribuição de cargas em bolsões
- A elaboração e otimização de rotas

UNIDADE V – Logística empresarial

- Conceito de logística empresarial
- Sistemas Logísticos
- Custos logísticos
- Logística de suprimentos
- Logística de distribuição
- Ciclo de pedido
- Avaliação de desempenho logístico
- Estratégias logísticas
- Operadores logísticos

UNIDADE VI – Logística industrial

- Sistemas Produtivos (conceito, tipologia, objetivo e evolução)
- Orientações produtivas (produção empurrada e produção puxada)
- Planejamento e controle da produção (PCP)
- O modelo de estoques de reserva
- O modelo MRP/MRP II
- Sistema Kanban

UNIDADE VII – Projetos de sistema logística

- Diagnóstico e determinação do nível de serviço do sistema logístico
- Dimensionamento do sistema de transporte e movimentação
- Dimensionamento e posicionamento dos estoques
- Dimensionamento do armazém
- Determinação dos custos
- Escolha do sistema logístico

UNIDADE VIII – Supplychain management

- Conceito de Supply Chain. Tipologia, escopo e alinhamento estratégico
- Fatores-chave de desempenho. Efeito chicote (o jogo da cerveja)
- Gestão de demanda
- Gerenciamento coordenado dos estoques
- Nível de serviço e disponibilidade de produtos

METODOLOGIA DE ENSINO

Aulas teóricas expositivas com a utilização de quadro branco, notas de aula e recursos audiovisuais como projetor multimídia;

Visitas técnicas a indústrias com sistema logístico;

Acompanhamento de sistema de abastecimento do Campus como aprendizado prático.

AVALIAÇÃO

A avaliação será desenvolvida ao longo do semestre, de forma processual e contínua, valorizando os aspectos qualitativos em relação aos quantitativos.

Alguns critérios a serem avaliados:

- Conhecimento individual sobre temas relativos aos assuntos estudados em sala;
- Grau de participação do aluno em atividades que exijam produção individual e em equipe;
- Planejamento, organização, coerência de ideias e clareza na elaboração de trabalhos escritos ou destinados à demonstração do domínio dos conhecimentos adquiridos;
- Criatividade e o uso de recursos diversificados;

Os aspectos quantitativos da avaliação ocorrerão de acordo com o Regulamento da Organização Didática (ROD) do IFCE.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BALLOU, R.H. **Gerenciamento da cadeia de suprimentos** / Logística empresarial. A ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

CHOPRA, S.; MEINDL, P. **Gestão da Cadeia de Suprimentos – estratégia, planejamento e operações** São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2016.

JACOBS, R.F.; CHASE, R.B.N. **Administração da produção e de**

operações: O essencial. Porto Alegre: Bookman, 2009.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

KRAJEWSKI, L. J.; RITZMAN, L. P.; MALHOTRA, M. K. **Administração de Produção e Operações.** 8 ed. São Paulo: Pearson, 2014.

MORAIS, R. R. **Logística empresarial.** Curitiba: InterSaberes, 2015.

RAZZOLINI FILHO, E. **Transporte e Modais: com suporte de TI e SI.** Curitiba: InterSaberes, 2012.

BEZERRA, C. A. **Técnicas de planejamento, programação e controle da produção e introdução à programação linear.** Curitiba: InterSaberes, 2014.

REIS, J. G. M. **Gestão Estratégica do Armazenamento.** Curitiba: InterSaberes, 2015.

Coordenador do Curso

Setor Pedagógico

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: SOCIOLOGIA E EXTENSÃO RURAL		
Código: AGROI. 038		
Carga Horária Total: 40h	CH Teórica: 40h/a	CH Prática: 0h/a
Número de Créditos: 2		
Pré-requisitos: Sem pré-requisito		
Semestre: 6º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
<p>A ciência e a sociologia rural. Objeto da sociologia rural, contexto histórico e principais abordagens. Histórico da questão agrária, agrícola e social no Brasil. O estado e as políticas para a agricultura. Movimentos, organizações sociais e perspectivas para o campo. Agricultura familiar. Novas ruralidades e a reconstrução dos espaços rurais. Estudos de situações da realidade local e regional. Trajetória histórica da Extensão Rural e suas bases teóricas. Situação atual da extensão rural no Brasil. Perfil e prática extensionistas. As perspectivas da Extensão Rural frente às mudanças ocorridas no rural brasileiro, na perspectiva do desenvolvimento sustentável.</p>		
OBJETIVOS		
<p>Possibilitar o acesso ao conhecimento das principais abordagens técnico/científicas sobre o rural, e analisar criticamente a realidade brasileira, mais especificamente a da agricultura familiar, na perspectiva do desenvolvimento sustentável;</p> <p>Propiciar aos alunos conhecimentos básicos sobre a origem, evolução, pressupostos, desafios e tendências da Extensão Rural no Brasil, tendo em vista nossa história e estrutura agrícola e agrária, dando condições para que possam atuar de forma consciente, crítica e criativa no desenvolvimento do meio rural e da sociedade como um todo.</p>		
PROGRAMA		

UNIDADE I – A ciência e a contribuição da sociologia

- Definição de Sociologia Geral.
- Aspectos constitutivos da sociologia
- Abordagens da sociologia no meio rural: marxismo, culturalismo e funcionalismo
- A sociologia no âmbito das ciências sociais

UNIDADE II – Sociologia rural

- Introdução à Sociologia rural
- Objeto da sociologia rural
- Contexto histórico e principais abordagens

UNIDADE III – Histórico da questão agrária, agrícola e social no Brasil

- O processo de ocupação e de colonização
- Evolução histórica da estrutura fundiária brasileira
- Relações sociais de trabalho e produção decorrentes da estrutura fundiária
- Expansão da fronteira agropecuária

UNIDADE IV – Movimentos e organizações sociais e perspectivas para o campo

- Novas ruralidades e a reconstrução dos espaços rurais
- Tipologia das classes sociais básicas na agricultura brasileira
- Agricultura familiar

UNIDADE V – Fundamentos da extensão rural

- Históricos da Extensão Rural no Brasil
- Do modelo difusionista à ação construtivista da Extensão rural
- Métodos e técnicas de extensão rural

UNIDADE VI – Política nacional de assistência técnica e extensão rural

- O estado e as políticas para a agricultura
- O Plano Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural
- As políticas de infra-estrutura
- As políticas de produção
- As políticas de regulação fundiária
- As políticas sociais na agricultura

UNIDADE VII – Processos de comunicação e difusão de inovações

- Introdução
- O processo de comunicação e seus elementos
- O papel da comunicação no desenvolvimento rural
- Métodos de aprendizagem e treinamento
- Tecnologia da sociedade rural
- A aceitação da tecnologia como processo
- Processo geral de difusão de tecnologia
- Auxílios audiovisuais

UNIDADE VIII – Planejamento e avaliação de programas de extensão

- Planejamento, preparação e execução de atividades extensionistas

METODOLOGIA DE ENSINO

Aulas teóricas expositivas com a utilização de quadro branco, notas de aula e recursos audiovisuais como projetor multimídia;

Trabalhos individuais como: sondagem dos conhecimentos dos alunos e estudo dirigido, entre outros;

Trabalhos coletivos como: atividades e discussão em pequenos grupos, painéis integrados, seminários, estudo de caso, debates, entre outros.

AVALIAÇÃO

A avaliação será desenvolvida ao longo do semestre, de forma processual e contínua, valorizando os aspectos qualitativos em relação aos quantitativos.

Alguns critérios a serem avaliados:

- Conhecimento individual sobre temas relativos aos assuntos estudados em sala;
- Grau de participação do aluno em atividades que exijam produção individual e em equipe;
- Planejamento, organização, coerência de ideias e clareza na elaboração de trabalhos escritos ou destinados à demonstração do domínio dos conhecimentos adquiridos;
- Criatividade e o uso de recursos diversificados;

Os aspectos quantitativos da avaliação ocorrerão de acordo com o Regulamento da Organização Didática (ROD) do IFCE.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALMEIDA FILHO, N.; ORTEGA, A.C. (Orgs). **Desenvolvimento territorial, segurança alimentar e economia solidária**. São Paulo, Alínea, 2007.

DIAS, R. **Política Social**. São Paulo: Pearson Education Brasil, 2014. 162p.

FELICIANO, C.A. **Movimento Camponês rebelde: a reforma agrária no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. 212p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MARTINS, J.R. **Introdução à sociologia do trabalho**. Curitiba: InterSaberes, 2017. 302p.

PERSEGUINI, A.S. (ORG.). **Responsabilidade social**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2015. 172p.

PHILIPPI JR, A. PELICIONI, C F (orgs). **Educação ambiental e sustentabilidade**. Barueri, SP: Manole, 2005.

SABOURIN Eric. **Camponeses do Brasil - Entre a Troca Mercantil e a Reciprocidade** - Col. Terra Mater, 2009, 328 p.

VIANA, N. **Introdução à Sociologia**. 2 Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. 146p.

Coordenador do Curso _____	Setor Pedagógico _____
--	--------------------------------------

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: TRATAMENTO DE ÁGUA E RESÍDUOS AGROINDUSTRIAIS		
Código: AGROI. 039		
Carga Horária Total: 80h	CH Teórica: 60h/a	CH Prática: 20h/a
Número de Créditos: 4		
Pré-requisitos: Sem pré-requisito		
Semestre: 6º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Distribuição das águas no planeta terra, a importância da água para a humanidade. Fatores que determinam a qualidade das águas. Estudo dos aspectos físicos, químicos e biológicos das águas. Tratamento de águas residuais agroindustriais.		
OBJETIVOS		
Conhecer e avaliar a qualidade de águas usadas para o consumo humano e nos processamentos agroindustriais; Analisar a eficácia dos processos de tratamento de resíduos oriundos da agroindústria.		
PROGRAMA		
UNIDADE I – Tratamento de água		
<ul style="list-style-type: none">● Noções de qualidade das águas● A água na natureza● A água e o homem● Impurezas encontradas na água● Características da água-Características físicas e organolépticas-Características químicas-Características biológicas (algas e microrganismos patogênicos)● Água e doenças		

- Padrões de qualidade
 - Classificação das águas
 - Água para uso Industrial
 - Tecnologias de Tratamento
 - Tratamento em ciclo completo
 - Filtração direta descendente
 - Dupla Filtração
 - Floto-Filtração
 - Filtração em Múltiplas Etapas
 - Técnicas de Pré-Tratamento
 - Pré-Tratamento com Decantação
 - Pré-Tratamento com Filtração Dinâmica
 - Pré-Tratamento com Filtração Dinâmica em Série com a Filtração com Escoamento Vertical ou Horizontal
 - Pré-Tratamento com Filtração Dinâmica, Coagulação e Filtração e Filtração com Escoamento Vertical ou Horizontal
 - Pré-Tratamento com Filtração com Escoamento Vertical ou Horizontal
 - Sustentabilidade, Meio Ambiente e Tecnologias de Tratamento
- UNIDADE II – Tratamento de resíduos agroindustriais**
- Conceitos iniciais (resíduo, poluição, contaminação, parâmetros e padrões de lançamento, concentração e carga poluente)
 - Classificação de resíduos segundo a ABNT (perigosos, não inertes, inertes)
 - Definição e classificação de resíduos agroindustriais
 - Resíduos urbanos (lixo e esgoto)
 - Parâmetros de caracterização de resíduos
 - Tratamento de águas residuárias (aspectos quantitativos e qualitativos)
 - Níveis de tratamento
 - Pré-tratamento
 - Tratamento primário
 - Tratamento secundário
 - Tratamento terciário

<ul style="list-style-type: none"> ● Operações, Processos e Sistemas de Tratamento - Sistemas Anaeróbios (reatores e filtros) - Sistema de Lagoas de Estabilização (facultativa, aeradas e anaeróbias) - Sistema de Lodo Ativado - Sistema de Tratamento por Disposição do solo - Sistema de Infiltração- Percolação (superficial, fertirrigação) - Tratamento de poluentes atmosféricos (gasosos – controles de odores); - Tratamento de resíduos sólidos (compostagem);
METODOLOGIA DE ENSINO
<p>Aulas teóricas expositivas com a utilização de quadro branco, notas de aula e recursos audiovisuais como projetor multimídia.</p> <p>Realização de visitas técnicas;</p> <p>Realização de aulas práticas.</p>
AVALIAÇÃO
<p>A avaliação será desenvolvida ao longo do semestre, de forma processual e contínua, valorizando os aspectos qualitativos em relação aos quantitativos.</p> <p>Alguns critérios a serem avaliados:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhecimento individual sobre temas relativos aos assuntos estudados em sala; - Grau de participação do aluno em atividades que exijam produção individual e em equipe; - Planejamento, organização, coerência de ideias e clareza na elaboração de trabalhos escritos ou destinados à demonstração do domínio dos conhecimentos adquiridos; - Criatividade e o uso de recursos diversificados; <p>Os aspectos quantitativos da avaliação ocorrerão de acordo com o Regulamento da Organização Didática (ROD) do IFCE.</p>
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
<p>SEIFFERT, M. E. B. Gestão ambiental: instrumentos, esferas de ação e educação ambiental. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2018.</p> <p>PHILIPPI JR, A.; ROMERO, M. A.; BRUNA, G. C. Curso de Gestão Ambiental. 2 ed. Barueri, São Paulo: Manole, 2014.</p>

ANDREOLI, C. V. (Ed.); VON SPERLING, M. (Ed.); FERNANDES, F. (Ed.). **Lodo de esgotos: tratamento e disposição final**. Belo Horizonte: UFMG, 2001. (Princípios de tratamento biológico de águas residuárias v.6).

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

SANCHÉZ, L. E. **Avaliação do Impacto Ambiental**: conceitos e métodos. 2 ed., São Paulo: Oficina de Textos, 2013.

JORDÃO, E. P.; PESSÔA, C. A. **Tratamento de esgotos domésticos**. 4. ed. Brasil: SEGRAC, 2005. 996. 211p.

COHN, P. E. **Analisadores industriais: no processo, na área de utilidade, na supervisão da emissão de poluentes e na segurança**. Rio de Janeiro: Interciência: IBPG, 2006.

VON SPERLING, M. **Lagoas de estabilização**. 2. ed. ampl. e atual. Belo Horizonte: UFMG, 2006. (Princípios do tratamento biológico de águas, v.3).

Coordenador do Curso

Setor Pedagógico

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: PROJETOS SOCIAIS		
Código: AGROI. 040		
Carga Horária Total: 40h	CH Teórica: 30h/a	CH Prática: 10h/a
Número de Créditos: 2		
Pré-requisitos: Sem pré-requisito		
Semestre: 7º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
A compreensão da responsabilidade social de cada indivíduo como integrante do contexto social no qual está inserido. O acadêmico como agente de transformação social. A vivência comunitária como fator de aprendizagem para a formação integral. Participação em projetos sociais por meio de atividades com público em situação de vulnerabilidade.		
OBJETIVOS		
Reconhecer a importância do seu papel na sociedade que o cerca; Inferir sobre o contexto social e cultural de diversos públicos em diferentes contextos a partir da convivência social; Desenvolver sensibilidade solidária por meio da vivência com realidades sociais diversas; Correlacionar as realidades sociais com seu contexto de vida; Correlacionar as vivências com seu contexto de vida pessoal e profissional.		
PROGRAMA		
UNIDADE I – Dimensão social do exercício profissional do Tecnólogo em Agroindústria.		
<ul style="list-style-type: none">● Introdução e conceituação● Aspectos sociais na atividade agroindustrial● O papel do tecnólogo em agroindústria no desenvolvimento social		
UNIDADE II - Projeto Comunitário		

- Conceituação, história e dados estatísticos
- Cidadania e valores humanos: a questão social, responsabilidade social e contexto contemporâneo da sociedade
- Vantagens e desafios da atuação em ações sociais

UNIDADE III - Como desenvolver o Projeto Comunitário em termos operacionais

- Bases conceituais
- Os métodos de planejar (tentativa, imitar e científico)
- Bases e critérios para elaboração de um projeto
- Passos que antecedem a elaboração de um projeto
- Elementos de medição, verificação e controle
- Avaliação do projeto

METODOLOGIA DE ENSINO

Encontro presencial de apresentação da disciplina, sensibilização por meio de conteúdos temáticos para estudo.

Estratégias de aprendizagem: atividades em grupo, exposições dialogadas e recursos multimídia.

Para o desenvolvimento das ações sociais nas instituições, os responsáveis por orientar os acadêmicos realizam uma reunião para planejar as atividades que serão

aplicadas junto ao público beneficiado.

A elaboração do planejamento acontece a partir da demanda da parceira e as sugestões dos acadêmicos, podendo esses contribuir com suas habilidades pessoais e/ou conhecimentos acadêmicos, desde que as propostas não se caracterizem como atividade profissional ou estágio.

Desenvolvimento de ações sociais pelos acadêmicos, a partir de parcerias com instituições sociais e ambientais e/ou elaboradas pelo próprio acadêmico, mediante propostas alternativas de práticas de intervenção na realidade social, as quais são acompanhadas por responsável institucional.

AVALIAÇÃO

Pela natureza do Projeto Comunitário, os acadêmicos serão avaliados pela ação executada, considerando:

O projeto Comunitário enquanto disciplina – no que se refere aos objetivos da disciplina;

Aspectos relacionados ao local onde realizou a ação social;

Indicação dos aprendizados proporcionados pela realização da disciplina.

Os aspectos quantitativos da avaliação ocorrerão de acordo com o Regulamento da Organização Didática (ROD) do IFCE.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARANTES, E.C. **Empreendedorismo e responsabilidade social**. 2 ed. Rev. Curitiba: InterSaberes, 2014. 174p.

ALMEIDA FILHO, N.; ORTEGA, A.C. (Orgs). **Desenvolvimento territorial, segurança alimentar e economia solidária**. São Paulo, Alínea, 2007.

FELICIANO, C.A. **Movimento Camponês rebelde: a reforma agrária no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. 212p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BAXTER, Mike. **Projeto de produto: guia prático para o design de novos produtos**. São Paulo: Edgard Blucher, 2000.

DIAS, R. **Política Social**. São Paulo: Pearson Education Brasil, 2014. 162p.

JURAN, J. M. **A qualidade desde o projeto: novos passos para o planejamento da qualidade em produtos e serviços**. São Paulo: Cengage Learning, 1997.

PERSEGUINI, A.S. (ORG.). **Responsabilidade social**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2015. 172p.

WEIL, PIERRE. **Relações Humanas na Família e no Trabalho**. Petropolis: Vozes, 2002.

Coordenador do Curso

Setor Pedagógico

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: LIBRAS		
Código: AGROI. 041		
Carga Horária Total: 40h	CH Teórica: 40h/a	CH Prática: 0h/a
Número de Créditos: 2		
Pré-requisitos: Sem pré-requisito		
Semestre: 3º, 4º, 5º, 6º ou 7º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Introdução: aspectos clínicos, educacionais e sócio antropológicos da surdez. A Língua de Sinais Brasileira - Libras: características básicas da fonologia. Noções básicas de léxico, de morfologia e de sintaxe com apoio de recursos audiovisuais; Noções de variação.		
OBJETIVOS		
Interagir com indivíduos deficientes auditivos; Desenvolver a expressão visual-espacial em Libras.		
PROGRAMA		
UNIDADE I –A Língua de Sinais Brasileira e a constituição linguística do sujeito surdo		
<ul style="list-style-type: none">● Breve introdução aos aspectos clínicos, educacionais e sócio antropológicos da surdez● Introdução a Libras: alfabeto manual ou datilológico● Nomeação de pessoas e de lugares em Libras● Noções gerais da gramática de Libras● Prática introdutória de Libras: alfabeto manual ou datilológico		
UNIDADE II –Noções básicas de fonologia e morfologia da Libras		
<ul style="list-style-type: none">● Parâmetros primários da Libras● Parâmetros secundários da Libras		

- Componentes não-manuais
- Aspectos morfológicos da Libras: gênero, número e quantificação, grau, pessoa, tempo e aspecto
- Prática introdutória de Libras: diálogo e conversação com frases simples

UNIDADE III –Noções básicas de morfossintaxe

- A sintaxe e incorporação de funções gramaticais
- O aspecto sintático: a estrutura gramatical do léxico em Libras
- Verbos direcionais ou flexionados
- A negação em Libras
- Prática introdutória de Libras: diálogo e conversação com frases simples

UNIDADE IV –Noções básicas de variação

- Características da língua, seu uso e variações regionais
- A norma, o erro e o conceito de variação
- Tipos de variação linguística em Libras
- Prática introdutória de Libras: registro videográfico de sinais

METODOLOGIA DE ENSINO

Aulas teóricas; exibição de vídeos; expressão gestual e corporal.

Os seguintes recursos poderão ser utilizados: Quadro e pinceis; Projetor de Multimídia e material impresso.

AVALIAÇÃO

A avaliação será desenvolvida ao longo do semestre, de forma processual e contínua, a partir da produção de diálogos em Libras, contação de histórias em Libras, produção de relatos em Libras e participação nas atividades propostas.

A avaliação será desenvolvida ao longo do semestre, de forma processual e contínua, valorizando os aspectos qualitativos em relação aos quantitativos.

Alguns critérios a serem avaliados:

- Conhecimento individual sobre temas relativos aos assuntos estudados em sala;
- Grau de participação do aluno em atividades que exijam produção individual e em equipe;

- Planejamento, organização, coerência de ideias e clareza na elaboração de trabalhos escritos ou destinados à demonstração do domínio dos conhecimentos técnico-pedagógicos e científicos adquiridos;
- Criatividade e o uso de recursos diversificados;
- Domínio de atuação discente (postura e desempenho).

Os aspectos quantitativos da avaliação ocorrerão de acordo com o Regulamento da Organização Didática (ROD) do IFCE.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CAPOVILLA, Fernando César. et al. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos**. 1 Ed. São Paulo: Edusp, 2017. Vol. 1

CAPOVILLA, Fernando César. et al. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos**. 1 Ed. São Paulo: Edusp, 2017. Vol. 2

CAPOVILLA, Fernando César. et al. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos**. 1 Ed. São Paulo: Edusp, 2017. Vol. 3

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

QUADROS, Ronice Muller de. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CAPOVILLA, Fernando C.;RAPHAEL, Walquiria D.(Ed.). **Enciclopédia da língua de sinais brasileira: o mundo do surdo em libras**. São Paulo: Edusp, 2016. v. 1.

CAPOVILLA, Fernando C.;RAPHAEL, Walquiria D.(Ed.). **Enciclopédia da língua de sinais brasileira: o mundo do surdo em libras**. São Paulo: Edusp, 2009. v.3 .

CAPOVILLA, Fernando C.;RAPHAEL, Walquiria D.(Ed.). **Enciclopédia da língua de sinais brasileira: o mundo do surdo em libras**. São Paulo: Edusp, 2009. v. 4.

CAPOVILLA, Fernando C.;RAPHAEL, Walquiria D.(Ed.). **Enciclopédia da língua de sinais brasileira: o mundo do surdo em libras**. São Paulo: Edusp, 2012. v. 8.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1997.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Especial. **Língua Brasileira de Sinais**. Brasília: MEC/SEESP, 1998.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Brasília: MEC, 2005.

Coordenador do Curso _____	Setor Pedagógico _____
--	--------------------------------------

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: TÓPICOS ESPECIAIS EM ALIMENTOS		
Código: AGROI. 042		
Carga Horária Total: 40h	CH Teórica: 40h/a	CH Prática: 0h/a
Número de Créditos: 2		
Pré-requisitos: Sem pré-requisito		
Semestre: 3º, 4º, 5º, 6º ou 7º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Introdução: alimentos para fins especiais. Alimentos para dietas com restrição de nutriente. Alimentos para ingestão controlada de nutrientes. Alimentos para grupos populacionais específicos. Desenvolvimento de produtos para fins especiais.		
OBJETIVOS		
Compreender a necessidade de alimentos especiais para um grupo populacional específico; Incentivar o desenvolvimento de produtos alimentícios voltados para grupos populacionais com algum tipo de restrição alimentar.		
PROGRAMA		
UNIDADE I – Alimentos para dietas com restrição de nutrientes <ul style="list-style-type: none">● Dietas com restrição de carboidratos● Dietas com restrição de gorduras● Dietas com restrição de proteínas● Dietas com restrição de sódio		
UNIDADE II – Alimentos para ingestão controlada de nutrientes <ul style="list-style-type: none">● Alimentos para controle de peso● Alimentos para praticantes de atividades físicas● Alimentos para dietas de ingestão controlada de açúcar		

UNIDADE III – Alimentos para grupos populacionais específicos
UNIDADE IV – Desenvolvimento de novos produtos
METODOLOGIA DE ENSINO
Aulas teóricas; exibição de vídeos; atividade prática de desenvolvimento de novos produtos. Os seguintes recursos poderão ser utilizados: Quadro e pincéis; Projetor de Multimídia e material impresso.
AVALIAÇÃO
A avaliação será desenvolvida ao longo do semestre, de forma processual e contínua, valorizando os aspectos qualitativos em relação aos quantitativos. Alguns critérios a serem avaliados: - Conhecimento individual sobre temas relativos aos assuntos estudados em sala; - Grau de participação do aluno em atividades que exijam produção individual e em equipe; - Planejamento, organização, coerência de ideias e clareza na elaboração de trabalhos escritos ou destinados à demonstração do domínio dos conhecimentos técnico-pedagógicos e científicos adquiridos; - Criatividade e o uso de recursos diversificados; Os aspectos quantitativos da avaliação ocorrerão de acordo com o Regulamento da Organização Didática (ROD) do IFCE.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
DOLISNKY, M. Nutrição funcional . São Paulo: Rocca, 2009. COSTA, N. M. B.; ROSA, C. O. B. Alimentos funcionais - Componentes bioativos e efeitos fisiológicos. Rio de Janeiro: Editora Rubio, 2010. MAHAN, L. K.; ESCOTT-STUMP, S.; RAYMOND, J. L. KRAUSE - Alimentos, Nutrição e Dietoterapia. 12ª Edição. São Paulo: Editora Elsevier, 2010.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
PASTORE, G. M. et al. Biotecnologia de Alimentos . Editora Atheneu, v. 12, 2013. GEOFFREY, C. Ciência e Tecnologia de Alimentos . Barueri, São Paulo: Manole, 2015. SALGADO, J. Alimentos funcionais . 1 ed. São Paulo: Oficina de textos, 2017.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Guia alimentar da população brasileira.** Brasília-DF, 2006.

GAVA A. J; SILVA C. A. B.; FRIAS, J. R. V. **Tecnologia de alimentos: princípios e aplicações.** São Paulo: Ed. Nobel, 2008.

Coordenador do Curso

Setor Pedagógico

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: PRODUÇÃO ORGÂNICA		
Código: AGROI. 043		
Carga Horária Total: 40h	CH Teórica: 40h/a	CH Prática: 0h/a
Número de Créditos: 2		
Pré-requisitos: Sem pré-requisito		
Semestre: 3º, 4º, 5º, 6º ou 7º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Introdução. Bases científicas e aplicações práticas da agroecologia. Bases da agricultura orgânica.		
OBJETIVOS		
Entender os conceitos e objetivos da agroecologia; Compreender a evolução dos sistemas agrícolas; Compreender a importância da agricultura orgânica no contexto ecológico, social e econômico.		
PROGRAMA		
UNIDADE I – A agricultura orgânica		
<ul style="list-style-type: none">● A origem; sustentabilidade da agricultura orgânica● Produção de alimentos orgânicos pelo mundo● Mercado e legislação para produtos orgânicos● Aspectos gerais sobre os procedimentos de certificação de produtos orgânicos		
UNIDADE II – A produção orgânica		
<ul style="list-style-type: none">● Principais aspectos dos sistemas orgânicos de produção de frutas e hortaliças● Principais aspectos dos sistemas orgânicos de produção de aves e ovos; leite e carne		

<p>UNIDADE III – Qualidade da produção orgânica</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aspectos da qualidade sanitária e ambiental dos produtos orgânicos <p>Unidade IV – Processamento de produtos orgânicos</p> <ul style="list-style-type: none"> • aditivos permitidos em alimentos orgânicos • requisitos para inspeção em uma unidade de processamento.
<p>METODOLOGIA DE ENSINO</p>
<p>Aulas teóricas; exibição de vídeos; atividade prática de desenvolvimento de novos produtos.</p> <p>Os seguintes recursos poderão ser utilizados: Quadro e pinceis; Projetor de Multimídia e material impresso.</p>
<p>AVALIAÇÃO</p>
<p>A avaliação será desenvolvida ao longo do semestre, de forma processual e contínua, valorizando os aspectos qualitativos em relação aos quantitativos.</p> <p>Alguns critérios a serem avaliados:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhecimento individual sobre temas relativos aos assuntos estudados em sala; - Grau de participação do aluno em atividades que exijam produção individual e em equipe; - Planejamento, organização, coerência de ideias e clareza na elaboração de trabalhos escritos ou destinados à demonstração do domínio dos conhecimentos técnico-pedagógicos e científicos adquiridos; - Criatividade e o uso de recursos diversificados; <p>Os aspectos quantitativos da avaliação ocorrerão de acordo com o Regulamento da Organização Didática (ROD) do IFCE.</p>
<p>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</p>
<p>PENTEADO, S. R. Criação animal orgânica - regulamentos e normas para uma produção ecológica. Campinas, SP: Edição do autor, 2017</p> <p>PENTEADO, S. R. Manual Prático de Agricultura Orgânica. 3 ed. Local: Editora Via Orgânica, 2010.</p> <p>PENTEADO, S. R. Cultivo ecológico de hortaliças - como produzir hortaliças sem veneno. Campinas, SP: Edição do autor, 2010.</p>
<p>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</p>

PENTEADO, S. R. **Certificação Agrícola** - selo ambiental e orgânico. 2 ed. Viçosa: Editora Via Orgânica, 2010.

PENTEADO, S. R. **Criação animal orgânica** - regulamentos e normas para uma produção ecológica. Campinas, SP: Edição do autor, 2017

KOBLITZ, M. G. B. **Matérias-Primas Alimentícias** - composição e controle de qualidade. São Paulo: Guanabara Kooga, 2011.

PENTEADO, S. R. **Manual de fruticultura ecológica: técnicas e práticas de cultivo. 2 ed. Campinas, SP:** Edição do Autor, 2010.

AMORIM, L.; REZENDE, J. A. M.; BERGAMIN FILHO, A. Manual da Fitopatologia: princípios e conceitos. v. 1. 5 ed. Ouro Fino, MG. :Agronômica Ceres, 2018.

Coordenador do Curso _____	Setor Pedagógico _____
--	--------------------------------------

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: TOXICOLOGIA APLICADA AOS ALIMENTOS		
Código: AGROI. 044		
Carga Horária Total: 40h	CH Teórica: 40h/a	CH Prática: 0h/a
Número de Créditos: 2		
Pré-requisitos: Sem pré-requisito		
Semestre: 3º, 4º, 5º, 6º ou 7º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Princípios gerais da toxicologia. Toxicologia de alimentos. Agentes tóxicos naturalmente presentes em alimentos. Agentes tóxicos contaminantes diretos em alimentos. Agentes tóxicos contaminantes indiretos em alimentos.		
OBJETIVOS		
Conhecer os fundamentos da toxicologia; Compreender os tipos de exposição humana à agentes tóxicos em alimentos; Identificar e caracterizar os agentes tóxicos contaminantes diretos e indiretos nos alimentos.		
PROGRAMA		
UNIDADE I –Princípios gerais da toxicologia		
<ul style="list-style-type: none">● Conceitos básicos● Classificação e áreas de atuação● Toxicidade em alimentos (classificação; legislação; risco; perigo; segurança)		
UNIDADE II –Agentes tóxicos naturalmente presentes em alimentos		
<ul style="list-style-type: none">● Glicosídeos cianogênicos, glicosinolatos, glicoalcalóides, oxalatos, nitratos		
UNIDADE III –Agentes tóxicos contaminantes diretos em alimentos		
<ul style="list-style-type: none">● Micotoxinas		

- Metais
- Aditivos intencionais – corantes, conservantes, antioxidantes, acidulantes, edulcorantes, aromatizantes, estabilizantes, espessantes, umectantes, anti-umectantes

UNIDADE IV – Agentes tóxicos contaminantes indiretos em alimentos

- Praguicidas
- Contaminantes oriundos de embalagens metálicas, de papel e embalagens plásticas

METODOLOGIA DE ENSINO

Aulas teóricas; exibição de vídeos; atividade prática de desenvolvimento de novos produtos.

Os seguintes recursos poderão ser utilizados: Quadro e pinceis; Projetor de Multimídia e material impresso.

AVALIAÇÃO

A avaliação será desenvolvida ao longo do semestre, de forma processual e contínua, valorizando os aspectos qualitativos em relação aos quantitativos.

Alguns critérios a serem avaliados:

- Conhecimento individual sobre temas relativos aos assuntos estudados em sala;
- Grau de participação do aluno em atividades que exijam produção individual e em equipe;
- Planejamento, organização, coerência de ideias e clareza na elaboração de trabalhos escritos ou destinados à demonstração do domínio dos conhecimentos técnico-pedagógicos e científicos adquiridos;
- Criatividade e o uso de recursos diversificados;

Os aspectos quantitativos da avaliação ocorrerão de acordo com o Regulamento da Organização Didática (ROD) do IFCE.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

SHIBAMOTO, T.; BJELDANES, L. F. **Introdução à toxicologia de alimentos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2ª Ed. 2014.

KLAASSEN, C. D.; WALKINS III, J. B. **Fundamentos em toxicologia de Casarett e Doull**. 2º Ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

OGA, S.; CAMARGO, M. M.; BATISTUZZO, J. A. O. **Fundamentos de toxicologia**. 4º Ed. São Paulo: Atheneu, 2014.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARAÚJO, J. M. A. **Química de alimentos**: Teoria e Prática. 5 ed. Viçosa: UFV, 2011.

CAMPBELL-PLATT, G. **Ciência e Tecnologia de alimentos**. São Paulo: Manole, 2015.

SHIBAO, J.; SANTOS, G. F. A.; GONÇALVES, N. F.; GOLLUCKE, A. P. B. **Edulcorantes em alimentos**: aspectos químicos, tecnológicos e toxicológicos. São Paulo: Phorte, 2010.

EVANGELISTA, J. **Alimentos – um estudo abrangente**. Atheneu, 2001.

Coordenador do Curso

Setor Pedagógico

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: QUÍMICA AMBIENTAL		
Código:		
Carga Horária Total: 40h/a	CH Teórica: 40h/a	CH Prática: 0h/a
Número de Créditos: 4		
Pré-requisitos: Sem pré-requisito		
Semestre: 3º, 4º, 5º, 6º ou 7º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Introdução à química ambiental. Ciclos biogeoquímicos. Química da água e conceitos de poluição ou principais problemas ambientais. Química da atmosfera e conceitos de poluição ou principais problemas ambientais. Química do solo e conceitos de poluição ou principais problemas ambientais.		
OBJETIVOS		
Promover uma visão holística sobre o meio ambiente com ênfase nos processos químicos, estabelecendo a interação entre as diversas áreas da ciência (interdisciplinaridade) no âmbito regional e global; Desenvolver o senso crítico referente aos processos químicos a fim de proporcionar uma consciência ambientalmente correta.		
PROGRAMA		
UNIDADE I –Introdução à química ambiental		
<ul style="list-style-type: none">● Conceitos básicos sobre química ambiental● Conceitos básicos sobre ecossistemas		
UNIDADE II –Ciclos biogeoquímicos		
<ul style="list-style-type: none">● Ciclo da água● Ciclo do oxigênio● Ciclo do carbono● Ciclo do nitrogênio		

UNIDADE III –Química da água

- Conceitos de poluição
- Principais problemas ambientais

UNIDADE IV –Química da atmosfera

- Conceitos de poluição
- Principais problemas ambientais

Unidade V –Química do solo

- Conceitos de poluição
- Principais problemas ambientais

METODOLOGIA DE ENSINO

As aulas terão caráter expositivas-dialógicas, em que se fará uso de debates, apresentação de vídeos, resolução de exercícios, seminários individuais e em grupos. Como recursos, poderão ser utilizados o quadro branco, material impresso e o projetor de multimídia. A Prática como Componente Curricular de Ensino poderá ser ministrada através de: aulas expositivas, criação e aplicação de técnicas de ensino, apresentação de seminários e elaboração de material didático.

AVALIAÇÃO

A avaliação terá caráter formativo visando o acompanhamento contínuo do discente por meio de instrumentos e técnicas diversificadas de avaliação que tenham objetivos e critérios bem explicitados. Algumas técnicas e instrumentos de avaliação: questionamentos e discussões aliado à participação dos discentes; resolução de exercícios em sala de aula; aplicação de trabalhos escritos (lista de exercícios e/ou pesquisa com produção de textos ou resenhas) ou trabalhos orais (seminário ou arguição) de forma individual ou em grupo; aplicação de avaliação individual escrita. A avaliação da Prática como Componente Curricular seguirá os critérios citados anteriormente em conformidade com a metodologia estabelecida para a disciplina. A avaliação somativa ocorrerá de acordo com o ROD.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

RICKLFS, R.; RELYEA, R. **A economia da Natureza**. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

ROCHA, J. C.; ROSA, A. H.; CARDOSO, A. A. **Introdução à Química ambiental**. 2. ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2009.

BAIRD.C. **Química Ambiental**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2011.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CAIN, M. L.; BOWMAN,W. D.; HACKER, S. D. **Ecologia**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018.

GIRARD, J.E. **Principios de Química Ambiental**, 2.Ed.LTC, 2013.

MANAHAN, S. E. **Química Ambiental**, Tradução da 9. ed., Bookman, 2012.

MANAHAN, S. E. **Fundamentals of environmental Chemistry**. 2. ed. Florida: Lewis Publishers, 2001.

ODUM, E. P.; BARRETT, G. W. **Fundamentos de Ecologia**. Tradução da 5^o ed. Norte americana. editora:Thomson Pioneira. 2011. 632 p.

Coordenador do Curso

Setor Pedagógico

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: EDUCAÇÃO AMBIENTAL		
Código:		
Carga Horária Total: 40h/a	CH Teórica: 40h/a	CH Prática:
	0h/a	
Número de Créditos: 2		
Pré-requisitos: Sem pré-requisito		
Semestre: 3º, 4º, 5º, 6º ou 7º		
semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
Epistemologia da Educação Ambiental e os antecedentes históricos. As relações entre a sociedade e a natureza. Educação Ambiental e ação transformadora. Educação no processo de gestão ambiental. Operacionalização das atividades em Educação Ambiental. Organização e orientação para a elaboração e apresentação de Projetos em Educação Ambiental.		
OBJETIVOS		
Compreender os aspectos históricos, culturais, sociais e operacionais da Educação ambiental; Conhecer e discutir os desafios da Educação ambiental na sociedade atual.		
PROGRAMA		
UNIDADE I - A epistemologia da educação ambiental		
<ul style="list-style-type: none">● Uma história social das relações com a natureza● A relação sociedade-natureza● A Educação Ambiental e os movimentos de transição de Paradigmas		
UNIDADE II - Histórico das conferências em educação ambiental		
<ul style="list-style-type: none">● Resgate histórico da educação ambiental no Brasil		
UNIDADE III - Educação ambiental transformadora		
<ul style="list-style-type: none">● As tendências reveladas		

- Educação, emancipação e sustentabilidade: em defesa de uma pedagogia libertadora para a Educação Ambiental

UNIDADE IV - Educação no processo de gestão ambiental

- Reflexões acerca de nosso olhar sobre as relações entre a sociedade e a natureza
- Cidadania e justiça ambiental na luta pelo direito de existência
- Operacionalização das atividades em Educação Ambiental

UNIDADE V - Organização e orientação para a elaboração e apresentação de projetos em educação ambiental

METODOLOGIA DE ENSINO

Aulas expositivas dialogada.

Os seguintes recursos poderão ser utilizados: Quadro e pincéis; Projetor de Multimídia; Lista de exercícios e material impresso.

AVALIAÇÃO

A avaliação terá caráter formativo visando o acompanhamento contínuo do discente por meio de instrumentos e técnicas diversificadas de avaliação que tenham objetivos e critérios bem explicitados.

Algumas técnicas e instrumentos de avaliação: questionamentos e discussões aliado à participação dos discentes; resolução de exercícios em sala de aula; aplicação de trabalhos escritos (lista de exercícios e/ou pesquisa com produção de textos ou resenhas) ou trabalhos orais (seminário ou arguição) de forma individual ou em grupo; aplicação de avaliação individual escrita.

Alguns critérios a serem avaliados: Grau de participação do discente em atividades que exijam produção individual e/ou em equipe; planejamento, organização, coerência de ideias, legitimidade e clareza na elaboração de trabalhos escritos ou destinados à demonstração do domínio dos conhecimentos técnico-pedagógicos e científicos adquiridos; desempenho cognitivo; criatividade e o uso de recursos diversificados; domínio de atuação discente (postura e desempenho); assiduidade e pontualidade.

A avaliação somativa ocorrerá de acordo com o Regulamento da Organização Didática (ROD) do IFCE.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CARVALHO, I. C. de M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico.** São Paulo: Cortez, 2004.

DIAS, G. F. **Educação ambiental: princípios e práticas.** 9 ed. São Paulo: GAIA, 2004.

PHILIPPI JR, A. ROMERO, M. A.; BRUNA, G. C. (editores). **Curso de gestão ambiental.** 2 ed. Barueri, SP: Manole, 2014. (Coleção ambiental, v. 14).

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CUNHA, S. B.; GUERRA, A. J. T. A questão ambiental: diferentes abordagens. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

GUNTHER, HARTMUT et al. (Org.). **Psicologia ambiental: entendendo as relações do homem com seu ambiente.** Campinas: Alínea, 2004.

SANCHÉZ, L. E. **Avaliação do impacto ambiental: conceitos e métodos.** 2 ed. São Paulo: Oficina de Textos, 2013.

SEIFFERT, M. E. B. **Gestão ambiental: instrumentos, esferas de ação e educação ambiental.** 3 ed. (3 reimpr), São Paulo: Atlas, 2018.

LOUREIRO, C.F.B. et al. (Org.). **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania.** São Paulo: Cortez, 2002.

Coordenador do Curso

Setor Pedagógico

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: EMPREENDEDORISMO		
Código:		
Carga Horária Total: 40h/a	CH Teórica: 40h/a	CH Prática:
	0h/a	
Número de Créditos: 2		
Pré-requisitos: Sem pré-requisito		
Semestre: 3º, 4º, 5º, 6º ou 7º		
semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
As origens do conceito. A importância para o desenvolvimento e contexto atual. Os diversos tipos, o coletivo, o social e outros. O empreendedorismo visto à luz das diversas ciências. Função gerencial versus função empreendedora. Perfis empreendedores. Intra-empreendedorismo. Desenvolvendo possibilidades de negócios. A gestão empreendedora. O empreendedorismo e o financiamento. Empreendedorismo em áreas de aglomeração empresarial. O Plano de Negócio: estrutura e elaboração.		
OBJETIVOS		
Entender a importância do conceito de empreendedorismo; Desenvolver atividades empreendedoras nos diversos campos da economia; Compreender as possibilidades e limites da função empreendedora; Ampliar a visão sobre o conceito de empreendedorismo.		
PROGRAMA		
Unidade I - A perspectiva do empreendedorismo		
Unidade II - Criação e início do novo empreendimento		
Unidade III - Financiamento do novo empreendimento		
Unidade IV - Gerenciamento, expansão, e encerramento do novo empreendimento		

METODOLOGIA DE ENSINO	
Aulas expositivas dialogada. Os seguintes recursos poderão ser utilizados: Quadro e pincéis; Projetor de Multimídia; Lista de exercícios e material impresso.	
AVALIAÇÃO	
A avaliação consistirá em um processo contínuo, levando em consideração as atividades realizadas, em grupos ou individualmente, ao longo da disciplina, as avaliações escritas e/ou práticas, além da participação do aluno em sala de aula.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
<p>CHIAVENATO, I. Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor 4 ed., Barueri, São Paulo: Manole, 2012.</p> <p>DEGEN, R. J. O empreendedor: empreender como opção de carreira. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.</p> <p>MAXIMIANO, A. C. A. Administração para empreendedores: fundamentos da criação e da gestão de novos negócios. 2 edição. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.</p>	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
<p>ZAVADIL, P. R. Plano de negócios: uma ferramenta de gestão. Curitiba:: Intersaberes, 2013.</p> <p>MORAIS, R. S. O profissional do futuro: uma visão empreendedora. Barueri, São Paulo: Minha Editora, 2013.</p> <p>RAZZOLINI FILHO, E. Empreendedorismo: dicas e planos de negócios para o século XXI. Curitiba: Intersaberes, 2012.</p> <p>TEIXEIRA, T.; LOPES, A. M. Startups e inovação: direito no empreendedorismo. Barueri, São Paulo: Manole, 2017.</p> <p>BIAGIO, L. A. Empreendedorismo: construindo seu projeto de vida. Barueri, São Paulo: Manole, 2012.</p>	
Coordenador do Curso	Setor Pedagógico
_____	_____

DEPARTAMENTO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROINDÚSTRIA
PROGRAMA DE UNIDADE DIDÁTICA – PUD

DISCIPLINA: PRODUÇÃO DE MATÉRIAS-PRIMAS CULINÁRIAS		
Código:		
Carga Horária Total: 40h/a	CH Teórica: 40h/a	CH Prática: 0h/a
Número de Créditos: 2		
Pré-requisitos: Sem pré-requisito		
Semestre: 3º, 4º, 5º, 6º ou 7º semestre		
Nível: Superior		
EMENTA		
<p>A necessidade da produção de alimentos vegetais no mundo. Exigências sobre os alimentos, vegetais no âmbito familiar e empresarial. Alimentos vegetais traduzidos em cheiros e sabores. Necessidade da experimentação gastronômica como garantia de mercado. Grupos de alimentos de origem vegetal (Alimentos energéticos, Alimentos protéicos, alimentos de ação medicinal, Alimentos funcionais). Tipos de alimentos gerados em função do manejo agrícola (alimentos tradicionais, alimentos obtidos com a agricultura de precisão, alimentos orgânicos, alimentos hidropônicos e hidropônico-orgânico, alimentos obtidos do plantio direto). Alimentos transgênicos. Aspectos morfológicos e fisiológicos observados durante a aquisição de alimentos vegetais.</p>		
OBJETIVOS		
<p>Conhecer conceitos básicos de agricultura do qual resulta a produção de alimentos necessários para preparações culinárias;</p> <p>Adotar procedimentos e cuidados na implantação e na construção de canteiros e produção de mudas;</p> <p>Utilizar procedimentos e cuidados na instalação de hortas e pomares caseiros;</p> <p>Relacionar e discutir formas de utilização e consumo das frutas, legumes e hortaliças cultivadas pelos alunos.</p>		

PROGRAMA
<p>UNIDADE I - Produção de alimentos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Produção de alimentos vegetais no mundo • Exigências sobre os alimentos vegetais no âmbito familiar e empresarial • Alimentos vegetais traduzidos em cheiros e sabores <p>UNIDADE II - Sistemas de produção de hortas caseiras</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cultivo e preparo de horta caseira • Implantação de canteiros e pomares <p>UNIDADE III - Grupos de alimentos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Necessidade da experimentação gastronômica como garantia de mercado • Grupos de alimentos de origem vegetal (Alimentos energéticos, Alimentos protéicos, alimentos de ação medicinal, Alimentos funcionais) <p>UNIDADE IV - Manejo da produção</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tipos de alimentos gerados em função do manejo agrícola • Alimentos tradicionais, alimentos obtidos com a agricultura de precisão, alimentos orgânicos, alimentos hidropônicos e hidropônico-orgânico, alimentos obtidos do plantio direto) • Alimentos transgênicos • Aspectos morfológicos e fisiológicos observados durante a aquisição de alimentos vegetais
METODOLOGIA DE ENSINO
<p>Aulas expositivas dialogada.</p> <p>Os seguintes recursos poderão ser utilizados: Quadro e pincéis; Projetor de Multimídia; Lista de exercícios e material impresso.</p>
AVALIAÇÃO
<p>A avaliação consistirá em um processo contínuo, levando em consideração as atividades realizadas, em grupos ou individualmente, ao longo da disciplina,</p>

as avaliações escritas e/ou práticas, além da participação do aluno em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

COX, J.; MOINE, M. **Ervas culinárias** - como cultivar, cuidar e armazenar ervas aromáticas, usá-las na cozinha para dar mais sabor aos alimentos. São Paulo: Editora Publifolha, 2010.

KOBLITZ, M. G. B. **Matérias-Primas Alimentícias** - composição e controle de qualidade. São Paulo: Guanabara Kooga, 2011.

PELT, J.. **Especiarias e ervas aromáticas**. São Paulo: Editora Jorge Zahar, 2003.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

SALGADO, J. Alimentos funcionais. 1. ed. São Paulo: Oficina de Textos, 2017.

PHILIPPI, S. T. **Nutrição e Técnica Dietética**. 3 ed. (ampl e atual.) Barueri, São Paulo: Manole, 2014.

SZLAK, C. D.; LOPES, M. I. F.; FRAZÃO FILHO, L. E. T. **Alimentos**: um guia completo para profissionais. 10 ed., Barueri, São Paulo: Manole, 2016.

SALGADO, J. **Alimentos funcionais**. 1. ed. São Paulo: Oficina de Textos, 2017.

PENTEADO, S. R. **Manual Prático de Agricultura Orgânica**. 3 ed. Local: Editora Via Orgânica, 2010.

Coordenador do Curso

Setor Pedagógico

ANEXO 2

1. FORMAS DE ACESSO

TÍTULO I - DA MISSÃO, DA OFERTA E DO REGIME ACADÊMICO

CAPÍTULO III - Do regime acadêmico

Seção III - Do ingresso de graduados e transferidos

Art. 19 O IFCE poderá receber, para todos os seus cursos, alunos oriundos de instituições credenciadas pelo MEC.

Parágrafo único - O IFCE não receberá alunos oriundos de cursos sequenciais.

Subseção I - Do ingresso de graduados

Art. 20 A entrada de alunos graduados será regulamentada por Edital próprio, que determinará o número de vagas disponíveis.

Art. 21 Quando da elaboração do edital de matrícula de graduados, os departamentos deverão atentar para as seguintes prioridades de atendimento:

- a) reabertura de matrícula;
- b) reingresso;
- c) transferência interna;
- d) transferência externa;
- e) entrada como graduado/diplomado.

Parágrafo único - A solicitação de ingresso de graduado será feita mediante requerimento protocolizado na recepção e /ou Coordenação do curso pretendido, nos primeiros 50 (cinquenta) dias letivos do semestre, imediatamente anterior ao que será cursado.

Art. 22 O ingresso de graduados será concedido mediante os seguintes critérios:

- a) maior número de créditos a serem aproveitadas no curso solicitado;
- b) entrevista ou teste de habilidades específicas, quando o curso o exigir.

Art. 23 O requerimento deverá ser acompanhado dos seguintes documentos:

- a) cópia autenticada de diploma;
- b) histórico escolar;

- c) programa dos componentes curriculares cursados, autenticados pela instituição de origem;
- d) outros documentos especificados no Edital.

Subseção II – Da transferência externa

Art. 24 A entrada de alunos transferidos será definida por edital próprio, em que se determinará o número de vagas disponíveis.

Art. 25 Quando da elaboração do edital de matrícula de transferidos, valerão as mesmas prioridades elencadas no artigo 21 deste regimento.

Art. 26 A solicitação de transferência será feita mediante requerimento protocolizado na recepção dos campi do IFCE, nos primeiros 50 (cinquenta) dias letivos do semestre imediatamente anterior ao que será cursado.

§1º Para ter direito à matrícula, o aluno que pleiteia a transferência deverá:

- a) comprovar que foi submetido a um processo seletivo similar ao do IFCE;
- b) ter concluído o primeiro semestre, com aprovação em todos os componentes curriculares, no curso de origem;
- c) estar regularmente matriculado na instituição de origem, no momento da solicitação de transferência;
- d) obter aprovação em teste de aptidão específica, quando o curso pretendido o exigir.

§2º Ao requerimento de transferência deverão ser anexados os seguintes documentos:

- a) declaração da instituição de origem, comprovando estar o aluno regularmente matriculado;
- b) histórico escolar;
- c) programas dos componentes curriculares cursados, autenticados pela instituição de origem;
- d) outros documentos solicitados no edital.

Art. 27 Para o preenchimento das vagas existentes serão considerados:

- a) o maior número de créditos obtidos nos componentes curriculares a serem aproveitados;

- b) maior índice de rendimento acadêmico ou índice equivalente;
- c) maior idade.

2. DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

TÍTULO II - DA ORGANIZAÇÃO DIDÁTICA

CAPÍTULO II – Da aprendizagem

Sessão IV – Da sistemática de avaliação

Subseção III – Da sistemática de avaliação no ensino superior

Art. 54 A sistemática de avaliação se desenvolverá em duas etapas.

§1º Em cada etapa, serão atribuídas aos discentes médias obtidas nas avaliações dos conhecimentos construídos.

§2º Independentemente do número de aulas semanais, o docente deverá aplicar, no mínimo, 02 (duas) avaliações por etapa.

§3º A nota do semestre será a média ponderada das avaliações parciais, devendo o discente obter a média mínima 7,0 para a aprovação.

Art. 55 A média final de cada etapa e de cada período letivo terá apenas uma casa decimal; as notas das avaliações parciais poderão ter até duas casas decimais.

Art. 56 Caso o aluno não atinja a média mínima para a aprovação (7,0), mas tenha obtido, no semestre, a nota mínima 3,0, ser-lhe-á assegurado o direito de fazer a avaliação final.

§1º A avaliação final deverá ser aplicada no mínimo três dias após a divulgação do resultado da média semestral.

§2º A média final será obtida pela soma da média semestral, com a nota da prova final, dividida por 2 (dois); a aprovação do discente estará condicionada à obtenção da média mínima 5,0.

§3º A avaliação final deverá contemplar todo o conteúdo trabalhado no semestre.

§4º A aprovação do rendimento acadêmico far-se-á, aplicando-se a fórmula a seguir:

SUPERIOR

$$XS = 2X1 + 3X2 \geq 7$$

LEGENDA

5

Xs → Média semestral

$$XF = \frac{2XS + AF}{2} \geq 5$$

X1 → Média da primeira etapa
X2 → Média da segunda etapa
XF → Média final
AF → Avaliação final

Art. 57 Será considerado aprovado o discente que obtiver a média mínima, desde que tenha frequência igual ou superior a 75% do total das aulas de cada componente curricular.

Seção V – Da promoção

Art. 58 Para efeito de promoção, o discente será avaliado quanto ao rendimento acadêmico, de acordo com a média estabelecida para o seu nível de ensino, e pela assiduidade às aulas que deverá ser igual ou superior a 75% do total de horas letivas de cada componente curricular.

Parágrafo único - As faltas justificadas não serão abonadas, embora seja assegurado ao aluno o direito à realização de trabalhos e avaliações ocorridas no período da ausência.

CAPÍTULO VIII - Da expedição de diplomas e certificados

Art. 75 Aos concludentes dos cursos técnicos, superiores de tecnologia, de licenciaturas e bacharelados serão conferidos, respectivamente, diploma de técnico, de tecnólogo, de licenciado e de bacharel.

§1º A conclusão de cursos técnicos, nas modalidades subsequente e concomitante, dá direito a certificados de qualificação profissional intermediária, desde que o currículo tenha sido estruturado por módulos.

§2º Ao concluir o curso técnico na modalidade concomitante, o discente que apresentar certificação do ensino médio terá direito ao diploma de técnico; caso contrário, receberá apenas o certificado de qualificação profissional.

§3º O diploma de técnico para os concludentes na modalidade integrada, somente será expedido após a integralização do curso e do estágio curricular, quando obrigatório.

§4º A emissão dos diplomas aos concludentes dos cursos de graduação está condicionada à conclusão de todas as etapas de estudos, incluindo o trabalho de conclusão de curso (TCC) e o estágio curricular, quando for o caso.

Art. 76 Aos egressos da formação inicial e continuada de trabalhadores, o IFCE conferirá certificado de qualificação profissional.

Art. 77 O IFCE implementará certificação de competência em nível técnico, mediante exames.

Parágrafo único - Observada a regulamentação da certificação de competência estabelecida na legislação vigente, o IFCE, por intermédio da Pró-reitoria de Ensino, estabelecerá normas complementares, regulamentando os processos em relação a prazos e procedimentos.

ANEXO 3

RESOLUÇÃO N° 028, DE 08 DE AGOSTO DE 2014

Aprova o Manual do Estagiário.

O PRESIDENTE DO CONSELHO SUPERIOR DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ no uso de suas atribuições, considerando as determinações contidas no na Lei nº 11788, de 25 de setembro de 2008 e a deliberação do colegiado, na 29ª reunião, realizada nesta data

R E S O L V E

Art. 1º - Aprovar o Manual do Estagiário, cujo conteúdo consiste na regulamentação das atividades de estágio dos alunos do IFCE.



Virgílio

Augusto

Sales Araripe

Presidente do Conselho Superior

MANUAL DO ESTAGIÁRIO

**PROEXT
2014**

ÍNDICE

I – APRESENTAÇÃO.....	04
II – PROCEDIMENTOS PARA O ESTÁGIO.....	05
III – DOCUMENTAÇÃO NECESSÁRIA PARA O ESTÁGIO OBRIGATÓRIO.....	06
IV – DOCUMENTAÇÃO NECESSÁRIA PARA O ESTÁGIO NÃO – OBRIGATÓRIO	07
V – LEGISLAÇÃO DO ESTÁGIO.....	08
VI – REGULAMENTO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO.....	18

APRESENTAÇÃO

Caros alunos,

O presente manual visa a oferecer orientações sobre os procedimentos de estágio supervisionado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará.

Nele, serão encontradas as diretrizes essenciais para a realização das atividades de estágio com base na Lei 11.788, de 25 de setembro de 2008.

Leia-o criteriosamente e, para solucionar as eventuais dúvidas, procure esclarecimento na Coordenadoria de Estágios.

PROCEDIMENTOS PARA O ESTÁGIO

Para ingressar no estágio, a Lei 11.788, de 25 de setembro de 2008, estabelece os seguintes requisitos:

- Matrícula e frequência regular do educando em curso de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos;
- Celebração de termo de compromisso de estágio;
- Compatibilidade entre as atividades desenvolvidas no estágio e aquelas previstas no termo de compromisso de estágio, bem como adequação ao projeto pedagógico do curso;
- Acompanhamento efetivo pelo professor orientador da instituição de ensino e pelo supervisor da parte concedente, comprovado por relatórios.

DOCUMENTAÇÃO NECESSÁRIA PARA O ESTÁGIO OBRIGATÓRIO

I – Antes de ingressar no estágio:

- a. Solicitar e preencher ficha de matrícula no estágio na coordenadoria de acompanhamento de estágios;
- b. Preencher termo de compromisso de estágio em 03 (três) vias;
- c. Preencher o plano de atividades em 03 (três) vias;
- d. Apresentar cópia da proposta de seguro de vida com seu respectivo comprovante de pagamento ou da apólice de seguro contra acidentes pessoais ou cópia contratada pela parte concedente.

II – Durante o estágio:

- a. Apresentar relatório periódico de atividades com vistos do professor orientador da instituição de ensino, do supervisor do estágio na parte concedente e do aluno, a cada 06 (seis) meses.

III – Conclusão do estágio:

- a. Apresentar ficha de avaliação do estagiário na coordenadoria de estágios;
- b. Apresentar relatório final de estágio na coordenadoria de estágios;
- c. Requerer a conclusão do estágio supervisionado;
- d. Apresentar relatório final de atividades.

DOCUMENTAÇÃO NECESSÁRIA PARA O ESTÁGIO NÃO – OBRIGATÓRIO

I – Antes de ingressar no estágio:

Apresentar termo de compromisso de estágio e plano de atividades preenchidas e assinadas pelas partes em 03 (três) vias.

II – Durante o estágio:

Relatório periódico de atividades com vistos do professor orientador da instituição de ensino, do supervisor de estágio na empresa e do aluno, a cada 06 (seis) meses.

III – Conclusão de estágio:

Termo de encerramento de estágio fornecido pela parte concedente do estágio.

LEI Nº 11.788, DE 25 DE SETEMBRO DE 2008

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

CAPÍTULO I

DA DEFINIÇÃO, CLASSIFICAÇÃO E RELAÇÕES DE ESTÁGIO

Art. 1º Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos.

§ 1º O estágio faz parte do projeto pedagógico do curso, além de integrar o itinerário formativo do educando.

§ 2º O estágio visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho.

Art. 2º O estágio poderá ser obrigatório ou não-obrigatório, conforme determinação das diretrizes curriculares da etapa, modalidade e área de ensino e do projeto pedagógico do curso.

§ 1º Estágio obrigatório é aquele definido como tal no projeto do curso, cuja carga horária é requisito para aprovação e obtenção de diploma.

§ 2º Estágio não-obrigatório é aquele desenvolvido como atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória.

§ 3º As atividades de extensão, de monitorias e de iniciação científica na educação superior, desenvolvidas pelo estudante, somente poderão ser equiparadas ao estágio em caso de previsão no projeto pedagógico do curso.

Art. 3º O estágio, tanto na hipótese do § 1º do art. 2º desta Lei quanto na prevista no § 2º do mesmo dispositivo, não cria vínculo empregatício de qualquer natureza, observados os seguintes requisitos:

I – matrícula e frequência regular do educando em curso de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e nos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos e atestados pela instituição de ensino;

II – celebração de termo de compromisso entre o educando, a parte concedente do estágio e a instituição de ensino;

III – compatibilidade entre as atividades desenvolvidas no estágio e aquelas previstas no termo de compromisso.

§ 1º O estágio, como ato educativo escolar supervisionado, deverá ter acompanhamento efetivo pelo professor orientador da instituição de ensino e por supervisor da parte concedente, comprovado por vistos nos relatórios referidos no inciso IV do caput do art. 7º desta Lei e por menção de aprovação final.

§ 2º O descumprimento de qualquer dos incisos deste artigo ou de qualquer obrigação contida no termo de compromisso caracteriza vínculo de emprego do educando com a parte concedente do estágio para todos os fins da legislação trabalhista e previdenciária.

Art. 4º A realização de estágios, nos termos desta Lei, aplica-se aos estudantes estrangeiros regularmente matriculados em cursos superiores no País, autorizados ou reconhecidos, observado o prazo do visto temporário de estudante, na forma da legislação aplicável.

Art. 5º As instituições de ensino e as partes cedentes de estágio podem, a seu critério, recorrer a serviços de agentes de integração públicos e privados,

mediante condições acordadas em instrumento jurídico apropriado, devendo ser observada, no caso de contratação com recursos públicos, a legislação que estabelece as normas gerais de licitação.

§ 1º Cabe aos agentes de integração, como auxiliares no processo de aperfeiçoamento do instituto do estágio:

- I – identificar oportunidades de estágio;
- II – ajustar suas condições de realização;
- III – fazer o acompanhamento administrativo;
- IV – encaminhar negociação de seguros contra acidentes pessoais;
- V – cadastrar os estudantes.

§ 2º É vedada a cobrança de qualquer valor dos estudantes, a título de remuneração pelos serviços referidos nos incisos deste artigo.

§ 3º Os agentes de integração serão responsabilizados civilmente se indicarem estagiários para a realização de atividades não compatíveis com a programação curricular estabelecida para cada curso, assim como estagiários matriculados em cursos ou instituições para as quais não há previsão de estágio curricular.

Art. 6º O local de estágio pode ser selecionado a partir de cadastro de partes cedentes, organizado pelas instituições de ensino ou pelos agentes de integração.

CAPÍTULO II

DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO

Art. 7º São obrigações das instituições de ensino, em relação aos estágios de seus educandos:

I – celebrar termo de compromisso com o educando ou com seu representante ou assistente legal, quando ele for absoluta ou relativamente incapaz, e com a parte concedente, indicando as condições de adequação do estágio à proposta pedagógica do curso, à etapa e modalidade da formação escolar do estudante e ao horário e calendário escolar;

II – avaliar as instalações da parte concedente do estágio e sua adequação à formação cultural e profissional do educando;

III – indicar professor orientador, da área a ser desenvolvida no estágio, como responsável pelo acompanhamento e avaliação das atividades do estagiário;

IV – exigir do educando a apresentação periódica, em prazo não superior a 6 (seis) meses, de relatório das atividades;

V – zelar pelo cumprimento do termo de compromisso, reorientando o estagiário para outro local em caso de descumprimento de suas normas;

VI – elaborar normas complementares e instrumentos de avaliação dos estágios de seus educandos;

VII – comunicar à parte concedente do estágio, no início do período letivo, as datas de realização de avaliações escolares ou acadêmicas.

Parágrafo único. O plano de atividades do estagiário, elaborado em acordo das 3 (três) partes a que se refere o inciso II do caput do art. 3º desta Lei, será incorporado ao termo de compromisso por meio de aditivos à medida que for avaliado, progressivamente, o desempenho do estudante.

Art. 8º É facultado às instituições de ensino celebrar com entes públicos e privados convênio de concessão de estágio, nos quais se explicitem o processo educativo compreendido nas atividades programadas para seus educandos e as condições de que tratam os arts. 6º a 14 desta Lei.

Parágrafo único. A celebração de convênio de concessão de estágio entre a instituição de ensino e a parte concedente não dispensa a celebração do termo de compromisso de que trata o inciso II do caput do art. 3º desta Lei.

CAPÍTULO III

DA PARTE CONCEDENTE

Art. 9º As pessoas jurídicas de direito privado e os órgãos da administração pública direta, autárquica e fundacional de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, bem como profissionais liberais de nível superior devidamente registrados em seus respectivos conselhos de fiscalização profissional, podem oferecer estágio, observadas as seguintes obrigações:

I – celebrar termo de compromisso com a instituição de ensino e o educando, zelando por seu cumprimento;

II – ofertar instalações que tenham condições de proporcionar ao educando atividades de aprendizagem social, profissional e cultural;

III – indicar funcionário de seu quadro de pessoal, com formação ou experiência profissional na área de conhecimento desenvolvida no curso do estagiário, para orientar e supervisionar até 10 (dez) estagiários simultaneamente;

IV – contratar em favor do estagiário seguro contra acidentes pessoais, cuja apólice seja compatível com valores de mercado, conforme fique estabelecido no termo de compromisso;

V – por ocasião do desligamento do estagiário, entregar termo de realização do estágio com indicação resumida das atividades desenvolvidas, dos períodos e da avaliação de desempenho;

VI – manter à disposição da fiscalização documentos que comprovem a relação de estágio;

VII – enviar à instituição de ensino, com periodicidade mínima de 6 (seis) meses, relatório de atividades, com vista obrigatória ao estagiário.

Parágrafo único. No caso de estágio obrigatório, a responsabilidade pela contratação do seguro de que trata o inciso IV do caput deste artigo poderá, alternativamente, ser assumida pela instituição de ensino.

CAPÍTULO IV

DO ESTAGIÁRIO

Art. 10. A jornada de atividade em estágio será definida de comum acordo entre a instituição de ensino, a parte concedente e o aluno estagiário ou seu representante legal, devendo constar do termo de compromisso ser compatível com as atividades escolares e não ultrapassar:

I – 4 (quatro) horas diárias e 20 (vinte) horas semanais, no caso de estudantes de educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional de educação de jovens e adultos;

II – 6 (seis) horas diárias e 30 (trinta) horas semanais, no caso de estudantes do ensino superior, da educação profissional de nível médio e do ensino médio regular.

§ 1º O estágio relativo a cursos que alternam teoria e prática, nos períodos em que não estão programadas aulas presenciais, poderá ter jornada de até 40 (quarenta) horas semanais, desde que isso esteja previsto no projeto pedagógico do curso e da instituição de ensino.

§ 2º Se a instituição de ensino adotar verificações de aprendizagem periódicas ou finais, nos períodos de avaliação, a carga horária do estágio será reduzida pelo menos à metade, segundo estipulado no termo de compromisso, para garantir o bom desempenho do estudante.

Art. 11. A duração do estágio, na mesma parte concedente, não poderá exceder 2 (dois) anos, exceto quando se tratar de estagiário portador de deficiência.

Art. 12. O estagiário poderá receber bolsa ou outra forma de contraprestação que venha a ser acordada, sendo compulsória a sua concessão, bem como a do auxílio- transporte, na hipótese de estágio não obrigatório.

§ 1º A eventual concessão de benefícios relacionados a transporte, alimentação e saúde, entre outros, não caracteriza vínculo empregatício.

§ 2º Poderá o educando inscrever-se e contribuir como segurado facultativo do Regime Geral de Previdência Social.

Art. 13. É assegurado ao estagiário, sempre que o estágio tenha duração igual ou superior a 1 (um) ano, período de recesso de 30 (trinta) dias, a ser gozado preferencialmente durante suas férias escolares.

§ 1º O recesso de que trata este artigo deverá ser remunerado quando o estagiário receber bolsa ou outra forma de contraprestação.

§ 2º Os dias de recesso previstos neste artigo serão concedidos de maneira proporcional, nos casos de o estágio ter duração inferior a 1 (um) ano.

Art. 14. Aplica-se ao estagiário a legislação relacionada à saúde e segurança no trabalho, sendo sua implementação de responsabilidade da parte concedente do estágio.

CAPÍTULO V

DA FISCALIZAÇÃO

Art. 15. A manutenção de estagiários em desconformidade com esta Lei caracteriza vínculo de emprego do educando com a parte concedente do estágio para todos os fins da legislação trabalhista e previdenciária.

§ 1º A instituição privada ou pública que reincidir na irregularidade de que trata este artigo ficará impedida de receber estagiários por 2 (dois) anos, contados da data da decisão definitiva do processo administrativo correspondente.

§ 2º A penalidade de que trata o § 1º deste artigo limita-se à filial ou agência em que for cometida a irregularidade.

CAPÍTULO VI

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 16. O termo de compromisso deverá ser firmado pelo estagiário ou com seu representante ou assistente legal e pelos representantes legais da parte concedente e da instituição de ensino, vedada a atuação dos agentes de integração a que se refere o art. 5º desta Lei como representante de qualquer das partes.

Art. 17. O número máximo de estagiários em relação ao quadro de pessoal das entidades concedentes de estágio deverá atender às seguintes proporções:

I – de 1 (um) a 5 (cinco) empregados: 1 (um) estagiário;

II – de 6 (seis) a 10 (dez) empregados: até 2 (dois) estagiários;

III – de 11 (onze) a 25 (vinte e cinco) empregados: até 5 (cinco) estagiários;

IV – acima de 25 (vinte e cinco) empregados: até 20% (vinte por cento) de estagiários.

§ 1º Para efeito desta Lei, considera-se quadro de pessoal o conjunto de trabalhadores empregados existentes no estabelecimento do estágio.

§ 2º Na hipótese de a parte concedente contar com várias filiais ou estabelecimentos, os quantitativos previstos nos incisos deste artigo serão aplicados a cada um deles.

§ 3º Quando o cálculo do percentual disposto no inciso IV do caput deste artigo resultar em fração, poderá ser arredondado para o número inteiro imediatamente superior.

§ 4º Não se aplica o disposto no caput deste artigo aos estágios de nível superior e de nível médio profissional.

§ 5º Fica assegurado às pessoas portadoras de deficiência o percentual de 10% (dez por cento) das vagas oferecidas pela parte concedente do estágio.

Art. 18. A prorrogação dos estágios contratados antes do início da vigência desta Lei apenas poderá ocorrer se ajustada às suas disposições.

Art. 19. O art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1o de maio de 1943, passa a vigorar com as seguintes alterações:

“Art. 428.

§ 1º A validade do contrato de aprendizagem pressupõe anotação na Carteira de Trabalho e Previdência Social, matrícula e freqüência do aprendiz na escola, caso não haja concluído o ensino médio, e inscrição em programa de aprendizagem desenvolvido sob orientação de entidade qualificada em formação técnico-profissional metódica.

§ 3º O contrato de aprendizagem não poderá ser estipulado por mais de 2 (dois) anos, exceto quando se tratar de aprendiz portador de deficiência.

§ 7º Nas localidades onde não houver oferta de ensino médio para o cumprimento do disposto no § 1º deste artigo, a contratação do aprendiz poderá ocorrer sem a freqüência à escola, desde que ele já tenha concluído o ensino fundamental.” (NR)

Art. 20. O art. 82 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 82. Os sistemas de ensino estabelecerão as normas de realização de estágio em sua jurisdição, observada a lei federal sobre a matéria.

Parágrafo único. (Revogado).” (NR)

Art. 21. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 22. Revogam-se as Leis nos 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6º da Medida Provisória no 2.164-41, de 24 de agosto de 2001.

Brasília, 25 de setembro de 2008; 187º da Independência e 120º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

FernandoHaddad

André Peixoto Figueiredo Lima

Este texto não substitui o publicado no DOU de 26.9.2008

REGULAMENTO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

CAPÍTULO I

DO EXERCÍCIO ORIENTADO DA PROFISSÃO (ESTÁGIO SUPERVISIONADO)

Art. 1º - O exercício orientado da profissão (estágio supervisionado) é condição indispensável para a conclusão e obtenção do diploma de técnico, tecnólogo, bacharel e licenciado nos cursos para os quais a realização do estágio seja definido como obrigatório.

§ 1º - Considera-se estágio supervisionado obrigatório aquele definido no projeto pedagógico do curso e cuja carga horária seja requisito indispensável para aprovação e obtenção de diploma.

§ 2º - Considera-se estágio não – obrigatório aquele desenvolvido como atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória do curso.

§ 3º – Nos casos previstos nos parágrafos anteriores, somente poderão desenvolver atividades em estágio os educandos que estejam com matrícula e

frequência regular em curso de educação superior ou de educação profissional, em exceção aos casos apresentados no Art. 16 deste regulamento.

§ 4º - As atividades de extensão, de monitorias, de iniciação científica na educação superior, bem como aquelas desenvolvidas nos laboratórios da instituição, devidamente cadastradas na Pró-reitoria, somente poderão ser equiparadas ao estágio em caso de previsão no projeto pedagógico de cada curso e desde que sigam as normas legais e os dispositivos deste regulamento.

Parágrafo único – Para os casos de contrato de trabalho, as atividades desenvolvidas serão avaliadas pelo professor orientador para efeito de aproveitamento como carga horária de estágio.

Art. 2º - O estágio será administrado pela Coordenadoria de Acompanhamento Estágios ou setor equivalente, sendo acompanhado e supervisionado por um ou mais de um professor orientador de cada curso.

Art. 3º - A carga horária mínima para o cumprimento do Estágio Supervisionado será definida no projeto pedagógico e matriz curricular de cada curso.

Art. 4º - O Estágio Supervisionado somente poderá ser cursado a partir do período definido por cada curso, em seu respectivo projeto pedagógico, para a sua realização.

§ 1º - As atividades em estágio obrigatório poderão ser realizadas em empresas (pessoas jurídicas de direito privado), órgãos da administração pública direta, autárquica e fundacional de qualquer dos poderes da União, Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, bem como em escritórios de profissionais liberais de nível superior devidamente registrados em seus respectivos conselhos de fiscalização profissional, desde que seja realizado no período previsto no projeto pedagógico do curso, condicionado ainda à contratação pela parte concedente do estágio, de seguro contra acidentes pessoais em favor do aluno e designação de supervisor para acompanhamento e orientação das atividades executadas no estágio, além da observância das demais normas legais aplicáveis à espécie.

§ 2º - As atividades em estágio supervisionado também poderão ser realizadas nos laboratórios, oficinas e no ensino médio da própria instituição, cabendo à diretoria de Ensino definir as normas, número de vagas de estágio em cada laboratório, bem como os professores orientadores responsáveis pela orientação e supervisão do estágio, devendo ainda fazer constar tal previsão no projeto pedagógico de cada curso.

§ 3º - As vagas para estágio nos laboratórios da instituição serão prioritariamente destinadas aos alunos que tenham atendido a todos os requisitos necessários para a matrícula no Estágio Supervisionado.

§ 4º - No caso do parágrafo anterior, será facultada ao aluno e à parte concedente, a manutenção do estágio até o limite máximo de 02 (dois) anos, incluindo o tempo cumprido no estágio supervisionado, desde que apresente relatório periódico de atividades em prazo não superior a 06 (seis) meses e obedeça às demais previsões legais e as disposições previstas neste regulamento, exceto nos casos previstos no Art 11 da Lei nº 11.788.

§ 5º - O aluno matriculado no Estágio Supervisionado, sejam suas atividades desempenhadas na instituição ou em outra parte concedente, deverá apresentar à Coordenadoria de Acompanhamento de Estágios, relatórios diários e periódicos de atividades (ANEXO II e III) com o visto do professor orientador e do supervisor do estágio em prazo não superior a 06 (seis) meses.

§ 6º - Por ocasião do encerramento do Estágio Supervisionado, o aluno deverá apresentar à Coordenadoria de Acompanhamento de Estágios o requerimento de conclusão do estágio, o relatório final (ANEXO IV) e a ficha de avaliação do estagiário firmada por supervisor designado pela parte concedente. A avaliação final se dará nos moldes do Capítulo III deste regulamento.

Art. 5º - O estágio poderá ser obtido através da Coordenadoria de Acompanhamento de Estágios, pelo próprio aluno com o apoio desta ou por intermédio dos agentes de integração.

Art. 6º - A matrícula para o Estágio Supervisionado terá vigência por um semestre letivo.

Parágrafo único - Na hipótese de ocorrer rescisão ou mudança da parte concedente do estágio antes de o aluno ter completado a carga horária total exigida no projeto pedagógico do curso para o cumprimento do Estágio Supervisionado, serão consideradas as horas já cumpridas.

Art. 7º - A jornada de estágio poderá ser cumprida em até 06 (seis) horas diárias e 30 (trinta) horas semanais.

CAPÍTULO II

DAS COMPETÊNCIAS

Art. 8º - Ao aluno compete:

a. A efetivação da matrícula no Estágio Supervisionado será na Coordenadoria de Acompanhamento de Estágios. Neste ato, o aluno deverá apresentar a ficha de matrícula no estágio (ANEXO I) devidamente preenchida e assinada, tratando-se de condição básica para o início do Estágio Supervisionado e a contagem da carga horária necessária para o seu cumprimento.

b. Apresentar à Coordenadoria de Acompanhamento de Estágios, em prazo não superior a 06 (seis) meses, relatórios diários e periódicos de atividades em estágio (ANEXO II e III), contendo as assinaturas do aluno, do professor orientador e do supervisor do estágio na parte concedente.

c. Por ocasião do encerramento do Estágio Supervisionado, protocolar, em local a ser definido pela Coordenadoria de Acompanhamento de Estágios do Campus, o requerimento de conclusão desta, o relatório final (ANEXO IV) e a ficha de avaliação do estagiário firmada pelo supervisor do estágio na parte concedente.

d. Apresentar à Coordenadoria de Acompanhamento de Estágios, para o caso de contabilização parcial das horas necessárias para o cumprimento do

Estágio Supervisionado, o relatório final (ANEXO IV) e a ficha de avaliação do estagiário firmada pelo supervisor do estágio na parte concedente.

e. Apresentar à Coordenadoria de Acompanhamento de Estágios o comprovante de recebimento da certidão a que se refere a alínea c, do art. 10, pela parte concedente.

Art. 9º - À Coordenadoria de Acompanhamento de Estágios compete:

a. Divulgar as regras previstas neste regulamento junto à comunidade acadêmica.

b. Celebrar termo de compromisso de estágio com a parte concedente e com o aluno ou com seu representante ou assistente legal, quando aquele for, respectivamente, absoluta ou relativamente incapaz.

c. Divulgar as vagas para estágio ofertadas pelas partes concedentes sempre que por estas solicitadas.

d. Fornecer mensalmente ao professor orientador de cada curso a relação de alunos que desenvolvem atividades em estágio (supervisionado ou não), na qual conste o endereço das partes concedentes e a vigência do estágio, com vista à avaliação das instalações daquelas, a supervisão e o acompanhamento do estagiário, observado o disposto na alínea a do Art. 11.

e. Encaminhar à Coordenadoria de Controle Acadêmico a documentação referente ao Estágio Supervisionado, para instruir a expedição do diploma ou a conclusão da mesma.

Art. 10 – À Diretoria de ensino em conjunto com as Coordenações de Curso, compete:

a. Indicar as condições de adequação do estágio à proposta pedagógica, à etapa e modalidade de formação escolar do estudante, ao horário e calendário escolar de cada um dos cursos, como meio de possibilitar à Coordenadoria de Acompanhamento de Estágios a intermediação destas informações às partes concedentes.

- b. Indicar um ou mais professores orientadores da área a ser desenvolvida no estágio (supervisionado ou não) de cada curso, como responsável pelo acompanhamento e avaliação das atividades do estagiário.
- c. Comunicar à Coordenadoria de Acompanhamento de Estágios, no início de cada período letivo, as datas de realização de avaliações escolares ou acadêmicas ou fornecer certidão ao aluno, por ocasião da realização de tais atividades, para apresentação à parte concedente de estágio mediante recibo e posterior entrega à Coordenadoria de Acompanhamento de Estágios.

Art. 11 – Ao Professor Orientador compete:

- a. Realizar visitas periódicas às partes concedentes, onde houver alunos estagiários para acompanhar o desempenho do aluno, avaliar as instalações e sua adequação à formação cultural e profissional do educando. No caso das Licenciaturas, a carga/horária será mediada pelo departamento ou diretoria de ensino.
- b. Contribuir com à Coordenadoria de Acompanhamento de Estágios relação de novas empresas e instituições que atuam na área específica do curso.
- c. Observar a compatibilidade do estágio realizado em partes concedentes com a proposta pedagógica do curso, à etapa, modalidade de formação escolar do estudante, ao horário e calendário escolar, orientando e encaminhando o aluno para outro local em caso de descumprimento de suas normas.
- d. Solicitar do educando a apresentação periódica, em prazo não superior a 6 (seis) meses, de relatórios diários e periódicos de atividades, encaminhado-o à Coordenadoria de Acompanhamento de Estágios para guarda e arquivo até a conclusão do estágio (ANEXO II e III).

Art. 12 – Ao Supervisor de Estágio compete:

- a. Preencher o plano de atividades do estagiário, junto com o aluno e o Professor Orientador;

- b. Acompanhar as atividades que o aluno desenvolverá durante o Estágio;
- c. Enviar a Termo de realização e Avaliação do Estágio, após o término do estágio, para a Coordenadoria de Acompanhamento de Estágios do respectivo Campus (ANEXO VII).

Parágrafo único - Os supervisores deverão ter, no mínimo, o mesmo nível de formação que o discente obterá ao concluir o curso que ensejou o estágio ou que se adequem as condições do Art. 9, inciso III da Lei nº 11.788.

CAPÍTULO III

DA AVALIAÇÃO

Art. 13 – Para a avaliação final do Estágio Supervisionado, caso o projeto pedagógico do curso não disponha em sentido diverso, o professor orientador emitirá parecer, atribuindo conceito satisfatório ou insatisfatório às atividades em estágio realizadas pelo aluno, considerando:

- a. A avaliação do aluno por parte do supervisor do estágio na parte concedente (Anexo VII).
- b. Os relatórios diários e periódicos de atividades (ANEXO II e III).
- c. O relatório final, levando em conta a compatibilidade das atividades executadas com a grade curricular da habilitação, bem como a qualidade e quantidade das atividades desenvolvidas no estágio (ANEXO IV).

Art. 14 - Em caso de parecer com conceito insatisfatório, a Coordenadoria de Acompanhamento de Estágios esclarecerá ao aluno da necessidade de realização de novo estágio.

Art. 15 - O aluno não terá validado seu estágio quando proceder ao trancamento ou abandono do semestre ou do curso ou, ainda, à reprovação por faltas em todas as disciplinas cursadas no respectivo período ou semestre.

Parágrafo único – O aluno terá, no entanto, validado seu estágio quando não conseguir aprovação por nota nas demais disciplinas do período que cursa, desde que apresente os relatórios diários, periódicos e final de estágio, de acordo com a alínea b e c do art. 8 e tenha suas atividades de estágio consideradas como satisfatórias pelo professor orientador.

CAPÍTULO IV

DAS DISPOSIÇÕES ESPECIAIS

Art. 16 – O aluno poderá se matricular apenas no Estágio Supervisionado nos casos em que tenha cursado todas as disciplinas teóricas de sua grade curricular no período letivo imediatamente anterior, levando-se em consideração as dificuldades locais e regionais para captação de estágios ao longo do curso, desde que, devidamente justificada pela Diretoria de Ensino.

§ 1º – O aluno que estiver afastado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, por qualquer motivo e por mais de 1 (um) período letivo, deverá solicitar seu reingresso nos termos definidos no Regulamento de Organização Didática do Instituto Federal do Ceará.

Art. 17 – O aluno que for proprietário ou sócio de pessoa jurídica terá suas atividades computadas para efeito de cumprimento do Estágio Supervisionado, desde que compatíveis com a habilitação conforme parecer ou autorização do professor orientador do respectivo curso; sejam tais atividades desempenhadas enquanto regularmente matriculado; proceda à matrícula no Estágio Supervisionado junto à Coordenadoria de Acompanhamento de Estágios e atenda às normas legais e às estabelecidas neste regulamento.

§ 1º – Para o aproveitamento das atividades de que trata o caput deste artigo, o aluno deverá apresentar a ficha de matrícula do Estágio Supervisionado, o parecer ou autorização do professor orientador, o contrato social da empresa ou outro instrumento constitutivo da pessoa jurídica, cópias reprográficas do documento de identidade, do cadastro de pessoas físicas e comprovante de endereço da respectiva pessoa jurídica.

§ 2º - Para o encerramento do Estágio Supervisionado, o aluno deverá apresentar os relatórios, diários, periódicos e final do estágio devidamente vistados pelo professor orientador e a ficha de avaliação do estagiário firmada por algum cliente da empresa da qual o aluno seja sócio ou proprietário.

Art. 18 – O aluno que exercer atividades como profissional liberal ou autônomo terá estas validadas para efeito de cumprimento do Estágio Supervisionado, desde que compatíveis com a habilitação conforme parecer ou autorização do professor orientador do respectivo curso; sejam tais atividades desempenhadas enquanto regularmente matriculado; proceda à matrícula no Estágio Supervisionado junto à Coordenadoria de Acompanhamento de Estágios e atenda às normas legais e às estabelecidas neste regulamento.

§ 1º - Para a comprovação da natureza autônoma de prestação de serviços, o aluno poderá apresentar comprovante de recolhimento de contribuição previdenciária como contribuinte individual, comprovante de recolhimento de iss (imposto sobre serviços de qualquer natureza), declaração comprobatória de percepção de rendimentos (decore) expedida e firmada por contabilista, devidamente autenticada por meio de colagem da etiqueta auto-adesiva denominada declaração de habilitação profissional (dhp), contrato de prestação de serviço ou qualquer outro meio lícito que seja suficiente para provar sua condição, sob as penas da lei.

§ 2º - O professor orientador, para emitir parecer sobre o relatório de estágio, deverá visitar o ambiente de trabalho e avaliar as atividades desenvolvidas pelo aluno.

§ 3º - Para o encerramento do Estágio Supervisionado, o aluno deverá apresentar os relatórios diários, periódicos e final do estágio devidamente vistados

pelo professor orientador e a ficha de avaliação do estagiário firmada por algum cliente do aluno.

Art. 19 – O aluno pertencente ao quadro funcional de uma empresa (empregado) bem como os servidores públicos terão suas atividades computadas para efeito de cumprimento do Estágio Supervisionado, desde que compatíveis com a habilitação conforme parecer ou autorização do professor orientador do respectivo curso; sejam tais atividades desempenhadas enquanto regularmente matriculado; proceda à matrícula no Estágio Supervisionado junto à Coordenadoria de Acompanhamento de Estágios e atenda às normas legais e às estabelecidas neste regulamento.

§ 1º – Para o aproveitamento das atividades de que trata o caput deste artigo, o aluno deverá apresentar cópias de sua carteira de trabalho e previdência social (ctps) ou o ato de nomeação, o termo de posse e de efetivo exercício que comprovem sua condição de empregado ou de servidor.

§ 2º - Para o encerramento do Estágio Supervisionado, o aluno deverá apresentar os relatórios diários e periódicos (ambos vistados pelo supervisor da empresa e professor orientador, ANEXO II e III), o relatório final do estágio (ANEXO IV) e o termo de realização firmado por seu chefe imediato na empresa ou órgão de lotação.

Art. 20 - O aluno que, por qualquer motivo, interromper o estágio, deverá, no prazo de até 15 (quinze) dias contados do desligamento, comunicar tal fato à Coordenadoria de Acompanhamento de Estágios mediante apresentação do respectivo termo de rescisão.

Art. 21 – O aluno que, por qualquer motivo, deixar de fazer apenas o Estágio Supervisionado da grade curricular do seu curso, mas estiver atuando profissionalmente em sua área de formação há pelo menos 03 (três) anos contados do momento em que o aluno cumpriu os requisitos para a matrícula no estágio supervisionado, deverá dirigir requerimento à Coordenadoria de Acompanhamento de Estágio que encaminhará ao Coordenador do Curso do aluno requerente e ao

professor orientador, bem como ouvirá a Coordenadoria Técnico-Pedagógica, e posteriormente solicitar parecer da Diretoria de Ensino do Campus, visando o aproveitamento da experiência profissional, para fins de cumprimento do Estágio Supervisionado.

§ 1º Caso entenda cabível o aproveitamento, a Diretoria de Ensino remeterá o processo à Coordenadoria de Controle Acadêmico para expedição de diploma.

§ 2º No caso de indeferimento do pedido caberá recurso em única instância ao Reitor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará.

CAPÍTULO V

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 22 – O presente regulamento integra o manual do estagiário.

Art. 23 – Os ANEXOS I a X são, também, partes integrantes do presente regulamento.

Art. 24 – Os casos omissos serão resolvidos pela Pró-reitoria de Ensino ou Extensão.

ANEXO I - Ficha de matrícula.

ANEXO II – Relatório Diário de Atividades.

ANEXO III – Relatório Periódico de Atividades.

ANEXO IV – Relatório Final de Estágio para Cursos Técnicos. ANEXO V – Relatório Final de Estágio para Cursos Superiores.

ANEXO VI - Ficha de visita do professor orientador à parte concedente de estágio. ANEXO VII - Termo de Realização e Avaliação do Estágio.

ANEXO VIII - Termo de Compromisso de Estágio.

ANEXO IX - Plano de Atividades do Estagiário (parte integrante do TCE). ANEXO X – Formulário para Cadastramento de Empresa

ANEXO I – FICHA DE MATRÍCULA (UMA VIA)

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
CEARÁ**

CAMPUS: _____

MATRÍCULA NO ESTÁGIO

Aluno: _____ Matricula nº: _____

Data de Nascimento: __/__/__ RG: _____ CPF: _____

Endereço: _____ Nº: ____ Bairro: _____

Cidade: _____ e-mail: _____

CEP: _____ Telefone: _____ Celular: _____

Curso: _____

Empresa: _____

Endereço: _____ Nº _____

Bairro: _____ Telefone: _____

Cidade: _____ Estado: _____ CEP: _____

Supervisor do estágio na empresa: _____ Telefone: _____

Em ____ / ____ / ____

Assinatura do aluno

Observações:

- É obrigatória a apresentação desta ficha no ato da matrícula na Coordenadoria de estágios, para iniciar o estágio obrigatório;
- A data oficial do início do estágio é a constante do verso deste documento; O estágio é válido somente para aluno regularmente matriculado e com frequência às aulas;
- O(a) estagiário(a) deverá comparecer à instituição, no mínimo, uma vez por mês para contactar com o orientador, conforme os horários de permanência do mesmo.

Espaço Reservado ao IFCE

1. Aluno (a) matriculado (a) no estágio em ____/____/____

Assinatura do servidor

Observações:

Assinatura e carimbo do professor orientador

2. Autorizo a antecipação da matrícula do (a) aluno (a) na disciplina de Estágio Supervisionado em razão de:

Assinatura e carimbo do professor orientador

ANEXO II – RELATÓRIO DIÁRIO DE ATIVIDADES. (TRÊS VIAS)

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ

CAMPUS: _____

RELATÓRIO DIÁRIO DE ATIVIDADES

Nome do Estagiário: _____

Nome da Empresa: _____

Curso: _____

Professor Orientador do IFCE: _____

Supervisor da empresa _____

MÊS: _____

ANO: _

TOTAL DE HORAS DO MÊS: _____

TOTAL DE HORAS ACUMULADAS : _____

<i>Data</i> ____/____/____ <i>Horas Trabalhadas</i>	<i>ATIVIDADES</i>	<i>OBSERVAÇÕES:</i> <i>(Dificuldades surgidas e soluções adotadas)</i>

ANEXO III – RELATÓRIO PERIÓDICO DE ATIVIDADES. (TRÊS VIAS)

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ

CAMPUS: _____

RELATÓRIO PERIÓDICO DE ATIVIDADES

I) IDENTIFICAÇÃO DA EMPRESA

Nome da empresa: _____

Supervisor: _____

II) IDENTIFICAÇÃO DO ESTAGIÁRIO

Nome: _____

Matrícula nº: _____

Curso: _____

Período avaliado: _____ / _____ / _____

Professor(a) orientador: _____

**III) ATIVIDADES DESENVOLVIDAS DURANTE O ESTÁGIO NO
PERÍODO DE _____ / _____ / _____ a _____ / _____ / _____ :**

V – AVALIAÇÃO DO ESTAGIÁRIO:

- Conceitos:

(4) Muito Satisfatório

(3) Satisfatório

(2) Pouco Satisfatório

(1) Insatisfatório

- Critérios:

() Aplicação do conhecimento teórico

() Relacionamento

() Assiduidade/pontualidade

() Aprendizado

() Iniciativa

() Cooperação

_____, _____ de _____ de _____.

Assinatura do estagiário

Assinatura do Professor Orientador

Assinatura do supervisor da parte concedente de estágio

ANEXO IV – RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO PARA CURSOS TÉCNICOS. (UMA VIA)

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ

CAMPUS: _____

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO PARA CURSOS TÉCNICOS

• ESTAGIÁRIO

Nome: _____

Curso: _____

• PARTE CONCEDENTE

Nome: _____

Supervisor de Estágio: _____

• ESTÁGIO

Período de realização _____ / _____ / _____ a _____ / _____ / _____

Setor de estágio na parte
concedente _____

Situação: Estagiário () Empregado () Outros: _____

O emprego foi decorrência do estágio? Sim () Não ()

Total de horas do estágio

1. Obtenção do estágio: Pelo IFCE () Pelo Aluno () Outros ()

2. Descreva as atividades desenvolvidas pela parte concedente do estágio:

3. Enumere as atividades realizadas durante o seu período de estágio:

4. Especifique as principais dificuldades encontradas durante seu estágio, estabelecendo uma comparação entre os conhecimentos técnicos na instituição de ensino e as atividades práticas desenvolvidas na parte concedente do estágio.

5. A empresa oferece estrutura adequada para a realização do estágio?

6. Conhecimentos adquiridos no estágio. Cite treinamentos, cursos, seminários, leituras de manuais, livros técnicos, etc.

7. Avalie:

a) A assistência e orientação dada pela parte concedente para execução de suas atividades durante o estágio:

b) o acompanhamento de seu estágio pelo IFCE:

8. Conclusão:

8.1 Dê sua opinião sobre:

a) Sua participação como estagiário da parte concedente

b) Como se sente frente ao mercado de trabalho.

8.2 Críticas e sugestões:

- Indique que assunto deve ser incluído ou excluído no seu curso. Justifique.

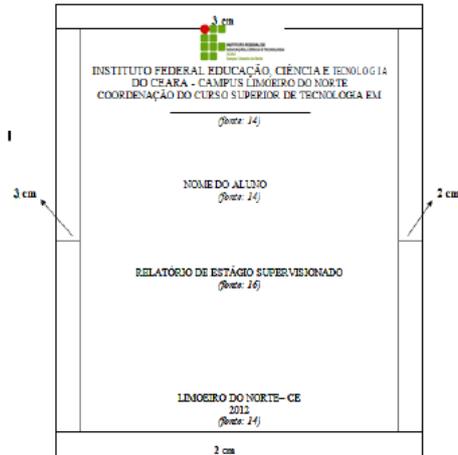
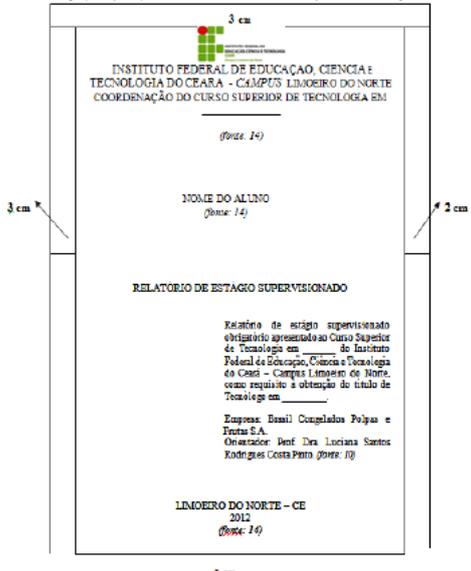
- Dê sugestões, a fim de que o IFCE melhore a qualidade do seu ensino.

_____ / _____ / _____

Assinatura do (a) aluno (a)

ANEXO V - RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO PARA CURSOS SUPERIORES. (UMA VIA)

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO PARA CURSOS SUPERIORES

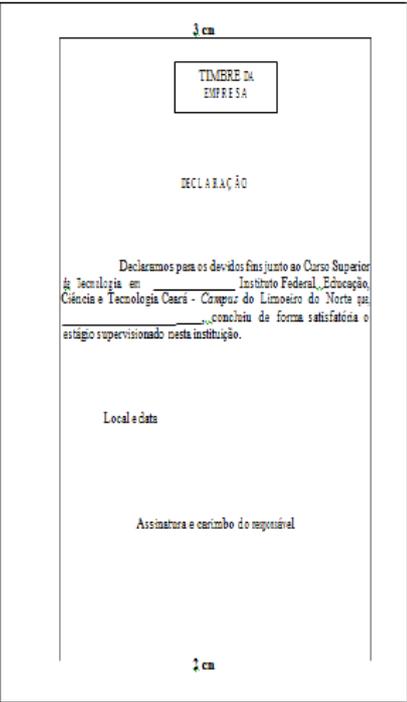
<p>1. ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS</p> <p>São os elementos preliminares, cujos objetivos principais são os de identificar o trabalho e orientar a leitura do texto principal. Elementos de proteção e estética. Não são contados nem numerados e devem conter:</p> <p>1.1 CAPA</p> <p>Parte externa do volume contendo a identificação do trabalho: a logomarca e o nome do IFCE e da coordenação responsável, tipo de trabalho e título, o nome do estagiário, local e ano de depósito.</p> <div style="text-align: center;">  </div> <p style="text-align: center; font-size: small;">Figura 1 – Modelo de Capa</p>	<p>1.2 FOLHA DE ROSTO</p> <p>Folha principal de identificação do trabalho, contendo os seguintes elementos: Instituição, autor, tema, nota indicando a natureza do trabalho, local e data do depósito.</p> <div style="text-align: center;">  </div> <p style="text-align: center; font-size: small;">Figura 2 – Modelo de Folha de Rosto</p>
---	---

<p>18 LISTAS DE TABELAS, FIGURAS, ABREVIATURAS, SIGLAS OU SÍMBOLOS (condicionadas à conveniência)</p> <p>É a relação de tabelas, quadros e figuras existentes em um trabalho. Deve ser apresentada em folha distinta incluindo-se palavra designando o tipo de ilustração, número de ordem título e página. Elaborar lista própria para cada tipo, desde que a mesma presente, no mínimo, cinco itens. Caso contrário, elaborar única lista denominada LISTA DE ILUSTRAÇÕES</p> <p>19 RESUMO E PALAVRAS-CHAVE</p> <p>O resumo deverá conter, no máximo, 250 (duzentas e cinquenta) palavras ou 15 linhas em espaço simples, parágrafo único e deverá expressar de forma concisa os pontos relevantes tratados no relatório final da prática de ensino. Devem-se incluir palavras-chave após o resumo.</p>	<p>1.7 SUMÁRIO</p> <p>É a enumeração das principais divisões ou seções do trabalho, na ordem em que a matéria nele se sucede. As divisões são grafadas exatamente como aparecem no texto (veja modelo).</p> <p>LISTA DE TABELAS, FIGURAS, SÍMBOLOS (Inserir somente listas indispensáveis à compreensão do trabalho)</p> <p>RESUMO (Resumo com até 250 palavras em parágrafo único, com título em caixa alto centralizado)</p> <p>1 INTRODUÇÃO (Esta parte pode ser um texto único, descrevendo onde se realizou a Prática de Ensino, qual seguimento de ensino, questões legais, carga horária, programa da disciplina, conteúdos trabalhados, etc), focando justificativa, objetivos dessa etapa, referencial teórico, metodologia utilizada, tempo de duração da prática, entre outros aspectos.</p> <p>2 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO</p> <p>3 DESENVOLVIMENTO DO ESTÁGIO</p> <p> 3.1 Referenciais teóricos</p> <p> 3.2 Metodologia</p> <p> 3.3 Resultados e análise</p> <p>4 CONCLUSÕES (Ver “Normas para elaboração...”)</p> <p>REFERÊNCIAS (Ver “Normas para elaboração...”)</p> <p>ANEXOS (Ver “Normas para elaboração...”)</p>
---	---

<p>2. ELEMENTOS TEXTUAIS</p> <p>Texto que é parte do trabalho onde se expõe o conteúdo do relatório. A redação deve ser feita em escrito em linguagem impessoal (Ex: observou-se, percebe-se, compreende-se, etc.), esta parte do relatório deverá conter uma media 20 (vinte) páginas em espaço um e meio. Com parágrafos curtos, linguagem técnico-científica, com uma apresentação seqüencial e lógica. A descrição das atividades desenvolvidas deve obedecer a seções específicas obedecendo a uma numeração progressiva.</p> <p>2.2 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO</p> <p>Descrição breve da instituição onde se realizou o estágio, como histórico, localização, caracterização ou qualquer informação que achar pertinente. Descrever de forma objetiva, se achar relevante, os aspectos administrativos, a filosofia da empresa, relacionamento com pessoas de diferentes níveis hierárquicos que observou na empresa, sempre tomando cuidado com os aspectos éticos envolvidos em tal abordagem. Este é o momento de caracterizar o local onde ocorreu a prática e não de denúncia.</p>	<p>2.1 INTRODUÇÃO</p> <p>Ao ler a introdução deve-se ter uma visão geral do conteúdo do relatório. A introdução deve explicitar claramente o objeto da prática de ensino de forma contextualizada, indicando a natureza, importância, objetivos e a organização do relatório. A introdução é importante para orientar aquele que vai ler o relatório. Apresenta uma visão geral daquilo que será desenvolvido. Deve conter informações de quem fez o relatório, o que contém, onde, como e porque foi feito o estágio. Aborda o assunto de maneira generalizada e breve.</p> <p>2.3 DESENVOLVIMENTO DO ESTAGIO</p> <p>O desenvolvimento tem por objetivo expor, extensamente, as idéias principais, analisando-as e ressaltando os pormenores mais importantes. Cada atividade contida no plano, dentre outras que o aluno realizar. Aqui, o estagiário relatará o que, por que e como foi feito e o resultado final dessa atividade. O desenvolvimento é uma etapa que pode ser redigida logo após a realização de cada atividade prevista no cronograma. Ela contém um relato preciso das observações, análise e acompanhamento de sua experiência pré-profissional vivida em condições reais de trabalho tanto nas fases de observação quanto nas intervenções em sala e extra-sala.</p>
<p>2.3.1 Referenciais teóricos</p> <p>Relatar de forma sucinta, as bases teóricas e legais (conhecimento) que foram utilizados para desempenhar as</p>	<p>2.3.2 Metodologia</p> <p>Descrever a metodologia utilizada para desempenhar as tarefas da prática de ensino, ou seja, cada objetivo específico. Neste caso, é</p>

<p>funções durante a Prática de Ensino (pode-se, inclusive, citar a(s) disciplina(s) que teve (tiveram) maior impacto no desenvolvimento do trabalho). As referências bibliográficas – e de outra natureza – citadas aqui devem constar na seção Referências.</p> <p>2.3.3 Resultados e análise</p> <p>Resultados (ou produtos) alcançados no desenvolvimento da prática de ensino. Podem ser apresentadas Tabelas ou Figuras nesta seção, desde que de acordo com as normas da ABNT. Nesta seção, também podem ser colocadas às dificuldades pedagógicas e técnicas encontradas e as formas como se contornam esses problemas. Possíveis soluções ou sugestões de eventuais melhorias nos aspectos técnico-pedagógicos da escola podem ser feitas nesta seção. Informações ou documentos que sejam importantes, mas que “quebrem” a fluência do texto, devem ser colocadas em anexos.</p> <p>3. ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS</p> <p>3.1 REFERÊNCIAS</p> <p>A lista de referências inclui todas as fontes bibliográficas ou de outra natureza referenciadas ou citadas no texto do relatório, organizadas por ordem alfabética e seguindo as normas descritas neste documento, que obedecem à NBR 6023 (AGO 2002). Para maiores informações sobre a apresentação dessas referências, consultar a NBR citada.</p>	<p>melhor enumerar os procedimentos utilizados e explicar cada um deles mais ou menos na ordem em que eram executados, e se necessário ressaltando a sua necessidade.</p> <p>2.4 CONCLUSÕES</p> <p>Principais conclusões alcançadas com a prática de ensino, ou seja, o significado dos dados mais relevantes observados ou coletados para resolver o problema proposto, e/ou como as atividades foram importantes para a formação acadêmica do futuro professor, e/ou como as expectativas teóricas se comportaram na prática. Estagiário. Aqui devem aparecer as críticas, positivas ou negativas, devendo ser sempre construtivas e nunca pessoais. Na conclusão o estagiário tem a oportunidade de dar sua opinião sobre a validade da prática de ensino, a importância do mesmo para sua vida profissional, enfim, se a teoria aprendida no decorrer do curso, contribuiu para a realização da prática.</p> <p>3.2 ANEXOS (opcional)</p> <p>Informações ou documentos utilizados em tarefas descritas da prática de ensino que possam ser de interesse, mas não essenciais à compreensão do texto ou que causariam uma falta de fluência caso fossem inseridos no texto. Os Anexos constituem um conjunto de material ilustrativo ou complementar ao texto, tais como gráficos, tabelas, diagramas, fluxogramas, fotografias, tabelas de cálculos, símbolos, descrição de equipamentos, modelos de formulários e questionários, plantas ou qualquer outro material</p>
---	---

<p>ABNT. NBR 6022: informações e documentação: artigo em publicação periódica científica impressa: apresentação. Rio de Janeiro, 2003. 5 p.</p> <p>ABNT. NBR 6023: informação e documentação: elaboração: referências. Rio de Janeiro, 2002. 24 p.</p> <p>ABNT. NBR 6024: informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento. Rio de Janeiro, 2003. 3 p.</p> <p>ABNT. NBR 6028: resumos. Rio de Janeiro, 2003. 2 p.</p> <p>ABNT. NBR 10520: informação e documentação: citação em documentos. Rio de Janeiro, 2002. 7 p.</p> <p>ABNT. NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002. 6 p.</p> <p>IBGE. Normas de apresentação tabular. 3. ed. 1993.</p>	<p>de consulta. O material ilustrativo deve aparecer somente quando necessário à compreensão, esclarecimento do texto, sem qualquer finalidade decorativa ou de propaganda. Se for em número reduzido e indispensável ao entendimento do texto, deve ser usado junto à parte a que se refere. Quando em maior quantidade, para não sobrecarregar o texto, é colocado como anexo. Cada anexo deve ser uma informação ou documento distinto, vindo em uma folha diferente e numerado por A, B, C etc., <u>assim como deve ter sido citado em algum lugar do texto principal.</u></p>
<p>3.2.1 DECLARAÇÃO DA ENTIDADE CONCEDENTE</p> <p>Emitida pela empresa, em papel timbrado, informando o que o estagiário cumpriu ou não a Prática de Ensino. Lembramos que o aluno deve ficar com o original.</p>	<p>4. ORGANIZAÇÃO DOS ORIGINAIS</p> <p>4.1 REDAÇÃO DO RELATÓRIO</p> <p>Para a redação do relatório, devem ser observados os seguintes requisitos mínimos:</p> <ol style="list-style-type: none"> Uso de linguagem técnico-científica; Linguagem impessoal e direta (sujeito, verbo, predicados e complementos); Não usar pronomes e adjetivos pessoais (nosso, ele, ela, meu, etc.); Estilo de fácil compreensão e transparente; Uso de parágrafos curtos; Lógica no encaminhamento das idéias: início, meio e fim

 <p>3 cm</p> <p>TIMBRE DA EMPRESA</p> <p>DECLARAÇÃO</p> <p>Declaramos para os devidos fins junto ao Curso Superior de Tecnologia em Instituto Federal, Educação, Ciência e Tecnologia Ceará - Campus do Limoeiro do Norte que _____, concluiu de forma satisfatória o estágio supervisionado nesta instituição.</p> <p>Local e data</p> <p>Assinatura e carimbo do responsável</p> <p>2 cm</p> <p>Figura 4 – Modelo de declaração</p>	<h2>4.2 FORMATAÇÃO GRÁFICA</h2> <p>Papel – O formato de papel recomendado para a impressão deve ser o A4 (210x297mm). O documento deve ser produzido usando-se apenas o anverso (frente do papel).</p>
<p>Margens – Superior de 3 cm, Inferior 2 cm, Esquerda de 3 cm, Direita de 2 cm.</p> <p>Tipo e tamanho de letra (fonte) – Recomenda-se o uso da fonte Time New Roman ou Arial, tamanho 12. Para citações longas, notas de rodapé, tabelas, quadros e ilustrações usar Time New Roman ou Arial 10.</p> <p>Espaçamento entre linhas</p> <p>a) Para o texto corrido: espaço um e meio (1,5);</p> <p>b) Para citações longas com mais de três linhas: fonte 10 e espaço simples;</p> <p>c) Para resumos: espaço simples;</p> <p>d) Para notas de rodapé: fonte 10 e espaço</p>	<p>Encadernação</p> <p>Encadernação sem espiral, com capa transparente.</p> <p>Citações</p> <p>De acordo com a ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas (2001, p.1), citação é a “menção no texto de uma informação extraída de outra fonte”. As citações devem ser usadas com o objetivo de apoiar e esclarecer idéias apresentadas no texto. As citações podem ser diretas; indireta; mista e citação. A apresentação de citações em documentos está definida na NBR 10520 (AGO 2002).</p>

simples;
e) Para referências (bibliográficas ou não):
espaço simples e entre elas espaço duplo.

Numeração de páginas

Numerar as páginas seqüencialmente, com algarismos arábicos, no canto superior direito. Conta-se a partir da folha de rosto, embora só devam ser numeradas a partir da segunda folha do texto, ou seja, folha imediatamente após a introdução. No caso do apêndice e anexos devem ser numerados de forma contínua e sua paginação deve dar seguimento ao texto principal.

Notas de rodapé

As notas de rodapé têm a finalidade de complementar ou esclarecer o texto. São registradas ao pé da página, sendo indicadas por números. Recomenda-se evitar o uso excessivo de notas de rodapé. Deve ser grafadas em espaço simples, letra 10, iniciando a dois espaços da última linha da página (conforme editor de texto). A primeira linha da nota deve iniciar parágrafo da margem esquerda antecedida pela chamada que tem a mesma apresentação do texto (asterisco ou número).

**ANEXO VI - FICHA DE VISITA DO PROFESSOR ORIENTADOR À PARTE CONCEDENTE
DE ESTÁGIO. (TRÊS VIAS)**

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ

CAMPUS: _____

**FICHA DE VISITA DO PROFESSOR ORIENTADOR DE ESTÁGIO À PARTE CONCEDENTE
DE ESTÁGIO**

I - IDENTIFICAÇÃO

Parte Concedente:

Endereço:

Bairro:

Cidade

Estado

Telefone

Fax

CEP

Supervisor da parte concedente responsável pelo acompanhamento e orientação do estagiário:

Nome: _____

Cargo/função: _____ Telefone: _____

Estagiário: _____

Curso: _____

II - INFORMAÇÕES DA PARTE CONCEDENTE

1. Qual o ramo de atividade da parte concedente do estágio?

2. A parte concedente já visitou a instituição? SIM () NÃO ()
Qual a finalidade da visita?

3. Avaliação das instalações da parte concedente do estágio e sua adequação à formação cultural e profissional do estagiário.

() Satisfatórias

() Insatisfatórias. Por quê?

4. As atividades desempenhadas em estágio apresentam compatibilidade com a proposta pedagógica do curso e formação profissional do estagiário?

SIM () NÃO () Por quê?

6. O supervisor da parte concedente apresentou sugestões para a melhoria da formação técnica de nossos alunos? NÃO () SIM () Quais?

7. O supervisor apresentou sugestões para oferta de novos cursos ou para a reformulação das grades curriculares já existentes? NÃO () () SIM Quais?

_____, _____ de _____ de _____.

Assinatura do Professor Orientador

Assinatura do supervisor da parte concedente

**ANEXO VII - TERMO DE REALIZAÇÃO E AVALIAÇÃO DO ESTÁGIO.
(UMA VIA)**

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ

CAMPUS: _____

TERMO DE REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO

(PREENCHIMENTO PELA PARTE CONCEDENTE)

Aluno: _____ Matricula nº: _____

Data de Nascimento: ___/___/___ RG: _____

CPF: _____

email: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

CEP: _____ Telefone: _____ Celular: _____

Curso: _____

Parte Concedente: _____

Endereço: _____ Nº _____

Bairro: _____ Telefone: _____

Cidade: _____ Estado: _____ CEP: _____

Supervisor do estágio na parte concedente: _____ Telefone: _____

Ramo de atividade da parte concedente: _____

Relacione as principais tarefas executadas pelo estagiário(a).

• **Desempenho funcional do estagiário(a).**

	Ótimo	Bom	Regular	Insuficiente
2.1 – Aprendizagem	()	()	()	()
2.2 – Segurança na execução do trabalho	()	()	()	()
2.3 – Interesse	()	()	()	()
2.4 – Iniciativa própria	()	()	()	()
2.5 – Conhecimentos técnicos	()	()	()	()
2.6 – Qualidade/Produtividade	()	()	()	()
2.7 – Disciplina	()	()	()	()
2.8 – Relacionamento Interpessoal	()	()	()	()
2.9 – Assume a responsabilidade de seus atos	()	()	()	()
2.10 – Pontualidade	()	()	()	()
2.11 – Assiduidade	()	()	()	()

• **A parte concedente faz avaliação do estágio através de:**

Reuniões () Relatórios () Observações ()

Outros meios () Citar _____

4. O aluno cumpriu nesta parte concedente _____ horas de estágio
no período de ____/____/____ a ____/____/____.

5. Apresente sugestões para alteração de matrizes curriculares e ofertas de novos cursos:

Supervisor do estagiário na parte concedente
(Carimbo e Assinatura)

**CARIMBO COM C.N.P.J. DA PARTE CONCEDENTE OU COM O NÚMERO DO
REGISTRO NO CONSELHO DE FISCALIZAÇÃO PROFISSIONAL.**

ANEXO VIII - TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO. (DUAS VIAS)

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ

CAMPUS: _____

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO

Em conformidade com a Lei nº 11.788, de 25/09/2008, o INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ, *CAMPUS* _____, interveniente obrigatório neste instrumento, representado por

(cargo) doravante denominado, simplesmente, IFCE, e do outro lado, a empresa (nome)

CNPJ Nº _____, situada a Rua (Av.)

_____, Nº _____,

Bairro _____, CEP: _____, Fone: _____,

Fax: _____, ramo de atividade

_____, E-mail

_____, doravante designada PARTE

CONCEDENTE, e o estagiário

CPF Nº _____, data de nascimento ____/____/_____, residente

na Rua (Av.) _____

nº _____, Complemento: _____, Bairro _____, Cidade

_____, CEP. _____, aluno do Curso de

_____, Semestre _____, desta

instituição de ensino, resolvem firmar o presente Termo de Compromisso de estágio, mediante as cláusulas e condições a seguir estabelecidas:

- PRIMEIRA – As atividades desenvolvidas pelo estagiário devem ser compatíveis com a formação recebida no Curso, conforme plano de atividades em anexo.
- SEGUNDA – Caberá à parte concedente:
 - a) Oferecer ao estagiário condições de desenvolvimento vivencial, treinamento prático e de relacionamento humano com observância do plano de atividades do estagiário que passa a ser parte integrante deste documento;
 - b) Proporcionar à instituição de ensino condições para o aprimoramento e avaliação do estagiário.
 - c) Designar profissional qualificado como supervisor do estagiário.
 - d) Estabelecer nos períodos de atividades acadêmicas redução de pelo menos a metade da jornada a ser cumprida em estágio.
 - e) Conceder período de 30 dias de recesso ao estagiário sempre que o estágio tenha duração igual ou superior a 01(um) ano ou proporcional quando de duração inferior a ser gozado preferencialmente durante as férias escolares.
 - f) Fornecer, por ocasião do desligamento do estagiário, termo de realização do estágio com indicação resumida das atividades desenvolvidas, dos períodos e da avaliação de desempenho.
- TERCEIRA – Caberá ao Estagiário:
 - Cumprir as atividades estabelecidas pela parte concedente de acordo com a cláusula primeira;
 - Observar as normas internas da parte concedente;
 - Cumprir as instruções contidas no Manual do Estagiário elaborado pela instituição de ensino.
- QUARTA – O Horário do estágio será das _____ às _____ horas e de _____ às _____ horas perfazendo _____ semanais, devendo esta jornada ser compatível com o horário escolar do estagiário.
- QUINTA – Este Termo de Compromisso terá vigência de ____/____/____ a ____/____/____, podendo ser rescindido a qualquer tempo, unilateralmente, mediante comunicação escrita, independente de pré-aviso, inexistindo qualquer indenização e vínculo de emprego.
- SEXTA – A parte concedente remunerará mensalmente o estagiário através de uma bolsa-auxílio, no valor de R\$ _____ (_____) e de auxílio-transporte no valor de R\$ _____ (_____).
- SÉTIMA - A parte concedente, neste ato, oferece ao estagiário seguro contra acidentes pessoais, com cobertura limitada ao local e período de estágio, mediante

apólice n° _____ da Companhia _____,
comprovado mediante fotocópia da apólice.

- OITAVA – A Empresa designa o funcionário _____ cargo/qualificação: _____ para ser o supervisor (a) interno do estagiário, que ficará responsável pelo acompanhamento e programação das atividades a serem desempenhas no estágio.
- NONA – Constituem motivos para cessação automática do presente Termo de Compromisso:
 - A conclusão ou abandono do estágio ou cancelamento de matrícula.
 - O não cumprimento das cláusulas estabelecidas neste documento.
 - O trancamento ou o abandono do semestre ou do curso.
 - A conclusão do curso.
 - Não frequência às aulas.
 - Pedido de rescisão por parte do aluno ou da parte concedente.

Estando de acordo com o que ficou acima expresso, vai o presente instrumento assinado, em três vias de igual teor, pelas partes.

_____, _____ de _____ de 20__.

Empresa
(Assinatura e carimbo)

Aluno Estagiário/Bolsista
(Assinatura)

Instituição de Ensino
Coordenadoria de Estágios
(Assinatura e carimbo)

ANEXO IX - PLANO DE ATIVIDADES DO ESTAGIÁRIO. (TRÊS VIAS)

PLANO DE ATIVIDADES DO ESTAGIÁRIO

(PARTE INTEGRANTE DO TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO)

1. IDENTIFICAÇÃO DA EMPRESA E SUPERVISOR:

Nome da Empresa:	
ENDEREÇO:	CEP:
CIDADE:	CNPJ:
TELEFONE:	FAX:
E-MAIL:	
SUPERVISOR DO ESTÁGIO DESIGNADO PELA EMPRESA:	
CARGO/QUALIFICAÇÃO:	
TELEFONE:	

2. IDENTIFICAÇÃO DO ESTAGIÁRIO:

Nome :	Telefone:
Curso:	Semestre:
Período do estágio: / / a / /	
Setor de realização do estágio:	

3. IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO:

CAMPUS:	
PROFESSOR ORIENTADOR:	TELEFONE:
E-MAIL DO PROFESSOR ORIENTADOR:	

4. ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS NO ESTÁGIO:

5. RESULTADOS ESPERADOS:

ASSINATURA E CARIMBO DO SUPERVISOR NA PARTE CONCEDENTE

ASSINATURA DO (A) ESTAGIÁRIO(A)

ASSINATURA E CARIMBO DO PROFESSOR ORIENTADOR IFCE

APÊNDICE



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ

Plano de Ação do(a) Coordenador(a) do Curso

DADOS GERAIS DE IDENTIFICAÇÃO

Curso: Tecnologia em Agroindústria

Coordenador (a): Cláudia Patrícia Mourão Lima Fontes

Campus: Ubajara

Período que será implementado: 22/01/2019 a 20/12/2019

1. Apresentação

Neste documento, será apresentado o plano de ação da coordenação do curso de Tecnologia em Agroindústria (IFCE/Ubajara), relativo ao ano de 2019. O curso de Tecnologia em Agroindústria aprovado pelo CONSUP, conforme Resolução nº010 de 04 de março de 2016, está atualmente, no 6º semestre de funcionamento, portanto, ainda não existem egressos. Durante esse período foram 203 alunos ingressantes, dos quais 139 (68,47%) permanecem em curso, 42 como egressos sem êxito e 22 com estudos trancados. Com base nos dados expostos, observa-se uma considerável taxa de egressos sem êxito, a qual esta relacionada à dificuldade dos discentes em adaptarem-se aos conteúdos abordados e à dinâmica de um curso de Ensino Superior, principalmente, no 1º semestre do curso, e dificuldade em conciliar a atividade acadêmica com o trabalho.

Desta forma, é notória a necessidade da realização de ações que visem a um maior conhecimento do curso pelos discentes, que evidenciem a importância do Tecnólogo em Agroindústria no mercado nacional, que despertem para os potenciais que podem ser desenvolvidos no decorrer de sua trajetória acadêmica e que contribuirão diretamente para aprimorar sua atuação profissional, contribuindo dessa forma, para um maior interesse e adesão dos discentes ao curso.

É evidente que o êxito dessas ações está diretamente associado à atuação da coordenação do curso. No entanto, vale ressaltar, a necessidade também, de uma melhor organização administrativa, a qual possibilite o devido atendimento às demandas do curso e

contribua para o aprimoramento constante, da comunicação entre coordenação, docentes, discentes e demais setores da instituição.

O curso receberá em 2019, a visita dos avaliadores do MEC para seu reconhecimento, e para isso, a coordenação tem atuado efetivamente na organização prévia da documentação necessária, repasse de informações referentes a este processo, com o Colegiado, Núcleo Docente Estruturante (NDE), docentes, discentes e técnicos administrativos, acompanhamento de obras de construção do laboratório de Processamento Vegetal e verificação das demandas do curso.

As ações propostas para 2019 com base nas necessidades vigentes do curso são:

- Realizar diagnóstico dos alunos ingressantes, em parceria com a Coordenação Técnico Pedagógica (CTP) e docentes, visando detectar possíveis dificuldades e traçando estratégias didático-pedagógicas para solução dessas demandas;
- Presidir o Colegiado do Curso;
- Organização dos horários dos docentes para os semestres 2019.1 e 2019.2;
- Acompanhamento do processo de atualização do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) do curso;
- Incentivar o desenvolvimento de atividades de extensão junto a comunidades rurais da região da Ibiapaba, que possibilitem a atuação ativa dos discentes como agentes multiplicadores de conhecimento;
- Realização da I Semana da Agroindústria do *campus* Ubajara e outros eventos relacionados ao curso;
- Divulgar amplamente aos docentes e discentes do Curso de Tecnologia em Agroindústria, o Regulamento das Atividades Complementares indicando os respectivos critérios de pontuação e validação;
- Realização de ação para explanação acerca das normas estabelecidas para o estágio obrigatório e não obrigatório desta IES, para alunos matriculados do 4º ao 6º semestre do curso de Tecnologia em Agroindústria;
- Organização e controle da realização viagens/visitas técnicas interdisciplinares com a colaboração dos docentes atuantes no curso;
- Incentivo de participação de docentes e discentes em projetos de pesquisa e extensão, assim como, a participação em eventos científicos na área;
- Acompanhamento do desempenho discente em Intercâmbio (Brasil- Portugal);
- Ampliação da divulgação dos eventos e acontecimentos relacionados ao curso, nos meios oficiais e redes sociais;
- Ampliação da divulgação dos canais de atendimento da coordenação, facilitando o acesso dos discentes e docentes;
- Ampliação da divulgação dos canais de atendimento dos docentes do curso, facilitando o acesso dos discentes;
- Acompanhamento da construção do laboratório de processamento vegetal, assim como, a compra de materiais e equipamentos necessários;

- Acompanhamento de processos de aquisição de insumos para realização de aulas práticas.
- Acompanhamento periódico das atividades de antecipação/reposição de aulas e sábados letivos;
- Preparação dos docentes e discentes para o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE);
- Preparação do curso para o processo de reconhecimento do curso pelo MEC.

-

2. Objetivo geral

- Promover melhorias no curso, redução dos índices de evasão e retenção, contribuindo para, um resultado satisfatório no processo de ensino-aprendizagem e uma excelente formação profissional.

2.1. Objetivos específicos

- Realizar ações que promovam para maior conhecimento do curso e perfil profissional pelos discentes, e que contribuam para a permanência destes, no curso;
- Identificar dificuldades pedagógicas e atuar para resolvê-las com auxílio da Coordenação Técnico-Pedagógica (CTP), Assistência Estudantil, Direção de Ensino e demais docentes;
- Incentivar a participação do corpo discente em parcerias para capacitação da comunidade;
- Incentivar a participação dos corpos docente e discente em projetos de Pesquisa e Extensão, a participação de discentes em eventos científicos e a divulgação à comunidade acadêmica, das atividades desenvolvidas;
- Colaborar para um ambiente institucional mais organizado e ágil na solução de demandas;
- Colaborar para um ambiente de maior integralização entre discentes do curso;
- Ampliar a visibilidade do curso de Tecnologia em Agroindústria, *Campus Ubajara* perante à comunidade e a todo o Instituto Federal do Ceará.

3. Cronograma de execução

Ação	Período	Indicador de desempenho
Realizar diagnóstico dos alunos ingressante	Semestral	Melhora no desempenho de discentes ingressantes

Organização dos horários dos docentes para os semestres 2019.1 e 2019.2;	Semestral	Melhora na organização das disciplinas, para docentes e discentes.
Atualização do Programa Pedagógico do Curso (PPC) do curso;	Semestral	Melhora na organização didática do curso, possibilitando uma formação dinâmica e contextualizada para os discentes.
Incentivar o desenvolvimento de atividades de extensão junto a comunidades rurais da região da Ibiapaba	Semestral	Melhora no desempenho geral dos discentes e desenvolvimento de suas habilidades profissionais
Realização da I Semana da Agroindústria do <i>campus</i> Ubajara	Semestral	Melhora na identificação dos discentes ao curso
Realização de ação para explanação acerca das normas estabelecidas para o estágio obrigatório e não obrigatório desta IES	Semestral	Melhora no desempenho geral dos discentes
Incentivo de participação de docentes e discentes em projetos de pesquisa e extensão, assim como, a participação em eventos científicos na área;	Semestral	Melhora no desempenho geral dos discentes
Ampliação da divulgação dos eventos e acontecimentos relacionados ao curso, nos meios oficiais e redes sociais	Semestral	Melhora no desempenho geral dos discentes e docentes
Ampliação da divulgação dos canais de atendimento da coordenação, facilitando o acesso dos discentes e docentes	Semestral	Aumento da facilidade de comunicação com a coordenação

Ampliação da divulgação dos canais de atendimento dos docentes do curso, facilitando o acesso dos discentes		Aumento da facilidade de comunicação com docentes do curso
Acompanhamento da construção do laboratório de processamento vegetal, assim como, a compra de materiais e equipamentos necessários	Semestral	Melhora na estruturação do curso e qualidade das aulas
Preparação dos docentes e discentes para o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE)	Semestral	Melhora no desempenho geral dos discentes
Preparação do curso para o processo de reconhecimento do curso pelo MEC	Janeiro até a data da visita <i>in loco</i>	Reconhecimento do curso

5. Avaliação do Plano de Ação de Coordenador de Curso

O plano de ensino será submetido à avaliação do colegiado do curso que poderá aprova-lo parcial ou totalmente, por meio de registro em ata. Após aprovação total por parte do colegiado, a coordenação enviará ao gestor de ensino do *campus* que emitirá seu parecer. O desempenho do plano de ação será avaliado por representantes da Direção de Ensino, Coordenação Técnico Pedagógica (CTP) e colegiado do curso. A coordenação receberá um *feedback* parcial ao término do 1º semestre letivo e outro final no encerramento do ano letivo.



Assinatura do(a) Coordenador(a) do Curso.

